Fon-Fon
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
ANNO XXVII — N.º 38
Rio, 23 de Setembro de 1933
— PREÇO: 1$000 —

O CONTO BRASILEIRO

O esqueleto que tinha uma historia de amôr

(Ao dr. Luiz do Nascimento)

De Hilton Sette

NÃO se esqueça de ir ao medico. Hilcinha dia a dia peor...

Tinha já tomado o meu bonde do costume. Lia desinteressadamente o "Pequeno". Satisfeito de voltar ao aconchego do lar depois de um dia inteiro de prisão em meu escriptorio de advogado a ouvir queixas alheias, historias tristes dos outros. E, de subito, a lembrança daquella phrase. Daquella ultima recommendação de minha mulher ao sahir de manhã de casa.

De facto, a nossa filhinha andava doente. Uma qualquer coisa no somno agitado e irregular, no fastio definhador, na pallidez anemica, trahia ao seu estado mórbido de eterno aborrecimento e privava-a de acompanhar as travessuras dos irmãos no quintal. Vivia choramingando por dentro de casa. Ou no colo da "patroa", que não se cansava de me chamar a attenção para o phenomeno. Uma passageira perturbação no crescimento, pensei. Mas, longe de querer assumir a responsabilidade, ancioso mesmo pelo diagnostico do Fernão Viégas, meu ex-companheiro de collegio, saltei rapido do carro e galguei apressado os dois lances de escada para esperar a vez naquella salinha muito minha conhecida, cheia de quadros anatomicos nas paredes e muita limpeza no mobiliario de vime.

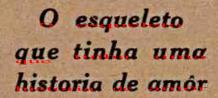
Felizmente, quasi vazia: um rapazinho de pé no chinelo e uma creança sem côr no colo duma mulher.

Quiz, a principio, folhear revistas. Depois cheguei á varanda. Distrahi-me em olhar a rua Nova, que se estirava lá em baixo, naquella tarde movimentada de sabbado, numa confusão bonita de côres, onde tudo se esbatia, tudo se confundia, desde o amarello-ocre dos bondes á polychromia dos vestidos estampados. Mais além, a ponte da Bôa Vista. Um trecho em curva do Capibaribe acinzentado. O casario da outra margem. E um céo azul que já ia se povoando de nuvens avermelhadas do sol quasi poente.

Os momentos fugiram nesses curtos momentos de contemplação. A voz do empregado alertou-me, por fim:

— Póde entrar, dr.

Virei-me. O meu amigo esperava-me na porta do gabinete, de braços abertos.

— Você por aqui! Alguma novidade, já se sabe...

— Sim. Quem tem filhos...

— O mais velhinho?

— Não. A menina.

E afundandome numa poltrona perto de sua larga mesa de trabalho, falei da doença de minha filha. Do somno irregular. Do definhamento. Da tristeza esquisita. Dos nossos receios.

— Não ha de ser nada, acredito. Talvez um pouco de raquitismo, muito natural na idade. Mas é

COMMERCIO — E' interessante!... A senhora tem, exactamente, as mesmas medidas da Venus de Milo...

melhor trazêl-a amanhã aqui. Nada de facilidades... Farei um exame minucioso. Aquelles seus meninos precisam é de banhos de mar. Uma temporada na praia para uma creança vale mais que muitos vidros de fortificantes.

— Bem sei, Fernão. Vontade não me falta de passar todos os annos alguns mezes na praia. Mas, que quer? Essa minha vida de fôro! Ha dias que não tenho tempo nem para ir almoçar em casa. E longe tudo será peor. Só os minutos perdidos na espera de um bonde ou "auto-omnibus"!

— Faz-se um sacrificio, meu amigo. Olhe eu... Você sabe qual é a minha labuta diaria. O hospital, a Assistencia, esta clinica... Pois bem. Tenho lá em Bôa Viagem o "ranchinho" onde passo todas as festas. Vamos em outubro e voltamos para o Carnaval. A meninada dá-se tão bem com aquella liberdade, aquelles banhos de sol, aquelles folguedos rusticos!

A conversa foi naturalmente mudada de rumo. Falamos de praias, estradas, marcas de automovel, diversões, cinema, viagens. Por duas vezes procurei me despedir. Mas como não houvesse ninguem esperando-o, lá fóra, o meu amigo prendia-me geitosamente num gostoso evocar dos tempos de collegiaes.

Em dado momento, não sei porque, os meus olhos foram pousar na immobilidade tetrica de um esqueleto articulado dentro de um armario de vidro.

— Você arranjou agora aquelle "camarada", hein? Não o conhecia ainda!

— Respeite-a. Aquella senhora...

— Sim? E' mulher?

— E uma expressiva reliquia de amôr!

Não pude comprehender. Fernão teve um sorriso apagado de mysterio.

— Aquelle esqueleto tem o seu romance. Uma historia um pouco amarga, é verdade. Um pouco crúa. Dolorosa. Mas, humana. Digna de um trabalho literario. Porque, nella, baila ao mesmo tempo algo de remorso e de odio. De arrependimento e de fatalismo. Si você quizesse evocar o tempo em que collaborava no *O Saber*... Ouça-me. Lembra-se daquellas férias que passei em Palmares, ao terminar o curso de preparatorios?

(Continúa na pag. seguinte)

O esqueleto que tinha uma historia de amor

— Sei... Sei... Que por signal lhe iam custando um casamento forçado, não foi? Si o seu padrinho não tivesse prestigio na terra...

— E' verdade. Uma verdadeira loucura de rapaz! Sangue quente de moço, não sabe? Abuso de confiança na minha *póse* de afilhado do prefeito, comprehende? E talvez, mesmo, um pouco de leviandade da parte della. A Maria dos Anjos, recorda-se? Uma morena no viço da puberdade. Menos bonita que faceira. Engraçada. Verdadeiro estopim para minha alma de adolescente. Apaixonei-me. Loucamente. Num grande desejo de pose. Sem medir as consequencias. Sem olhar o abysmo que nos separava. Ella — a humilde rendeira sertaneja. Eu — a elegancia em destaque do estudante em férias.

— E...

— Caminhamos juntos para a desgraça. Tinhamos encontros furtivos todas as noites. Escondidos entre moitas de velameiros. No ultimo delles, lembro-me bem. O céo lá por cima parecia enfeitado com uma grinalda alvissima de botões de laranjeira. Estavamos, os dois, sentados á margem do rio, bem nos fundos de seu casebre de palha. A solidão, o escuro da noite, a aproximação daquelle corpo quentissimo de mulher dissiparam-me a timidez de estreante nessas especies de conquista. Disse-lhe da impossibilidade de nosso casamento. Da opposição fatal de meus paes. De minha dependencia como menor. Teriamos de esperar muitos annos... A não ser que

(CONTINUAÇÃO

ella quizesse... E propuz-lhe a loucura. Seriamos um do outro. Depois... O mal já estava consumado. Ninguem poderia mais se oppôr...

— Dedo do demonio, hein?

— Maria dos Anjos, a principio, offereceu resistencia. Disse que não. Que era muito feio... Mas foi se abandonando toda. Entregando-se aos assaltos de meus beijos ardentes de sensualidade. Sendo minha. Ella me queria muito bem mesmo! E ficámos muitas horas abraçados, esquecidos de tudo, da mãesinha viuva della a costurar no casebre, do rio que rolava perto, do céo que se enchia cada vez mais de estrellas brancas. Uma noite! Uma noite só. Uma illusão. Um trapo de sonho. E a saciedade. No dia seguinte, estava arrependido. Envergonhado de minha situação. Apavorado ante o meu crime. Padrinho foi quem tratou de tudo. E, mezes depois, desembaraçado do processo que conseguimos abafar, dei adeus a Palmares, sabendo já que ia ser pae e que Maria dos Anjos, louca de desespero, procurava dar um fim qualquer ao fructo de seu amôr infeliz.

Fernão fez pausa para accender um cigarro. Recostou-se melhor na cadeira de molas. Fitou-me com seus olhos apertados de myope. E continuou:

— Chegando a Recife, naquella época, não pude logo estudar medicina como desejava. A morte de meu pae transtornou-me por completo os planos. Tive que me empregar. Padrinho arranjou-me um lugarzinho rendoso numa das Secretárias do Estado. E atirando-me resoluto á faina de ganhar a vida, cêdo me esqueci da Maria dos Anjos, que soube depois ter morrido de parto em complicações provenientes das drogas que ingerira para abortar. E conheci minha mulher. Namoro de conversa no portão e de cartinhas amorosas. Fui noivo ao ter um augmento de diaria. Casei-me um anno depois montando uma casinha que não fazia vergonha a quem nos visitasse. E a vida continuou a correr-me com vento a favôr. Bem quisto na repartição, gozava de certas regalias. Dando margem a que meu antigo sonho surgisse numa tentação... Não resisti.

O esqueleto que tinha uma historia de amôr

(CONCLUSÃO)

vestibular. Matriculei-me no primeiro anno medico. Duas cadeiras: Histologia e Anatomia.

— Foi quando precisou do esqueleto...

— Sim. Disseram-me que numa cidade do interior seria mais facil a acquisição. Escrevi a um amigo de Palmares encommendando-o. E fui, dias depois, buscál-o na estação. Vieram todos os ossos, muito bem embalados, num bahúzinho de madeira, que eu mesmo levei para casa de automovel e que minha mulher desembrulhou e abriu, curiosa, emquanto fui ao quarto mudar o paletó. Tanto que, ao voltar, já a encontrei entre-risonha, entre-enojada, pegando ora numa vertebra, ora num femur, ora num dos ossinhos minusculos da mão. Uma maravilha, meu caro! Um caso rarissimo de perfeita conservação! Examinei-os todos, um por um, satisfeitissimo, com a escolha. Mas quando os fui fechando de novo no bahú, detive-me. O sangue fugiu. Senti a vista escurecer. A cabeça girar. Mas disfarcei. Venci o mal estar. E Véra foi quem leu em voz alta: "*Maria dos Anjos da Conceição*".

— Ella!

— Sim. Talvez perfidia do meu amigo de Palmares. Talvez tambem obra do acaso. Quem sabe? Minha mulher não comprehendeu. Continuou a sorrir. Feliz. Com um braço passado no meu pescoço, lembro-me bem... E eu deixei-a assim, illudida, naquelle ignorar venturoso, sem saber a historia de Maria dos Anjos da Conceição bem espichados, em letras redondas, na tampa do bahú. Nunca soube. Para que lhe roubar um pouco da felicidade? A minha vida é que passou a ser então o tormento sem fim de ter ao meu lado o paradoxo frisante daquellas duas mulheres que me encheram a vida. Uma, o resquicio de um sabor doce-azedo de fructa do matto que logo me enjoou. A saudade morena da flôr sertaneja que o meu egoismo machucou. A lembrança cruel de um coração que parou de tanto me querer bem. A outra, o carinho, o desvelo, o encanto, a sentimentalidade da paixão triumphante. Doía-me no espirito, por exemplo, o remorso de ver o cuidado com que a minha Véra limpava diariamente, para o meu estudo de todas as noites, aquelles ossos de uma sua rival desconhecida. Martyrizava-me a certeza de estudar no esqueleto da mulher que assassinára. Acabrunhava-me o amargor de um arrependimento cruel, tardio, lancinante.

— Muito interessante esse seu caso!

— Horrivel, meu caro. Soffri muito nos primeiros mezes. Principalmente á noite, quando espalhava deante de mim os fragmentos daquelle corpo que tão depressa amei e aborreci e comparava-o com o da minha Véra, que me esperava ansioso para os meus beijos, para o meu amôr. Parecia-me tudo aquillo uma grande, uma enorme traição. Contra quem? De quem? Não podia explicar... Depois? As emoções foram se esbatendo... Acabei por me acostumar...

Foi escurecendo imperceptivelmente. As sombras cresceram dentro do gabinete. Os moveis, os objectos perderam suas fórmas precisas. O ambiente acinzentou-se. Obrigando ao meu amigo fazer luz e arrematar de um modo um tanto brusco a sua narrativa:

— Quando me formei, não quiz commetter o novo crime de vendêl-o ou jogal-o fóra. Preferi mandar articulál-o. Dei-lhe aquelle armario. E, agora, vive aqui ao meu lado, na sua prestimosidade immovel, numa apparente realização do maior desejo de Maria dos Anjos em vida, que foi o de viver eternamente para mim...

A PELLE

E' a pelle o maior orgão do nosso corpo e durante a vida as suas camadas superiores são substituídas sem cessar. Assim, sem o presentirmos, nosso corpo cria, ininterruptamente, pelle nova. Com o andar dos annos, ou devido a alguma moléstia, essa renovação vae sendo imperfeita ou incompleta: dahi as rugas, os pés de gallinha, as bochechas cahidas e outros defeitos. Pelos estudos modernos da sciencia verificou-se que a renovação da pelle se dá em consequencia do desdobramento das cellulas, naquella região do nosso corpo. De modo que, é indispensável manter-se sempre activo o desdobramento das cellulas se quizermos evitar o envelhecimento da pelle e suas conseqüências: rugas, pigmentação, etc. Mas, como fazel-o? Hoje, é fácil. Usando-se o W-5, em que se contem os corpos immunisantes do sôro dermicò seleccionados pelo Dr. Kapp, estimula-se em toda a epiderme a actividade dos vasos capillares e estes produzem um inténso desdobramento de cellulas; em consequencia, toda a pelle alisa-se, tomando a côr rosada da juventude.

A nossa gravura mostra um córte de pelle, grandemente augmentado pelo microscopio, onde se vê a zona em que se processa a creação de novas cellulas.

Assim, é evidente que, quem fizer um tratamento cuidadoso pelo W-5, garantirá por muito tempo a renovação da sua epiderme e terá a cutis esmpre lisa e corada.

Mas, a acção do W-5 não pára ahi: As senhoras que o usam, terão suas funcções sexuaes (os ovarios, principalmente) perfeitamente regularisadas, desapparecendo as colicas e o mal-estar muito communs nesse estado.

No **Consultorio W-5 do Brasil**, nesta capital, á Av. Rio Branco, 173-2.º, desde as 10 horas da manhã, as damas são attendidas por uma senhora, para todos os esclarecimentos sobre a nova medicina, e para os casos de moléstias da pelle, os serviços de um clinico especialista são postos, tambem **gratuitamente**, á sua disposição, das 10 ás 12 horas e das 15¼ ás 17¼ horas e, aos sabbados, no horário da manhã. As consultas de fóra são immediatamente respondidas por carta. Este mesmo serviço é feito pelas nossas succursaes: em **São Paulo**, á Rua S. Bento n. 49-2.º; em **Porto Alegre**, á Galeria Chaves, apt. 15.

A neta

A joven franceza sentia uma viva curiosidade por Sorrento, pois durante toda sua infancia ouvira sua avó falar desse logar, onde estivéra muitas vezes. Uma de suas primeiras impressões de infancia fôra produzida por um pequeno cofre sorrentino onde a velha guardava preciosamente as recordações trazidas da Italia. A avó mostrara com frequencia esses objectos á menina. E, a proposito de uma caixa de conchas ou de um amuleto de coral, contava alguma historia bonita, que encantava a criança como um conto de fadas.

A joven franceza relatava essas cousas a seu esposo no vapor que os conduzia de Napoles a Sorrento.

— Minha avó descrevêra-me com precisão a chegada a Sorrento — disse, assignalando a terra que começava a distinguir-se no horizonte. — Os bellos terraços, os jardins de laranjaes... Parece-me que novamente me encontro deante de uma paizagem que já vi em sonho... Minha avó narrava-me lindas historias que eu suppunha estar vivendo... Apesar de seus sessenta annos, havia nella uma apaixonada juventude sentimental, que suscitava minha admiração e meu carinho... Quando comprehendi o sentido da palavra amor não pude deixar de evocar a figura de minha querida avó... Ella me deve ter amado intensamente !... Sorrento decepcionou um pouco os viajantes. Mas, no segundo dia, fizeram uma excursão cheia de emoções, sob um sol resplandecente e um vento aggressivo. Infelizmente, ao regressar desse passeio, a joven Magdalena se sentiu mal, queixou-se de violenta dôr de cabeça e teve que ir deitar-se, passando uma noite horrivel. Ao amanhecer, o marido mandou chamar o medico.

Mas este não foi encontrado em casa. O marido, cuja inquietude augmentava, pois notára que o corpo da esposa ardia em febre, chamou o gerente do hotel. Este o aconselhou que chamasse immediatamente outro médico, um velho que já não exercia a profissão, mas que morava perto do hotel e fôra, durante muito tempo, o unico facultativo de Sorrento.

— Esse médico fala francez !

— Oh, perfeitamente ! — respondeu o gerente, com gesto amplo. — O doutor Sammartino foi famoso tambem, como homem de salão.

O esposo da enferma resolveu recorrer a esse medico e pediu que o chamassem. O doutor Sammartino chegou pouco depois. Ao vêl-o, o viajante recordou a ultima observação do gerente do hotel. O medico era um homem de idade avançada, que vestia com certa elegancia. Seus cabellos brancos appareciam ondeados. Sua barba denotava escrupulosos cuidados. Notavam-se em seu traje pequenos detalhes fóra de moda. Nos dedos, usava bellos e grossos anneis. O único signal de velhice que se notava claramente em sua pessôa eram as rugas das pálpebras.

Falava francez correntemente. Um francez antiquado e meio emphático. Ao examinar a enferma, teve algumas phrases amaveis e tranquillizadoras. Seu diagnostico contribuiu depois para dissipar os temores do viajante. Tratava-se de uma insolação forte, mas sem gravidade. Prescreveu reponso, dieta, quinino, e prometteu uma segunda visita para o dia seguinte. Antes de retirar-se, se entreteve em palestra com o esposo de Magdalena e formulou-lhe algumas perguntas a respeito da viagem realizada.

O doutor Sammartino parecia desejoso de pôr em evidencia seus modos cultos e sua delicadeza espiritual. Quando soube que o joven casal fôra de Paris a Napoles em pleno verão, sacudiu a cabeça, e disse:

— Que imprudencia !... A campina napolitana é uma mulher que não quer ser abordada bruscamente. E' preciso cortejál-a discretamente, porque ella se vinga dos temerarios.

A enfermidade de Magdalena durou muitos dias. O doutor Sammartino continuava visitando a doente, embora o mal houvesse deixado de inquietál-o. Aquellas visitas distrahiam, de qualquer maneira, os viajantes francezes. Magdalena e Heitor retinham o medico, para fazêl-o falar. O velho contava historias de outros tempos com arte de actor. Ria, gesticulava e, por vezes, as lágrimas lhe inundavam os olhos negros.

Graças a isso, as relações entre o médico e o joven casal foram adquirindo intimidade. No fim de uma semana, a enferma se restabeleceu. O médico, intrrogado acerca da opportunidade de abandonar o logar, aconselhou que aguardassem ainda dois ou tres dias. E disse:

— Ah !... Só uma enfermidade faz com que se fique hoje em Sorrento. Outr'ora, era um logar de moda, no emtanto. As mais formosas damas da aristocracia offereciam em Sorrento suas festas. Agora, já ninguem se detém aqui. Os modernos trocam do nobre pescador napolitano, e só os

pequenos órgãos de rua conhecem ainda a tarantela.

Magdalena contestou que ella não se esquecêra de permanecer algum tempo em Sorrento, pois a avó lhe descrevêra sempre essa região como a mais formosa da terra.

O velho inclinou-se para agradecer o elogio feito á localidade, e contou, em seguida, algumas anecdotas. Entre outras, a aventura occorrido a dois inglezes, na *Gruta do cão*.

— Que casualidade! — exclamou Magdalena, quando o medico terminou sua narrativa — Lembro-me perfeitamente que minha avó me contou essa historia, ha muitos annos.

O doutor pareceu surprehendido. Olhou a joven franceza e formulou depois uma discreta pergunta, em resposta á qual Magdalena deu o nome de sua antepassada.

—A condessa de Beaumois! — exclamou o doutor, sobresaltando-se. — A condessa de Beaumois era avó da senhora!!

Magdalena affirmou que sim, com um sorriso.

— Então:..., então a senhora é a a filha do conde Antoine?

— Sim, doutor... O senhor conheceu meu pae?...

O medico, nervoso, pareceu procurar as palavras. Mas, por um momento, só poude expressar-se com gestos.

— Tive a honra — disse, por fim — de conhecer a senhora sua avó a primeira vez que esteve em Sorrento. Em todas as suas viagens, ella recebeu, depois, minha visita... Oh!... E' para mim uma grande surpreza e produz-me, tambem, uma grande emoção achar-me em presença da neta!...

Levantou-se. Fazia grandes gestos. Sentou-se, porém, novamente, dando inicio a um verdadeiro discurso, em que os elogios se misturavam ás recordações. Emquanto falava, olhava a joven com tal expressão, que Magdalena não poude deixar de rir. Pouco depois, o médico se retirou, precipitadamente.

— Que homem ridiculo, esse medico! — disse Heitor, encolhendo os hombros. — Que exaggero em seus gestos, em suas palavras!...

— Realmente... — sorriu Magdalena. — Prestaste attenção a seu discurso?... Tudo, para elle, é *magnifico*, *maravilhoso*, *estupendo*... Tudo lhe produz uma *ineffavel emoção*...

E Magdalena imitava, ao dizer isso, a voz trémula do velho e seus olhares enternecidos. A' tarde, Heitor recebeu uma carta. O doctor Angelo de Sammartino convidava o joven casal para almoçar em sua residencia, no dia seguinte.

De Jacques de Lacretelle

Heitor e Magdaelna encontraram o medico em seu jardim, ao pé de uma formosa villa rodeada de laranjeiras. Angelo de Sammartino parecia aguardál-os com impaciencia. O almoço foi servido com um verdadeiro cerimonial. Adivinhava-se que o dono da casa intervira no preparo dos menores detalhes. Um criado de libré trazia os pratos, que foram numerosos. O velho tinha para com seus convidados, especialmente para com a joven senhora, attenções quasi cómicas. Mais conservador ainda do que habitualmente, contava historias de Sorrento, evocava a sociedade de outróra e recordava com frequencia a figura da condessa de Beaumois, *distinctissima dama*, *formosissima mulher*.

Os jovens francezes, lisongeados por essa recepção, sentiam-se, não obstante, um pouco incómmodos, pois o velho perdia a cada momento o fio de seu monologo e deixava escapar suspiros ou interjeições melancolicas. Contou que realizára, em companhia dos condes de Beaumois, uma longa excursão pelos arredores:

— Oh! Quantos annos transcorreram desde então! — exclamou. — Isso occorreu um anno antes de nascer o senhor seu pae, senhora...

E o médico sorriu com ternura, guardando um breve silencio, que interrompeu para manifestar seu desejo de realizar a mesma excursão com a formosa neta da condessa. A excursão duraria quatro dias, apenas. Elle levaria o casal em seu carro até Salermo.

Heitor, que não tinha interesse em continuar sua viagem de nupcias sob os olhares daquelle extravagante velho, pretextou certa urgencia em regressar a Capri, onde já haviam reservado aposentos. O médico insistiu, queixoso, como um menino mimado. Magdalena e Heitor riram e levantaram-se para ir ao terraço, onde seria servido o café.

O medico quiz depois mostrar-lhes seu jardim. Offereceu, respeitosamente, seu braço á joven e a conduziu pelos caminhos. Chegaram assim á porta de uma cocheira, onde presenciaram um espectaculo inesperado. Um grande landó de linhas antigas fôra retirado da cocheira. Varias pessôas estavam occupadas em preparál-o. Uma mulher cozia os pompons e as fazendas. Um velho cocheiro envernizava a carroceria. Um menino lustrava as ferragens

— E' este o vehiculo que

(*Continúa na pg. seguinte*)

ANETA

(CONTINUAÇÃO)

nos conduzirá ao m : bello recanto do mundo — disse o médico. — Nelle, precisamente, viajou a condessa de Beaumois... Acceitem meu convite, embora seja apenas como homenagem á condessa.

Magdalena teve um sorriso amavel, não isento de pesar. E respondeu:

— E' impossivel, doutor... Temos que partir amanhã...

Ao ouvir essas palavras, o medico olhou-a fixamente nos olhos. Depois, com voz entrecortada de emoção, disse:

— Pensem no velho a quem abandonam... Pensem que elle nunca teve, em sua vida, a alegria de conhecer o conde Antoine, o filho da condessa de Beaumois... Hoje o velho encontrou a neta da condessa, attendeu-a com carinho... E a neta se afasta... Não... Acceitem... Será para mim uma alegria tão grande...

Bruscamente, tomou as mãos de Magdalena e pareceu que ia ajoelhar-se. Surprehendida por tal atitude, a joven suppôz que, decididamente, aquelle homem tinha alma de bufão. O medico beijou-lhe as mãos e Magdalena sentiu que duas lágrimas lhe humedeciam a palma. Aquelle beijo não era a caricia rápida que roça a mão em homenagem de cortezia, não era um simples gesto galante. Magdalena teve a sensação, sem comprehender por que, de que era um beijo como esses que se dão na fronte das crianças.

Heitor só viu o aspecto ridiculo da scena, e pôz fim á mesma com uma gargalhada. O velho ergueu-se. E proseguiram o passeio. Mas o medico não dominára de sua emoção e murmurava entre dentes algumas palavras em seu idiota natal. Os jovens sentiam-se agora mais incommodos do que antes. Heitor procurou um motivo para dar por terminada a visita. A recente enfermidade da esposa facilitou-lhe a desculpa. O velho, que já guardava silencio, não os reteve.

Uma expressão de cansaço se reflectia no rosto do médico. De cansaço ou de decepção.

Quando entravam na casa, o doutor Sammartino tropeçou no humbral e quasi cahia...

Mas, no momento da separação, Angelo de Sammartino recuperou o dominio de si mesmo. Fez uma longa phrase, muito cerimoniosa, e inclinou-se deante de seus convidados. Era agora o perfeito homem de sociedade, cortez, amavel,

A N E T A

(CONCLUSÃO)

sorridente, que se despedia de seus convidados ostentando um esquisito refinamento.

Depois, do alto da escada, com o busto erguido, a mão apoiada na balaustrada de mármore, os viu afastarem-se. E sorria, embora seus olhos estivessem semicerrados, como para amortecer a claridade do sol, ou, talvez, o calor de uma lagrima.

Depois de avançar alguns passos no jardim, Heitor e Magdalena voltaram a cabeça para dirigir-lhe um ultimo cumprimento. A joven agitou o ramilhete que o velho lhe offerecêra.

Angelo de Sammartino apertou os lábios e fechou mais os olhos.

Magdalena sorriu de longe, mostrando seus dentes brancos.

O velho deixou escapar um sorriso, um profundo suspiro, e teve em seguida um estremecimento doloroso de todo o corpo, que o obrigou a levar a mão ao coração. Entreabriu os lábios como si quizesse gritar qualquer cousa que lhe retalhava a garganta.

Mas nada disse. Extendeu os braços para Magdalena. Agitou as mãos... E estas pareceram dois pássaros agonizantes, que fizessem esforços para voar, mas que cahiam, cahiam, procurando o apoio da balaustrada.

Angelo de Sammartino fez um esforço: abriu os olhos, sorriu, reteve suas mãos e articulou apenas esta palavra de desespero:

— Adeus!

— Adeus!... Adeus!... — responderam os jovens, alegremente.

O casal afastou-se por entre as laranjeiras em flôr. Angelo de Sammartino continuou olhando-os.

Suas mãos tiveram um último tremor e cahiram lentas... Baixo, medrosamente, como para si mesmo, o velho murmurou, então:

— Minha neta!... Minha netinha!... Como é formosa!... E eu a perco, a perco para sempre!... Meu Deus!...

E, cerrando as pálpebras, deixou que as lagrimas lhe resvalassem pelas faces, emquanto Heitor e Magdalena avançavam jubilosamente pelo florido valle que rodeava a villa, essa villa onde, quarenta annos antes, a condessa de Beaumois conhecêra as emoções de um amôr infinito...

DÊ-LHE SAÚDE, ROBUSTEZ E FELICIDADE

As Pastilhas McCoy de oleo de figado de bacalhau serão de grande auxilio

Nosso paiz está cheio de crianças debeis, doentias, rachiticas e pouco desenvolvidas. — Pobresinhas! Não ha nada que possa ajudal-as tanto como o oleo de figado de bacalháu. — E' o remedio supremo para o crescimento e desenvolvimento do corpo — porém, devido ao seu repugnante sabor, embrulha os pequenos estomagos. — E' por isto que os medicos agora recommendam as Pastilhas McCoy, de oleo de figado de bacalháu. — As creanças pensam que são confeitos porque estão cobertas de uma camada de assucar e são muito agradaveis.

O sr. Alves Macedo, rua Coronel Brandão, 12-A — Rio, nos escreve: "Tendo um filhinho com a edade de dois e meio annos e como fosse muito fraquinho, dei-lhe as Pastilhas McCoy de oleo de figado de bacalháu. Após a primeira caixa, notei que (isto é, no prazo de 15 dias) além de ter augmentado 1 kilo e 100 grammas o estado de prostração em que vivia transformou-se rapidamente, sendo hoje muito vivo e sadio". Todos os dias milhares de crianças debeis se robustecem com as Pastilhas McCoy. Comprae-as nas pharmacias.

UMA PAGINA APENAS

DE A. BELTRAM SOUSA

SELENE é fina, frágil, nervosa. Morena, olhos grandes, grandes, é o typo perfeito das pequenas estandardizadas dos nossos dias. Sorriso malicioso, formas tentadoras, vestidas por roupagens transparentes, quem a vê, pelas tardes mornas, na Ouvidor ou Gonçalves Dias, na Colombo ou na Lallet, transportar-se-á, forçosamente, para as vivendas illuminadas de Copacabana ou outro bairro elegante.

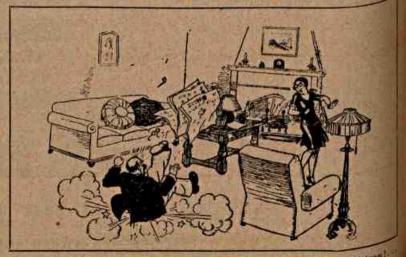
E lá, seus olhos perscrutadores percorrerão pequenos mundos encantados, entre paredes vistosas. Gabinetes acolhedores, com mil futilidades. Mansão de gente rica, com o mal do dinheiro em demasia.

Mas, Selene vae pela avenida em fóra, nervosa, ágil, fina, transparente. Os olhares cubiçosos se fixam, instinctivamente, na figurinha interessante de mulher... Mysterio e fascinio. Ell-a que atravessa a Galeria e prosegue rumo á Cinelandia. E vae além, pela rua do Passeio, despistando admiradores e galanteadores mais ousados. E, na Lapa, toma um bonde qualquer, que a deixa em Invalidos. Prosegue, mais rápida, sumindo-se por um dos longos corredores, semeados de quartos, baixos, escuros, subterraneos. Sem ar, sem luz, sem vida.

Selene vive alli. Em pequeno espaço, limitado pelas quatro paredes descoradas, n'uma promiscuidade indesejavel, medram vidas diversas... Ella, os paes, um irmão, uma irmãzinha...

Durante o dia, apenas u'a mesa, cadeiras, e uma velha machina de costura, a desafiar longos annos de trabalho. A' noite, esteiras que se extendem pelo assoalho escuro, surgidas das proprias sombras nocturnas. Não se comprehende como vive um conjuncto assim.

Um casal já avançado em annos lutando sempre, sem a illusão de miragens enganadoras; um filho que vegeta, sem profissão definida; uma vida despontando, e uma alma moça, embalada pela estranha e mentirosa seducção de deslumbramento momentaneo, mourejando n'uma machina de costura para gastar em roupas, joias falsas, sapatos, sem cuidar de um canto melhor para repousar, ou de estomago reclamando... E os dias se succedem, lentamente, sem uma réstea de luz para aquelle quarto miseravel. Selene tem, no emtanto, innata, a formosura de sua alma, que se revolta nas horas diurnas de meditação, ou nas longas noites sem dormir, contra aquelle estado de coisas, tentando vencer a fascinação estranha do querer parecer; tentando fugir aos tentaculos que mais e mais se guram.... Falta-lhe o auxilio precioso de uma alma irmã, disposta a acompanhál-a, na arrancada difficil pra a ascenção necessaria. O dilemma se apresenta, terrivel, ameaçador: a elevação para a felicidade, embora humilde, ou a continuação na senda falsa, com o prognostico...

O destino, quasi sempre irónico, tem, ás vezes, compaixão. Mas, elle é quasi sempre irónico, e se compraz em fazer soffrer.

— Que diabo de mania andarem mudando os logares das cadeiras!...

MENTIRA SALVADORA

QUANDO numa festa de beneficiencia a "prima-dona" terminou com um agudo prolongado a palavra "meu amô...or", tão prolongado que, se si pudesse enfiar esses *oo* num cordel, daria um collar de oito ou dez voltas, como esses que as senhoras usavam antigamente, Paulo levantou-se, e, após abrir enormemente a bocca e dar-lhe umas palmadinhas, foi a uma agencia de loterias. Tirou dos bolsos um bilhete e pôz-se a conferil-o. Ganhar na loteria foi a unica solução que encontrára para que pudesse realizar o seu sonho dourado: o casamento com Suely, uma mocinha que ultimamente começára a soffrer do figado, e em consequencia ficar amarella e por fim, verde, verde como a Esperança.

Todas as semanas mostrava á noiva um bilhete e dizia-lhe que, si tivessem sorte, iriam morar num lindo *bungalow* que mandaria construir dentro de um jardim, dentro de uma braçada de folhas e flôres... A sorte, porém, tinha sido sempre madrasta.

Todo individuo que joga na loteria sabe que é muito mais facil um bilhete sahir branco do que premiado.

Paulo no momento em que começou a percorrer o dedo indicador pela lista sabia disto. Quando seu dedo parou num algarismo seguido de um collar de zeros, a vista ficou turva e começou tudo a gyrar, como si tivesse vindo, naquelle instante, de um bar, onde tivesse ido tomar um chopp, a convite de um allemão...

Ao passo que a vista clareava, ouvia sussurrarem em volta: "Que felizardo! Mil contos! Já com a vida feita e tão joven!"

No mesmo dia recebeu o dinheiro, e embarcou para o Rio. Trocou os ternos provincianos por uns de hombros largos e cinta fina, comprou uma duzia de camisas de sêda e embarcou num avião para Nova-York. Ahi trocou novamente esses ternos por outros de hombros mais largos e cinta mais fina, collocou num braço uma bengala de canna "made in Japan", de trinta dollars de custo, e rumou para Wall Street.

* * *

A oitava maravilha do mundo para um individuo é encontrar-se em Nova-York, e com os bolsos cheios de dollars, — pensou Paulo, quando se encontrou pisando o mozaico da principal e mais importante rua do mundo, e após ter verificado si o pega-ladrão do alfinete da gravata funccionava perfeitamente. E sentiu não ter a quem aconselhar que, quando um individuo tem vontade de conhecer a setima avenida, Wall Street, Broadway, e não tem possibilidades deve arranjar um kaleidoscopio com pedras de todas as côres e gyral-o com rapidez e á força de imaginação ver em cada arabesco um vestido que passa ou um automovel de ultimo typo que desliza suavemente para não abalroar o que vae junto á frente ou ser abalroado pelo que vem junto atraz. Sentiu, tambem, não poder aconselhar que quando o individuo puder, deve jogar o kaleidoscopio no fundo dessa lata que a empregada colloca todas as manhãs na porta da rua, e tomar um avião para Nova-York. E que, quando esse individuo estiver ao pé de um arranha céo de trezentos e tantos andares, communs nessa metropole, não deve se assustar que o edificio esteja inclinado, ou esteja cahindo para esmagar os transeuntes, pois essa inclinação não vae alem de uma illusão de optica...

* * *

As principaes ruas de Nova-York são quasi iguaes ás principaes ruas das importantes metropoles do globo. Os transeuntes, tambem. Nota-se desde o verde bilioso, ao vermelho apopletico; desde o nariz arrebitado para cima ao ar-

rebitado para baixo ou para os lados; desde os individuos que passam despreoccupadamente aos que passam celebres como si estivessem se evadindo de uma penitenciaria; desde o individuo que passa com um jornal encostado a um par de oculos, cujos vidros parecem tirados de um parabrisa de automovel, ao que *flirt* á meia legoa de distancia. Ha magros, tão magros que, quando dão uma tossidela provocada pelo tabagismo, até Christo seria capaz de jurar ser obra devastadora de alguns milhões de baccilos de koch. Obessos alegres, que conduzem loirinhas, cujas vontades são immediatamente satisfeitas, porque a experiencia ensinou a esses individuos que a mulher bonita é como relogio de pulso: por qualquer coisa começa a não funccionar direito... Ha casaes felizes — poucos não resta duvida, mas ha. Um desses Paulo teve occasião de receber no seu apartamento, numa noite em que se absorvia em contemplar um arranha-céo vizinho, onde havia ainda luzes acesas, dando os quadradinhos illuminados aspecto de rosto de mulher sardenta que usa especificos para a pelle. A visita não lhe era destinada. Tinha sido um desses equivocos muito communs nos hoteis. O individuo introduz a chave na fechadura, torce para a direita, para a esquerda e, porque a porta não se abre, diz um nome feio para o hotel ou para o dono, e depois descobre que a chave que tem em mão, pertence ao quarto vizinho da esquerda ou da direita.

Dessa vez o nome feio não foi dito, porque emquanto torciam a chave, Paulo abriu a porta. O casal que encontrou pela frente, percebendo o engano, dirigiu o olhar para a placa numerada que todas as portas dos bons hoteis têm no alto, e se desculpou. Paulo ponderou que, como queriam entrar por engano, poderiam entrar a convite seu. O casal não se fez de rogado. Aliás, optimo systema. Porque o rogado quasi sempre disperdiça e faz disperdiçar palavras, que poderiam ser melhor empregadas, e deixa de alcançar um objectivo que almeja pelo simples facto de ter habituado as cordas vocaes a vibrarem de fórma a dizer "não", "outra vez", "muito obrigado"...

Porque o visitante tivesse na testa dois pedaços de esparadrapos superpostos, que formavam uma perfeita cruz branca, Paulo perguntou si a usava por questão de crença.

Pela resposta, ficou sabendo que a cruz protegia uma espinha arruinada, e quanto á crença... era athea.

Conto de Abel Moschen

Voltando ao assumpto antecedente, o visitante evidenciou tambem o inconveniente que póde advir á pessôa que se faz de rogada. E contou, após passar a mão espalmada pelo couro cabelludo da companheira, impeccavelmente vestida com uma *toilette* azul-claro, cinta, sapatos e chapéo branco, este ultimo elegantemente amassado sob uma axilla, — que tinha sido um momento de franqueza o factor principal do seu casamento com Chiby.

Chiby, a loira companheira, sorriu affirmativamente. E continuou:

— O meu sogro, que São Pedro lhe tenha aberto a setima porta do céo, era fabricante de parafusos. Eu, o guarda-livros. Um dia, fui chamado á sua presença, e communicou-me que a filha, essa que anda sempre farejando qualquer coisa no escriptorio, o havia incumbido de me convidar para um jantar. Porem, como isso tudo daria trabalho. Julgou mais viavel atacar o assumpto sem maiores etiquetas. E perguntou-me si seria capaz de fazer a felicidade da filha. Disse-lhe que sim, porém, me seria difficil dar a Chiby o conforto que estava habituada e que merece. Com um riso largo e

(*Continúa na pag. seguinte*)

uma palmada, fez-me ver que a filha tinha um dote de duzentos mil... Não o deixei terminar, e disse-lhe: "Não sendo duzentos mil parafusos tambem. Ainda hontem recebi um de minha sogra. Um parafuso de ouro, que ha tempos conservo sobre a escrivaninha. Os parafusos que a sogra me offerece, sempre contra a minha vontade, deixam sempre uma recordação...

E apontou com um dedo a cruz de esparadrapos...

— Não lhe devolvi o presente pelo mesmo methodo, porque penso diversamente da quasi totalidade dos genros, cujo sonho doirado seria prender as respectivas sogras entre dois pausinhos, como se faz com os ratos mortos, e atirál-as pela janella. E com maior contentamento quando essa janella está a mais de cem metros acima do nivel da rua. Julgo que devemos enfurecêl-as uma vez por dia, para que esbravejem, para que quebrem alguns pratos, para que nos compare desde o animal mais feroz ao mais nojento, pois assim lhes proporcionamos o maior prazer que se póde proporcionar a uma sogra. Mesmo porque sabemos que, entre ir a um theatro ou outro qualquer divertimento, as sogras preferem ficar em casa, contanto que tenham um genro a quem possam dizer desaforos...

A theoria era convincente; porém, com reticencias, Paulo fez crer que pretendia respeitar incondicionalmente sua sogra...

O interlocutor teve um sorriso. Somente Chiby não havia comprehendido que, quando um genro promette respeitar sua sogra, é porque esta já teve a gentileza de dar adeuzinho ás coisas terrenas.

Após uns assovios caracteristicos, o radio do vizinho á esquerda fez ouvir um rumba que empolgava a cidade naquella occasião. O proprietario desse radio possuia tambem uma linda filhinha e uma mulher loira e sapeca. Tão sapeca, que o marido já tinha as sobrancelhas enormemente crescidas de tanto franzir essa parte de couro cabelludo, nas reprehensões que lhe fazia. Mas tudo tinha sido inútil. Mesmo os largos queixos que esse senhor possuia, que geralmente amedrontam mais as mulheres do que rijos musculos.

Chiby sabia que Paulo acariciava, sempre que lhe era possivel, a filha desse casal, e fez-lhe a respeito uma pergunta maliciosa.

Fez-se de desentendido porque considerava demasiado forte um individuo conquistar a amizade de uma innocente criança para depois fazêl-a ponte á conquista da mãe.

MENTIRA SALVADORA

(Continuação)

Mesmo porque, nove vezes em dez, não tem outro resultado alem do se ter serviço de ama sêcca...

O casal se despediu, e em seguida lhe appareceu um individuo que propunha vender-lhe diversos especificos para o figado, todos de effeito surprehendentes, pois, quem os usasse mudaria de côr em vinte e quatro horas.

Poderia estar amarello como um chinez, e se tornaria vermelho como um cossaco. Paulo recusou, allegando ter o figado em optimas condições. Mas quando soube que, com aquella compra, iria mitigar a fome de uma familia que estava ainda em jejum, não se recusou em dar-lhe os dez dollars que pedia.

* * *

Parece impossivel que Paulo, o *noveau-riche*, sentisse saudades da sua cidade provinciana de pouco mais de cem mil habitantes, estando confortavelmente installado no trigesimo quinto andar de um arranha-céo. Mas, numa noite, recostado num angulo da janella, lembrou-se dessa cidade perdida no meio do Brasil. Em dado momento, corou. Corou como somente seria capaz de fazêl-o uma pobre donzella do seculo passado. Não corou, porém, pelo mesmo motivo porque coraria uma dessas donzellas, mas por lembrar-se que com a resolução brusca de embarcar para Nova-York, se havia olvidado de communicar a grande nova, o bafejo da sorte, á sua noiva.

Pobre Suely, que tão vergonhosamente tinha sido esquecida! Arrependeu-se de ter sido tão ingrato para com aquella moça altiva, carinhosa, e acima de tudo amorosa. Quão zangada deveria ter ficado com elle, que esperava reunir o sufficiente para as nupcias, e que no mesmo dia em que se tornou rico embarcou sem um adeus sem qualquer communicação!

Pobre Suely, que sempre o amára, e que não comprehendia a vida sem o seu amor!

Esquecida esse tiquinho de moça! Tiquinho, mas bonita como outra igual ainda não havia visto. Que saudades sentiu do sorriso, das duas covinhas que se formavam na face! Que delicia quando a cumprimentava com um appellido que somente elle tinha direito de usar!

Mas, no dia seguinte, encontrou uma *girl* que contemplava numa vitrine diversos objectos para estudo de anatomia. Eram cabeças de gesso, com musculos, veias, tudo á vista.

Paulo perguntou-lhe si era estudante de medicina, visto o interesse que demonstrava por objectos scientificos.

— Já fui, — respondeu. — Porém, abandonei tudo na primeira aula.

E já pela rua afóra explicava:

— Abandonei porque o meu professor, um sabio de barbas longas, na primeira aula poz sobre a mesa uma vertebra humana e sobre ella falou seguramente duas horas a fio. Explicou utilidade, movimentos e mil outras coisas mais. Nunca pensei que se pudesse falar tanto sobre um osso tão pequeno. Após essa aula, que nunca mais tinha fim, o professor poz um outro osso sobre a mesa, e disse: "Amanhã estudaremos o femur". Era um osso do tamanho de uma bengala. Ah! — fez ella, quando Paulo lhe disse que estava hospedado no Hotel Metropole — sei muito qual é, porque antigamente era conhecido como hotel dos myopes. Tomou este apellido porque a comida não era lá muito limpa. E foram ficando nella...

(Conclúe na pag. 18)

Saibam todos...

JORGE VILALVA (?) — Aqui está a sua carta, na integra:

"Meu caro Yves. Abraços. Escrevo-lhe pela segunda vez. Não quiz você dar resposta a minha primeira carta. Paciencia. Devo-lhe uma satisfação e um humilissimo pedido de desculpas. Vejamos. Tive o máo gosto de lhe enviar um soneto que era um aleijão, uma algaravia desenxabida e alaral. Uma série de idiotices rimadas. Ainda bem que cahi em mim em tempo. E dahi formular-lhe o mais sincero pedido de desculpas pela (corto aqui o seu termo, pouco elegante) que lhe inflingi. Creio que depois dessa auto-censura você olhará com menos odio para o desastrado poeta de "Fé". Não é? Vejámos agora o motivo capital destas linhas. Si no "Saibam todos", uma carta de "Ignotus", em que se faz referencia a uma quadra muito expressiva e bem inspirada:

Não ha tristeza no mundo
Que se compare a tristeza
Dos olhos de um moribundo
Fitando uma vela accesa.

Adeante Ignotus que desconhece o autor desta lindissima quadra. Posso fornecer-lhe informações a respeito, isto é, satisfazer-lhe a curiosidade.

E' um poeta de minha terra — Parahyba — quem rimou os versos que lhe inspiraram tão justa admiração. Chama-se Americo Falcão, Director da Bibliotheca Publica de João Pessôa. A respeito de quadras posso fornecer-lhe duas que não julgo de todo más. Quer ouvil-as?

Disse-me alguem outro dia
Convicto que muito sabe:
Não ha mal que sempre dure
Nem bem que nunca se acabe

Tudo illusão! Tudo engano!
Não creio em tal por quem sou;
Meu mal ainda perdura
Meu bem depressa acabou.

Que tal? E o mais interessante: são do seu creado estas duas formosas quadras. Espero a sua critica. Não podia você pensar que depois de tão humilde confissão de incapacidade, viesse eu apresentar-lhe outras amostras de minha intelligencia. Mas que quer? Quem nunca tiver rimado uma quadra no Brasil — e principalmente no Norte — que me sacuda a primeira pedra. Aguardo resposta. — *Jorge Vilalva.*"

Resposta: Não são poucos os poetas que têm explorado esses themas, em fórma de maximas, adagios, fábulas e apólogos. No Ceará, creio eu, existiu um poeta — Soares Bulcão, — que aproveitou com arte e talento esses motivos conceituosos. De modo que ha muita coisa no genero, umas bôas, outras mediocres e outras insupportaveis.

A sua é mediocre. Não porque seja sua, como declara. O sr. podia ser um poeta secundario, e realizar um fino lavôr, no genero. Porque, essa especie poetica tem a vantagem de empolgar o leitor, mais pela philosophia sentenciosa que encerra, do que pelo resto. A impressão artistica só nos vem depois. O caso das suas trovas é o mesmo.

Na composição dos versos, há vocabulos que compromettem a simplicidade e o rythmo expontaneo, que são communs ao genero de quadras populares. Exemplo: "Não creio em tal por quem sou!" *convicto*. Uma expressão forçada: "Não creio em tal por quem sou!" Bobagem! Isto é horrivel! Um trovador legitimo não forçaria um verso, a tal ponto. De resto, o sr. despréza a rima do 1.º com o 3.º versos. Prova de que é máu poeta, e não sabe superar as difficuldades que a bôa arte nos antepõe.

E quer uma prova de que qualquer poeta mediocre poderá rimar, e bem, as suas trovas? Eil-a:

Ha quem afirme, ha quem jure,
certo de que muito sabe:
"Não ha bem que sempre dure,
Nem bem qu nunca s acabe."

Mente aquelle que assim jura,
Erra quem tal affirmou:
—O meu mal inda perdura,
meu bem depressa acabou.

Viu o sr.? Eu digo que está errado, e mostro como é que se faz o certo. Não sou engenheiro de "obras feitas"... Mas posso ser um architecto de obras mal acabadas... como a sua.

Agora, pode assignar as quadras e tirar dellas o melhor proveito...

ANA-MYE (S. Paulo) — Uma paulista? Olá! Eu gosto das paulistas. Salvo quando são más literatas... E como esse não será o seu caso... Antes, porém, de falar, leiamos a sua missiva. Dois pontos:

"Prezado Yves. Permite que o trate assim?

Não me é possivel dizer o numero de vezes que já tenho tentado escrever-lhe, mas nunca me animei, pois, no meu pobre vocabulario, não ha palavras que, sem tirar-lhe o colorido, exprimam toda a admiração que sinto pelo seu fino espirito de poeta.

Hoje porem, não resesti a tentação de fazel-o para dar-lhe os meus sinceros parabens pelo seu livro: *"O suave enlevo"*.

Ha, nos seus versos admiraveis, salpicados de melancolia e saudade, o poema d eum amôr incomprehendido, a fugitiva sombra de uma mulher, que passou pela sua vida, deixando a saudade infinita de um sonho de amôr, que morreu sem ter vivido...

Tenho acompanhado todas as suas cronicas do Fon-Fon, e tenho descoberto nelas, toda a dôr da dizilusão.

Dou-lhe um conselho Yvés, não desespere, tenha sempre no fundo do coração uma esperança, a esperança de sêr feliz.

Eu tambem já tive um ideal, e este ideal ruiu por terra, e desta ruina só se salvou a saudade e a renuncia.

Junto a esta uma insignicante cronica, para que, caso não se aborreça, me dê a opinião sobre a mesma.

Póde fazel-o sem piedade pois acho que não dou para literata.

Agradecendo-lhe sinceramente a benevolencia com que me atendeu, envio-lhe um grande e saudoso aperto de mão.

A' paulista sincera."

Mau! Mau! Em casa de enforcado... não se fala em má literata... Em casa de má literata... não se fala em fôrca... Poderia parecer uma alusão, não acha, D. Ana-mye?

O diabzo é que comecei a falar mal das *bas bleus*... Foi um erro. Primeiro, porque v. ex. me elogia abertamente...

Depois, porque eu gosto das paulistas... O diabo é o caso da literata! Como descalçarei essa bota? Como é que irei dizer que v. ex. não é bôa literata, sem me expressar claramente?... E' preciso encontrar um rodeio, uma metaphora... Etc, etc.

Comecemos... V. ex., como paulista, deve ser muito intelligente. Mas, como literata, não é muito... muito... Não é isso, v. x. não é uma dessas maravilhas... em materia de literatura... Com geito, porém, e pertinacia, acabará sendo uma literata, que não será bôa nem má: será, apenas, uma formosa paulista.

Afinal de contas si eu não disse coisa com coisa, a culpa não é minha, é da situação que v. ex. me creou. Não me é possivel ser franco. E não encontro u'a metaphora que sirva...

Fica para outra vez...

IVETE D. (Capital) — A sua carta côr de ócre, é antes, um inquerito sobre a felicidade. Não chega a ser uma missiva.

Tenho a impressão de que v. ex. só m'a escreveu com dois objectivos definidos: — falar da sua illustre pessôa, dos seus dotes, da sua "gouvernante"... (esqueceu o *Packard*?) e da felicidade que ainda não lhe estendeu a mão caprichosa...

Vejamos a carta que me dirige:

"Yves. Saudações. E' com a mais grata satisfação que depois de tanto tempo, posso escrever-lhe esta cartinha. Ha muitos mezes tento escrever-lhe mas, se mamãe ou a governante pegassem-me escrevendo para um rapaz, nem queira saber!

Sigo com grande interesse a sua secção no FON-FON, e os seus artigos, Yves como gosto delles!, como são naturaes e verdadeiros!

Li o seu artigo de domingo ultimo sobre os "Livros bons e máus". Estou de pleno accôrdo com você. Não ha livros immoraes e sim bem ou mal feitos e interpretados.

Tenho lido varios livros dos quaes muitos não são destinados ás mocinhas, mas, que quer! Não posso mais com os livros de Delly e Ardel que são os unicos que tenho permissão para lêr.

Tenho uma séde ardente do *saber!* Quero ver a vida como ella é, e não como a pintam esses romances juvenis. Precisamos saber encarar a vida para poder vivermos.

Até hoje acho que não vivi, e sim vegetei.

Yves, meu amiguinho, pois com a sua permissão assim o considero, dê-me um conse-lho. Quero saber porque não sou feliz, tenho lidado para descobrir mas não posso. Nada me falta para sel-o segundo varias opiniões. Tenho paes, dinheiro, e modestia a parte, um pouco de belleza, que mais me falta? e então porque não sou feliz.

Espero meu amiguinho ansiosa a sua resposta no domingo que vem, sem ironia ouviu?

Da sempre admiradora."

Resposta:

I — Agradeço-lhe os conceitos amaveis que expende sobre a minha obscura pessôa... Como é gentil, v. ex.!

II — Aconselho-lhe a escrever, sempre, com um vidro de calmante, (ou excitante?) ao seu lado — para prevenir o possivel susto que a sua alminha angelica e o seu coraçãosinho de imaculada pureza poderiam vir a soffrer, no caso de ser surprehendida, pela sua incorruptivel governante, no feio peccado de escrever a um redactor de revista... Não estrague a sua mocidade tão util com esses sobresaltos mortaes... De resto, uma joven como v. ex. deve estar catalogada entre as 11.000 (onze mil) virgens, que moram na côrte celeste, ao lado dos seraphins e dos archanjos... No ultimo caso, v. ex. deve, pelas suas virtudes peregrinas, (quem foi que inventou as virtudes peregrinas?) deve estar incluida entre os bemaventurados que irão direitinho para o reino da gloria... Não porque os bemaventurados sejam os pobres de espirito, de que fala o Messias, no grandioso "Sermão da Montanha"... Mas, justamente, porque v. ex. é rica de castidade, de pureza, etc. e tal.

III — Declara não ser feliz... Mas, a felicidade é uma concepção pessoal. E' um ponto de vista... E', ás vezes, mera suggestionalidade.

A felicidade para uma joven rica e pura não é a mesma coisa para uma joven pobre e impura. A felicidade para uma senhorita illustrada, intelligente, etc., não é a que uma senhorita de poucas letras possa ambicionar.

Outro exemplo? A felicidade para o suicida é comprar a arma com que dará cabo dos seus dias. Para o "belchior", ou o armeiro, é vendel-a ao suicida ou a qualquer idiota...

Ainda outro exemplo?

A felicidade do gato é comer o rato; a deste roedor é comer o queijo...

Outro mais?

A felicidade do pharmaceutico é que um desgraçado qualquer esteja sempre doente — para que lhe venda remedios: a felicidade do enfermo é ficar bom e não comprar os remedios do boticario.

Como vê, a felicidade é coisa relativa.

Não me é possivel dizer porque é que v. ex. não se considera feliz...

Tem paes. Tem dinheiro. Tem belleza...

E a idade? E a intelligencia? Não será gaga? Não será... calva? Será muito gôrda? Terá buço? Terá pés grandes — 38?...

Como vê, ha casos em que a felicidade depende desses pequenos detalhes... Buço, pés grandes, gagueira, calvicie... Que diz, mlle.?

WOLBAR (?) — Olá, caro poeta! Acha que poesia é genero de primeira necessidade? Engano. Genero de primeira necessidade é carne secca, feijão, farinha, batatas... Ah, é verdade. Perdôe falar em coisas tão deselegantes... Mas, ao referir-me aos generos de feira livre, não me era possivel esquecer as "batatas"... que são tão peculiares aos poetas... Creio que o sr. possúe grande *stock* dessas magnificas solaneas... De modo que não faz mal citál-as entre aquelles cereaes...

Mais uma vez, queira perdoar-me. Este cantinho de pagina, por causa do sr., está cheirando a armazem de séccos e molhados...

A carta que o sr. me dirigiu é uma delicia de vulgaridade. Leia-mol-a:

"Yves. Saudações. Pela terceira vez, hoje, venho importunal-o. E' pena, Yves, que eu não possa achar-me deante de você; sinto não poder dizer-lhe, boccalmente, a vontade louca que eu tenho de vencer!... E você, Yves... Eu sei que você não é egoista; si possivel fôr, você me auxiliará, não é? — Ai dos fracos se não tivessemos os fortes para amparal-os! — Mas, serei por acaso um invalido?... Diga-me Yves: o meu terceiro soneto e responda-me com a sua franqueza caracteristica. Honre-me com o seu conselho de mestre. Seja, por obsequio, o meu orientador!... E, amanhã, "se chegar a ser um grande poeta", a você somente agradecerei: caso me aconselhe, poderei tambem abandonar a literatura (que tanto amo) afim de que, mais tarde, não venha impregnal-a de versos máus.

Sem mais, assigna o seu eterno admirador: *Wolbar*."

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviarnos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136
FON - FON — 23 -9 - 933

Data da consulta ....
Nome do consulente ....
....

Gryphei a proposito o adverbio *boccalmente*...

Será que o sr. possúe um boccal, em vez de bôcca? Até aqui os poetas, mesmo os mais doentiamente modernistas, estão certos de possuir uma bôcca, com lingua, dentes e tudo. O sr. é dono de um boccal... Livra!

Estarei deante de um trombone ou de um poeta? Si é trombone de vara, corneta, piston ou clarinete, não m'o negue, poeta. Si o sr. não me diz a verdade, eu apito... E peço soccorro... E, no fim de contas, isto acabará em jazz-band... ou em orchestra de apitos...

Mas, fóra de brincadeira, não escreva tolices. Boccalmente, é bobagem. Não se diz. O que o sr. quer dizer é — *verbalmente, oralmente, de viva voz*, etc.

Boccalmente... seria necessario que o sr. enfiasse um boccal na sua bocca, para falar commigo... soprando como um bombardino: — on... on... on... on... O que, aliás, se poderia confundir com a voz de um elephante...

Vamos, poeta, tire o boccal da bôca, e volte...

Porque, emquanto o sr. fizer versos com *boccal* na bocca, só lhe sahirão sonetos aleijados como este seu:

CONSELHO

Depressa... Parte. Não faz mal
[que partas!...
Nada de prantos. Não convém cho-
[rares...
Só te peço que amarres minhas
[cartas,
E m'as devolvas, logo que che-
[gares.

Mas ouve bem: Ha, por ahi, lu-
[gares
Que deixam, de namoro, as moças
[fartas...
Existem por ahi, por estes mares,
Muitos barcos com podridão nas
[sartas.

Parte. Parte depressa e volte!
[quando
Quizeres. Vae; vae conhecer a
[vida,
Que eu te asseguro não ficar cho-
[rando.

Mas, quando regressares a chamar
Por mim, creias: Eu partirei que-
[rida,
Mas partirei, pr'a nunca mais vol-
[tar!...

ADEL (Capital) — Como a sua cartinha verde-malva tem, para mim, o valor de uma réclame, apraz-me transcrevêl-a na integra. Eil-a:

"Yves: Num dos numeros anteriores do FON-FON, encontrei casualmente quando o folheava, uma resposta á "Lita".

Nunca me passaria pela imaginação, que haveria de te escrever um dia...

E se o faço, podes crêr, foi motivada pela tua resposta, Yves!

Não li "Uma Garçonne Carioca". Não formo delle portanto, nenhuma opinião.

Sei somente que o escreveste para as "mulheres infelizes e repudiadas pela sociedade.

Escrevestes uma obra de dôr, para demonstrar que as mulheres que cáem, merecem um pouco de indulgencia, de piedade, porque a sociedade não póde punir aquellas que ella não soube defender e amparar"...

E' por concordar grandemente comtigo, Yves, que quiz num grande abraço, demonstrar a minha satisfação, aliás sincera, por ter encontrado alguem, que as eleva, na vida miseravel que levam e sempre tão mal julgadas!... *Adél.*"

Deus lhe pague os elogios e o abraço tambem. E só?

Yves

mente individuos incapazes de distinguir, num bife, uma mosca.

Para Paulo, as horas mais suaves eram as que passava ao lado de Mary, essa *girl*, e as mais tristes as que passava pensando em sua Suely, quasi sempre recostado no angulo da janella, onde em baixo se divisava pontos luminosos até perder de vista, como no céo, em noite estrellada.

Mary não lhe tinha fornecido o seu endereço. Todas as tardes elles se encontravam num determinado ponto, e quando se aproximavam as seis horas ella dava um adeuzinho com dois dedos mimosos e partia numa *limousine* que dizia ser de sua propriedade.

Pelo que ella dizia, devia ser muito rica.

Muitas vezes deixava Paulo desconcertado com suas idéas confusas e avançadas para alem do seculo actual.

Uma tarde, Paulo perguntou ao *chauffeur* quem era Mary. A resposta devia ter sido malcreada, pois Paulo julgou que, si ha uma pessôa que merece ir para o inferno para que o diabo, todas as manhãs lhe jogasse um caneco de agua fervente nas canellas, esse *chauffeur* deveria estar em primeiro logar...

Numa dessas tardes, a ultima, Paulo tomou um *taxi* e seguiu o carro de Mary. Sentia necessidade de saber quem era essa moça mysteriosa. Após atravessar longas ruas, Mary saltou em frente de um majestoso edificio de varios andares. Pelo aspecto devia ser um hotel. Paulo saltou cem metros á frente, e veiu a pé até o portão. Attendeu-o um senhor idoso e de physionomia agradavel, que em resposta disse a Paulo que, de facto, Mary residia alli. E accrescentou:

— A "Princeza dos dollars", como exige que a tratem.

Paulo perguntou si era permittido fazer-lhe uma visita.

— Não, — disse o porteiro. — Não é permittido, porem, vou ver si, por uma deferencia especial, o director satisfaz ao seu pedido.

E afastou-se.

Somente então Paulo procurou saber que estabelecimento era aquelle. Julgou que fosse um collegio. A sua curiosidade não foi longe, porque no mosaico, em letras meio apagadas, poude ler: "Doenças nervosas — Manicomio Wilson."

Não sei si, com os traços fornecidos pelo porteiro, Mary soube quem tinha sido o visitante daquella casa.

* * *

Naquella mesma noite, Paulo, recostado no angulo da janella do

MENTIRA SALVADORA

(*Conclusão*)

seu apartamento, comprehendeu ser impossivel viver longe de Suely.

Que lhe adeantava Nova-York, si vivia sempre triste? Não eram vinte dias aborrecidos esses que tinha passado alli? *Dancings*, *wall street*, theatros, mulheres loiras e bonitas, disso tudo estava enfarado. Os arranha-céos que tanta vontade teve de conhecer, vistos ao longe, não davam impressão de um amontoado de caixotes que se vê nos trapiches?

Uma tristeza immensa, uma saudade louca de Suely o invadiu. Recordou-se da doçura com que o tratava.

Lembrou-se das duas covinhas mimosas que se formavam na face, quando ella sorria. Do tempo que ella esperava pelo casamento. Dos cuidados que sempre lhe dispensára. E elle, sem mais nem menos, porque ficou rico, a esqueceu. Sentiu os olhos rasos dagua, e desejou que houvesse um meio mais rapido do que o avião, que lhe permittisse estar ao lado de sua noiva pelo menos no dia seguinte. Mas, mesmo que embarcasse no dia seguinte, somente dahi a seis dias a poderia ver. Resolveu que iria no primeiro avião que partisse para a America do Sul.

* * *

Logo após a sua chegada, foi á casa de Suely. Sua alegria foi enorme ao tornar a revêl-a. Ella porém, mostrou-se despreoccupada. Era o mesmo que Paulo não estivesse alli. E quando pretendia perguntar-lhe o motivo, ella estendeu-lhe entre dois dedos uma minuscula alliança. A alliança de noivado.

Paulo cahiu em si. Não se havia ainda lembrado de que essa moça que sempre o tratara tão distinctamente, que nunca tivéra uma palavra aspera, o poderia um dia tratar daquella fórma.

Uma triste idéa o assaltou. Suely, altiva como era, não o perdoaria nunca mais. Com a firme opinião que ella possuia, não voltaria atraz.

Elle nunca mais veria aquelle sorriso. Nunca mais teria aquelles carinhos de outr'ora.

Foi nesse momento de angustia que uma idéa luminosa, uma mentira salvadora lhe passou pelo cerebro.

Si produzisse effeito, a reconquistaria para sempre, e mais fortemente.

E sorriu alheio á gravidade do caso: o mais natural possivel. E com palavras convincentes, disse:

— Não te zangues sem motivo. Espera que te explique antes uma coisa, e verás que o meu intuito não foi offender-te com um abandono brusco. Pelo contrario, verás que sempre te quiz e mais fortemente depois que ficámos ricos. Si fui a Nova-York, não foi a passeio, pois bem asbes que a viagem por mar é feita em quatorze dias de ida e outros quatorze de volta. De avião, que é mais rapido, bem sabes que nunca me arriscaria. E si se gastam vinte e oito dias para ir e voltar, deves saber que só podia ter me demorado lá dois dias. Tempo sufficiente para comprar um presente para ti. Um rico presente, que, conforme me garantiu o melhor especialista de Nova-York, por certo contribuirá para nossa felicidade.

E estendeu-lhe o presente. Suely abriu o embrulho e examinou demoradamente o presente. E teve um sorriso que fizeram as duas covinhas ficarem accentuadas como nunca estiveram.

E quando estava com a cabeça encostada ao coração de Paulo, que batia forte e festivamente, disse:

— Não poderias offerecer-me um presente mais precioso.

E perguntou:

— Mas achas que, dentro de tres dias, como diz aqui, eu estarei mesmo vermelha como um cossaco e com o figado perfeito?...

Notas de Arte

BIDÚ SAYÃO — Em a noite de 13 de setembro fez a sua ultima apparição nesta temporada a grande cantora brasileira sra. Bidú Sayão. Realizou no Theatro Municipal um grande concerto, onde se fez ouvir, acompanhada ao piano pelo prof. Arnaldo Estrella, em — *La Farfalletta*, de Cesti; *Spiagge amate* (arioso), de Gluck; *Non so più cosa son, cosa faccio*, aria da op. "Le Nozze di Figaro", de Mozart; tres canções em dialecto veneziano — *La Regata Veneziana* (Anzoleta antes da regata, Anzoleta durante a regata, Anzoleta depois da regata), de Rossini; as arias da op. "Lucia di Lammermoor", de Donizetti — *Il dolce suono mi colpi di sua voce* (Aria da loucura) e *Spargi d'amaro pianto*; *Tristesse* (sobre o thema do Estudo em mi maior) e *Desiderio di lanciulla* (mazurka), de Chopin; *Jota*, de Falla; *El jilguerito con pico de oro* e *Alma sintamos* (duas canções populares hespanholas, estylo antigo — (1751), *Montañesa*, *Canto Andaluz* e *Polo* (tres canções populares andaluzas), de Joaquim Nin. Além desses cantou extra: *Almewit la Rose*, de R. Korsakoff; *Canto da saudade*, de Alberto Costa; *Estrellita*, canção mexicana; *Casinha pequenina*, de Ernani Braga; *Canção gallega*.

Foram deliciosos momentos de arte os que nos deu a grande artista patricia. A sua figura cheia de graça e suavidade, muito leve, muito delicada, harmoniza-se inteiramente com o timbre da sua voz primorosamente educada. Festa para os olhos e para os ouvidos todo o concerto de Bidú Sayão. Raras impressões de belleza. Ouvil-a com a mesma arte requintada nas canções de Rossini como nas arias de Donizetti; fazer vibrar de emoções varias mas emoções fortes a platéa ouvinte, sensibilizando com as delicadezas mozartinas da Aria de Cherubino; a sentimentalidade incomparavel da Musica de Chopin, e a sensualidade polymorpha das canções de Nin.

Ouvindo-a e reouvindo-a ficamos cada vez mais persuadidos do grande valor artistico da nossa gloriosa patricia. Como a sua voz, naturalmente bella, ha muitas, mas raras são as que, como a sua, agradam, sensibilizam, emocionam pela cultura. E' de ver-se e de applaudir-se sem restricções o primor com que vocaliza e phraseia; a perfeição com que percorre sem o minimo deslise todos os registros. Bidú Sayão é realmente uma cantora, uma grande cantora, uma das maiores do Brasil e do mundo contemporaneo. Assim já a consagrou e com razão a critica européa; assim já foi ovacionada pelas grandes platéas do Scala, de Milão, e da Opera, de Paris.

O concerto de despedida foi mais uma opportunidade para glorificar-se a artista nacional. Palmas, bravos, flores saudaram a triumphadora. O publico não queria deixal-a partir e solicitava e obtinha novos numeros. Cantou mais cinco alem dos constantes do programma; todos alvo de enthusiasticas ovações.

Só faltou para brilho integral da noite festiva maior concurrencia. Devendo estar cheio á cunha, o Municipal tinha apenas meia casa. O que não é de admirar, pois em concertos assim acontece, mesmo com as celebridades estrangeiras que nos visitam. O publico prefere sempre a musica dramatica á musica de camera.

VERA JANACOPULOS — A noite de 16 de setembro no Theatro Municipal reproduziu com tanto ou maior esplendor as incomparaveis audições de musica de camera a que, ha tres annos, assistimos no Theatro Lyrico. Sacerdotiza da arte, officiava de novo para encanto dos olhos e dos ouvidos e para delicia da nossa espiritualidade, a nunca assaz louvada, grande cantora brasileira sra. Vera Janacopulos.

Se transcrevemos systematicamente nestas chroniquetas todos os programmas das exhibições artisticas a que assistimos, com o fim unico de os registrar para conhecimento dos leitores, hoje o fazemos tambem para mencionar tudo o que a eminente cantatriz nos revelou de especialmente notavel, como se cada numero fosse entre muitos um modelo supremo de interpretação. E' que realmente, no seu genero, cada numero foi primor entre primores.

Ouvimos assim, alem dos extra — *Nicolette*, de Ravel — *Ich groll nicht* (*J'ai pardonné*), de Schumann — *Les cigales*, de Chabrier — *Casinha Pequenina*, de Ernani Braga — este bello e ecletico programma todo cantado nas linguaes originaes — italiano, francez, hespanhol, portuguez, inglez, allemão e russo: 1) PURCELL — *Recit et air de Dido*; HANDEL — *Where e'er you walk*, *Air d'Orlando*, *Oh! had I Jubal's lyre*; MUSSORGSKI: 2) *Chants et danses de la Mort* (*Trépas*, *Berceuse*, *Seré-nade*, *Chef d'armée*) e 4 *Enfantines* (*O' raconte Nianiowchka*, *Fi done, Vespiégle!*, *La prière du soir*, *Sur le dada*); 3) FAURÉ — *Aprés un rêve*, *Clair de lune*, *Tristesse*, *Au bord de l'eau*; DEBUSSY — *Trois chansons de Bilitis* (*La Flute de Pan*, *La Chevelure*, *Le Tombeau des Naiades*); 4) VILLA LOBOS — *Abril*, LORENZO FERNANDEZ — *Toada pr'a você*; HECKEL TAVARES — *Dança do caboclo* e *Azulão*.

A enumeração das peças revela-lhes a diversidade dos generos, e a sua execução mostrou que cada genero teve na mesma artista a mais completa e inexcedivel interprete.

(*Continúa na pag. seguinte*)

Vera Janacopulos foi tragica e sublime em *Récit et air de Dido*, de Purcell e nos poemas da Morte de Mussorgski, e lyrica e elegiaca nas paginas de Fauré; deliciosamente delicada nas *Infantis*, de Mussorgski; santificadora da volupia na *Flauta de Pan*, de Debussy; fascinante de graça e sensual lyrismo em *Dança do caboclo* e *Azulão* de Heckel Tavares; e como que se excedeu a si mesma, em *Tristesse*, *Au bord de l'eau*, *Toada pr'a você* e *Casinha Pequenina*.

Mas tudo isso não foi bello só pela voz e pela arte que a essa voz esmalta. Ha alguma coisa que é quasi tudo e que é raro, senão excepcional, rarissimo. A sra. Vera Janacopulos não dá ao seu canto a expressão commum dos gestos e attitudes, tornando-os, uns e outras, meros complementos da expressão vocal. Faz o que em tão alto grão nunca vimos em cantores de musica de camera, mesmo as mais notaveis que nos têm visitado. Transforma o rosto num scenario vivo. A mimica da face afina-se numa synchronização absoluta com a musica da voz. E o auditorio não ouve só, vê tambem todo o sentido do poema sonoro; contempla-lhe os episodios; assiste-lhe ao desfilar dos heroes. A cantora pouco

NOTAS DE ARTE

(*Conclusão*)

gesticula; quasi não se move; os gestos e attitudes são apenas complementos da mobilidade physionomica. E' na face que se concentra toda a vida do poema. As mutações physionomicas adquirem ás vezes tal intensidade que parece serem realmente diversas as almas que animam o mesmo corpo. Dahi o esplendor sem igual das interpretações. Dahi a força communicativa que imprime ao canto, encantando, commovendo, empolgando o auditorio fascinado. Dahi o condão de dar mais belleza ás bellezas das peças; multiplicar-lhes o valor numa proporção inattingivel mesmo por cantoras notaveis do genero. Para não sahir da musica actual e da musica brasileira citemos como grande exemplo do excepcional predicado as interpretações de *Toada p'ra você* e *Casinha Pequenina*. Quando cantadas por Vera Janacopulos essas composições não só agradam, encantam, commovem, mas emocionam profundamente, empolgam, arrebatam. Dá-lhes a interprete valores novos. Foi o que mais uma vez se viu e se ouvio no ultimo concerto da eminente artista.

E' quasi escusado dizer a innumerabilidade e a intensidade dos applausos. Palmas, flores, entre as quaes formosissima e custosa *Corbeille*, e bravos enthusiasticos glorificaram a grande artista.

Emerito collaborador da notabilissima cantora, figurou o Prof. Mario de Azevedo que a acompanhou ao piano com a costumada mestria.

COMPANHIA LYRICA ITALIANA DO THEATRO CARLOS GOMES — A preços populares trabalha no Theatro Carlos Gomes da Empreza Paschoal Segreto uma Companhia Lyrica Italiana que bem merece ser vista e applaudida. Dado o custo das localidades — nove mil réis a poltrona — parece que é um conjuncto de valor minimo; entretanto a verdade é que no seu seio existem alguns elementos capazes de figurar em Companhia de ordem elevada, e que os seus espectaculos, alem de tornarem conhecidos do grande publico a bôa musica de opera, são preparo muito apreciavel para as grandes audições das grandes Companhias Lyricas.

Tivemos essa impressão ouvindo duas unicas operas, as levada na ultima semana, uma na noite de 12 o *Barbeiro de Sevilha*, e outra na tarde de 17 — *Aida*.

Além do bom desempenho relativo do conjuncto, em que se notaram o baixo Lisandro Sergenti em D. Basilio e em Ranfis; os barytinos Giuseppe Zonzini em D. Bartolo, Paulo Ansaldi em Figaro e Edmundo Rigazzi em Amonasro; o meio-soprano Dolores Frau em Amneris, distinguimos mais especialmente o soprano ligeiro Dora Solima em Rosina, o soprano lyrico-dramatico, Carmen Gomes em Aida e o tenor Reis e Silva em Radamés: todos tres podendo figurar em palcos lyricos de primeira ordem. Pode-se mesmo affirmar que são os dois artistas brasileiros, Carmen Gomes e Reis e Silva que constituem as primeiras figuras do elenco do Carlos Gomes. Oxalá que deixando as Comps. Pps. ingressem nas do Theatro Municipal, como aconteceu entre outros, como o barytono Tagliabue e o soprano Adelaide Sarraceni, que tanto brilharam na Companhia Popular do antigo Th. S. Pedro, da mesma Empreza Paschoal Segreto, em 1924, e pouco tempo depois se tornaram famosos, indo cantar no Scala de Milão e no Colon de Buenos Aires.

Só merece applausos a Empreza Paschoal Segreto por proporcionar ao povo do Rio de Janeiro, mediante preços infimos, espectaculos lyricos de valor relativo bem apreciavel.

OSCAR D'ALVA

HERMES FONTES

NUNCA é de mais fallarmos de Hermes Fontes e de seus lindos versos. Certamente ao que nos foi dado observar neste poeta, notamos que, por largos e exuberantes que sejam os motivos emocionaes da sua lyra, encerram sempre uma margem de mutismo, mas desse mutismo fecundo onde cabem todas as possibilidades, todas as promessas do silencio, e onde palpita a angustia do ineffavel, desse peso que levamos dentro d'alma e que o espirito não chega siquer a concretizar...

Si as imagens pudessem passar directamente da substancia que as engendram para a pagina typographica que a divulga, teriamos, quem sabe?, a verdade núa de tudo quanto o poeta pensou, do que elle viveu e porque o poeta morreu...

Mostrar-nos-ia muito mais do que a violencia acrobacia da idéa, da meditação, da temeridade, e esse estado, por assim dizer cosmogonico, fóra do sonho talvez não o teria por certo abandonado...

Hermes Fontes disse, aos quatro ventos, todo o segredo da sua grande alma poetica. Disse-o melhor do que os outros. E o silencio do homem que soffre é muito mais doloroso do que o soffrer do homem que grita!

Si Hermes Fontes não conheceu a vaidade, conheceu, por certo, o orgulho, sentimento instinctivo e proprio de tudo quanto luz e resplende, patrimonio único dos seres materialmente perfeitos, dos animaes indomitos e, especialmente, das arvores copadas, do espaço, do proprio silencio...

E esse seu immenso orgulho, orgulho de quem tem talento, foi de encontro á propria morte...

Sem duvida que em seus versos Hermes Fontes demonstra que a alma predomina no espirito e constitue a fonte perfeita e magnifica da sua maravilhosa inspiração, e não foi no materialismo que elle elaborou a sua grande, forte, admiravel obra, que ha de ser perpetuada quando no Brasil pudermos lêr mais...

Elle fez questão em não sahir de si mesmo para encontrar a verdade da vida...

Porque a verdade ás vezes mata...

Soffreu estoicamente, e, talvez por isso, achasse por bem fazer o que Viriato Corrêa, o nosso admiravel Viriato, disse naquelle lindo soneto que assim termina:

> «O coração em chagas, a alma em pranto
> fizéste de uma bala a reticencia
> do teu fatal e derradeiro canto!...

A bala que matou Hermes Fontes, como se vê, não matou os seus admiradores.

PLINIO MENDES

O VOTO FEMININO

— E a senhora, d. Josefa, em quem pensa votar?
— Eu acompanho meu marido.
— Tambem penso que assim é que deve ser. E seu marido?
— Ora, elle vota em quem eu mandar.

— Veja: a senhorita escreveu a palavra assassino com "ç" em um logar e com dois "ss" n'outro.
— Desculpe, senhor. Foi um engano.
— Corrija-o, então.
— E onde devo corrigir?
— Ora,... onde estiver errado.

AS COLUNAS
DE RUBEN

PREZADISSIMO Gustavo. — Quasi cinco mezes são decorridos da remessa dos seus magnificos trabalhos "As columnas do Templo" e "Osorio", e ainda não me desobriguei da promessa, noticiada pelo nosso extremado José Candido, de agradecer-lhe mais essa gentileza. Da razão de tal demora, desculpar-me-á, sem duvida, quando souber da terrivel terção maligna adquirida numa viagem de estudos ao verdadeiro El-Dorado americano, embalde procurando por inumeros conquistadores — o Noroeste Maranhense — e que por alguns mezes me impossibilitou de qualquer esforço. Aliás, no inicio da convalescença, a leitura de seus livros me foi excellente therapeutica mental, e agora me apresso, ainda não inteiramente restabelecido, em dizer-lhe do incomparavel agrado que me causou tão opportuno presente. Do segundo livro, entretanto, não falarei aqui, e isso por dois motivos razoaveis: para não alongar esta apreciação, talvez já de si demasiado extensa e, por que não confessál-o? — enfadonha para as paginas levissimas da sua galante revista, e porque me aguardo para uma critica de conjuncto da sua obra historica, desde Heroes e bandidos" até á figura esplendida do marquez do Aeroal, inclusa toda a sua serie bellicosa... Do primeiro, porém, ha de permittir-me dizer alguma coisa, de vez que o problema focado particularmente me interessa.

Começarei, assim, batendo palmas incondicionaes pelo trabalho: honra o seu autor e a cultura brasileira, e segue orgulhosamente o "Aquém da Atlantida", cuja apreciação por mim ensaiada você teve a magnanimidade — exaggero visivel — de classificar com "a unica verdadeira critica" exercida sobre o seu formoso livro.

Subordinado ao 1º titulo "O Folk-lore e o Mundo", com que abre pomposa e festivamente o seu Templo sumptuoso, ha este outro: "Methodos e Escolas de Folk-lore", no qual você se esforça e de modo brilhantissimo o consegue, por mostrar a marcha evolvente do pensar dos eruditos em torno desse debatido assumpto; as diversas theorias surtas e os seus multiplos adeptos.

Deixe-me confessar-lhe: nesse ponto, é minha arraigada convicção (si não já de outrem) que, si quizermos bem aprender toda a razão da flagrante analogia verificada entre todas as *historias* do mundo, deveremos começar confundindo folk-lore e mithologia, que outra coisa mais não resultam do que dois aspectos, digamos: dois ramos divergentes de um mesmo e originario methodo educacional ou civilizador — a fabula.

Ora, em materia de explicações para o alludido e já exhaustivamente demonstrado phenomeno, convem não esquecer, como sabe, possuirmos abundante literatura, desde a remotissima escola de Evemero até á ultra-moderna de Freud e seus discipulos.

Recordemol-as ligeiramente.

1ª, chamada "historia". O enorme cortejo de deuses olympicos e sub-olympicos trahi uma ininterrupta dymnastia de reis e potentados na ilha de Pancaia, sita nas costas da Arabia oriental, e cujas façanhas desnaturaram as narrativas ao ponto de serem consideradas divindades. E' o que deixam entrever as paginas vetustas da Historia hiera", de Evemero, pelo menos na traducção latina de Enio. Subscripta, em parte, pelos epicuristas, essa maneira de interpretar teve até o sevulo XVIII numerosos proselitos: Colomna, Hesselio, Sevin, Fourmont, Fouchez, Banier Baschet de Mériziac, mau grado a critica desapiedada de Luciano, Cicero e Erasmo.

DO TEMPLO

ALMEIDA

2ª, "physica e metaphysica". Constituiram-na Epicharmo, Empedocles, Socrates, Platão, Aristoteles, Platino, Porfiro, Proclos e Damascio. Simples processo de divulgação scientifica e biologica, usado pelos iniciados, com o véo da allegoria. Origem pitagorica.

3ª, "biblica", praticada por Eusebio, Pamphilio, Bochat, Vossio e Huet. Considerava a Mythologia simples disfarce da Biblia...

4ª, "moral". Principaes defensores: Horacia, Basilio e F. Bacon. Outra coisa não via nos mytho além de invenções de sabios legisladores e moralistas para alicerçar as leis e pregar os bons costumes.

5ª, "astronomica", de Dupuis e Valney, explicando pelo mechanismo celeste a origem de todos os mitos.

6ª, "symbolica", de Kreuzer, que aliás apenas veiu reforçar a precedente, subscrevendo o famoso trecho da "Metaphysica" de Aristoteles. Para elle, como para Guigniaut, seu traductor e commentador, tudo eram symbolos.

7ª, "analitica ou comparada", de Kuhn. Estabelecendo a identidade de numerosos mythos vedicos e de similares em nações européas de origem hindú, o creador da mythologia comparada mostrou no seu simplicissimo systema serem os mitos, como as linguas, puro producto do instincto, sem locubrações mysticas nem theorias transcendentes a norteal-os. Entre os seus mais ephemerosos adeptos registraram-se Lauer e Baudry.

8ª, "philologica", de Muller. Parecido com o de Kuhn, diverge entretanto em certos pontos, sobretudo quanto ao caracter elementar dos deuses, meteorologicos para o creador do methodo, solares, para o alicerçador. Metaphoras consideradas fóra de proposito na sua propria accepção, especie de "doença da linguagem".

9ª, "grammatical ou phisiologia", de Bréal. Segundo elle, seriam os mitos originados na propria phisiologia do inconsciente humano.

Hegel, Renan, Maury, Grimm, Parisot, Quinet, Michelet, Ménard, rigorosamente falando não crearam escolas, limitando-se a acceitar, com algumas restricções, este ou aquelle systema, ou tratando de mythologias regionaes, como Jacob Grimm, que edificou uma theoria acanhadissima, segundo a qual os deuses germanos são os proprios deuses helenos adulterados, emquanto as superstições propriamente ditas vieram de Roma...

Depois, então, é que cabe citar a sua grandiosa lista. Creadores de methodos e escolas de folk-lore, nem por isso deixaram de o ser outrosim, quanto á mythologia.

Em meio a toda essa balburdia de escolas, systemas, methodos, hypotheses e theorias, em que cada um julga estar com a verdade e ter por tal motivo a ultima palavra, tanto é aconselhavel aquella requintada ironia de Cicero dando-se ao trabalho de contar o numero de Hercules (semelhantemente poderiamos proceder para os Bons Jesus e as Nossas Senhoras) afim de salientar a seu modo o ridiculo da mythologia, ou aquelle scepticismo do excellente Socrates declarando muito mais commodo crêr do que explicar.

Dou-me, em todo o caso, ao luxo de pensar que as mais antigas historias constitutivas do folk-lore universal nada mais vêm a ser do que velhos mitos corrompidos inconcientemente pelas idades. Pois, si os antiquissimos poetas gregos — e podemos citar Hesiodo — já se esforçavam inutilmente para descobrir a procedencia dos mitos de que faziam a base das suas composições, que não diremos nós os deste seculo? Por isso escreveu Reinach:

(Cont. na pag. seguinte)

O porteiro (ao professor distrahido). — O senhor enganou-se. Sua conferencia está annunciada para amanhã á noite. Mas, a julgar pelo numero de entradas que vendemos, dará no mesmo o senhor realizál-a esta noite.

HEITOR DE SOUZA

O ministro do Supremo Tribunal Federal, Heitor de Souza, que tão cêdo partira deste para outro mundo, de certo, mais perfeito, sem intrigas nem perfidias nem invejas nem desenganos, era mineiro apenas de nascimento, porquanto não tinha o caracter accentuadamente conservador dos coestaduanos.

Brincalhão, intelligente, vivo, possuia memória prodigiosa: ouvia um discurso, uma narrativa e reproduzia depois a oração ou o episodio, redizendo tudo palavra, de fio a pavio.

Como a delle, só a de outro mineiro, cuja retentiva se tornára notavel, nosso amigo Raul Soares, de quem contamos já uma historia, digna de ficar na lembrança de quem porventura a leu.

De bôa conversação, de bom trato, era Heitor de Souza homem fino, extremamente agradavel.

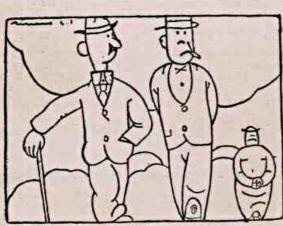
Existe no Estado montanhez a antiga cidade de Cataguazes, municipio do tempo do Imperio, da qual fôra elle promotor publico no regime republicano.

Houve certa vez uma festa em casa de pessôa importante da localidade, á qual comparecêra o Nobre Orgão da Justiça Publica, mas, em caracter particular. E nem podia deixar de o ser...

Como era de se prever, apparecêra ali a fina flor social cataguazense, da qual, por força de circumstancias, haviam de fazer parte as celebridades literarias e, com estas pousariam as musas sobre a pitoresca vivenda do amphitryão.

Em meio do festim surgira a figura inconfundivel de poeta de raça: tanto poeta quanto orador, tanto philólogo quanto historiador e critico; um famoso Asinio Pollião que, emtanto, não protegia as letras, (oh!) não fôra amigo de Cicero (pudéra!) e não havia passado o Rubicão com Cesar (escusado!) mas, de facto, poeta de raça, pois o pae já o fôra mais a avó e dois tios e alguns primos carnaes.

Surgira o Cysne de Cataguazes e afinara a lyra e um poema da sua lavra declamára com enthusiasmo. Applaudiram-no todos os convivas.

Querendo Heitor de Souza desconcertar o vate, aproximára-se-lhe no momento em que era cumprimentado pelo marido da personalidade que lhe inspirara o poema

— Estive, hontem numa exposição de animaes.
— Encontraste muitos amigos?

AS COLUNAS DO TEMPLO

(Conclusão)

"A mythologia é um conjuncto de historias imaginadas — não inventadas, mas combinadas e embellezadas livremente — cujas personagens escapam ao exame de toda a historia positiva." Das fabulas affirmou Jacolliot: "mais do que palavras, mais do que metaphoras, são a expressão symbolica das crenças do seu tempo".

Si fosse permittido a um pobre estudioso de provincia emittir o seu modo de pensar sobre o assumpto, abalançar-me-ia a fundar um systema humillimo, que apellidaria de "scientifico", e pelo qual a fabula, encarada quer sob o aspecto de mito, quer de folk lore, seria explicada com a compendição da cultura scientifica, artistica, philosophica e religiosa das primeiras idades, um verdadeiro processo da primitiva civilização, trazida das alturas esotericas do escol para o nivel popular e assim revivida até nossos dias.

Penso, carissimo Gustavo, devera ter maior desenvolvimento, porque a tanto se presta, o capitulo "O Folk-lore no Brasil". Certo, muitos outros capitulos espalhados pelo livro a elle se prendem, e em outros trabalhos já se alongou você. Ainda assim, "Evolução" e "Classificação" mereciam paginas mais demoradas.

Ha — consinta dizer-lh'o, um pouco de desordem, aliás elegante,

AS DUAS LAGRIMAS

(No album de Mlle. Branca Pereira)

Jardim de Eólo. Noite enluarada.
Lyrios suspensos bailam mansamente...
Nympha gentil descansa em nacarada
Concha de amôr, que a envolve docemente;

— "Sou tão feliz!" — suspira, emocionada.
"Colhi, bem viva, tremula, fremente,

e por quem vivia eternamente apaixonado em segredo, absoluto; tão absoluto, que nem ella propria desconfiava. Percebêra Heitor estar ferido o coração do poeta, consoante deprehendêra do poema sentimental, e cumprimentára-o tambem, dizer-lhe com perversidade encantadora:

— Interpretaste muito bem o magnifico poema de Eduardo Araujo...

— Eduardo Araujo?!... Não o conheço.

— Oh! um dos mais lyricos poetas do Brasil. Poeta e jurista gaúcho. Então decoraste o poema sem lhe saber o autor?

— O autor sou eu. O poema é meu e escripto nestes poucos dias...

— Pois, meu caro poeta, sem desejar denunciar um plagiato, devo dizer-te que conheço esse poema, ha alguns annos, e sei-o até de cór.

De Hormino Lyra

— Não é possivel! Duvido!

— Queres, ter a bondade de ouvil-o?

— Faço até questão disso.

— De ouvir o poema?

— Sim. e é já!...

Convidara então algumas pessôas a assistirem a scena improvisada da declamação, afim de ficar apurado si o trabalho era ou não seu.

Célere correu a nova e, em poucos minutos, estavam todos os convivas numa sala acotovelando uns aos outros para ouvir o promotor recitar os versos.

Heitor de Souza recitára-os integralmente, com a sua dicção clara, sem falta de uma palavra.

O poeta de raça mudára de côr, e o outro, muito delicado, julgára conveniente não augmentar a affiicção ao afflicto:

— Estou brincando: o poema é teu. Decorei-o logo á primeira vez em que o ouvi de tua bôcca! Calma!

E o vate voltando a si:

— Ah!... mas isso é um prodigio!

Então os convivas fizeram manifestações de applausos, cujo alvo devêra ser o poeta pela maravilha da engenhosa composição, mas, pela memória prodigiosa, quem as recebêra fôra Heitor de Souza.

Hormino Lyra

(Do livro inédito "Vida Pitoresca.")

---

na disposição da materia. Dest'arte, á explicação do conto "Asinus aureus" deveria seguir a dos que se comportam dentro do mesmo thema, que é o da interpretação de contos, por exemplo: "A exegese da lenda de S. Julião".

Magistraes, as paginas de critica e originalissimas as ultimas quatro folhas.

Em summa, Uma obra criteriosa e de largos horizontes; como é bem de accrescentar, quantas sahem do seu luminoso espirito.

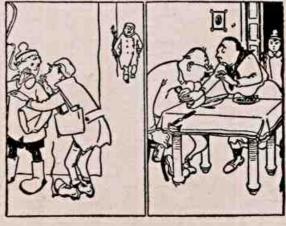
Si não para o Templo inteiro, ao menos para uma bôa parte, jamais tão só para as columnas, reuniu você material abundante e de primeira qualidade.

E nestes pequeninos reparos que nem por sombra visam arranhar o seu pulcro e soberbo edificio, não procure ver outro sentimento sinão o de amizade, muito desvanecido pela honra imerecida que você lhe vem conferindo, com a nobreza incomparavel desse crystalino coração.

Que quer, meu amigo? Não pude sofrear o impulso muito humano, selvagem quasi, de quem, admirando o alçar-se de um edificio grandioso, ousasse trazer-lhe a contribuição de um calhau, afim de ligar o seu nome obscuro ao do excelso constructor.

Com as mais fortes palmas pelo seu triumpho, acredite-me, amigo e admirador incondicional.

Rubem Almeida

S. Luiz, 26-9-33.

Dos olhos de uma joven desposada,
Lagrima doce de um amôr ardente."

Flóra, que a ouvira, diz-lhe, soluçando:
— "Muito mais linda é a lagrima que tenho!
Colhida de um olhar de quem, chorando,

Amava um impossivel desejado!
A tua é de um feliz, — de quem desdenho;
A minha é de um sublime desgraçado...!

Regina Villanova

— Esconde o cigarro; papae vem ahi... — Esconde a garrafa; ahi vem teu filho...

UM GRITO DE ALERTA !
A' Cidade do Rio de Janeiro
RUA DO OUVIDOR, 108
O PAVILHÃO
ASSOMBROSA
BAIXA DE PREÇOS!...
VINDE VER
COMO SE VENDE BARATO !
RUA DO OUVIDOR
PAVILHÃO
OUVIDOR
108

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 38

Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1933

Director: SERGIO SILVA

PSYCHANALYSE

DE BASTOS PORTELA

CLAUDIO interessou-se em saber:

— E Martha? Como vae ella?

— Martha? — irritou-se Bepo, ao ouvir o nome da ultima mulher que havia entrado para o seu passado inquieto.

E repetiu, num suspiro:

— Martha? Uma creatura odiosa!

Claudio estranhou:

— Não entendo. Odiosa? Mas, odiosa... Por que?

Bepo teve um tremor ligeiro nos labios:

— Por que? Então, achas pouco a torpeza das suas acções para commigo? Acaso não te occorre mais que és tu o unico homem que conhece esse caso tão bem quanto eu?

Bepo tinha razão.

Claudio era o seu maior confidente. E sabia quanto aquelle affecto frustrado influira na vida intensa do amigo.

Bepo fôra nas mãos de Martha um simples *fantoche* de amor, com que ella se divertira, até comprehender que elle não tinha nenhuma outra valia.

Bepo! Bello rapaz. Espirito delicioso. Optimo para encantar a vida de uma mulher. Mas, depois?... Um homem, um simples boneco que se põe á margem como outro qualquer...

Quando acabou de desabafar, Claudio, racional e sereno, como todo homem de exame, ponderou:

— Ora, Bepo. O teu caso é o de muitos outros. Martha foi toda tua. E' verdade. Mas, não esqueças que esse *toda tua*, conforme a expressão que ella usava, a cada passo, tinha um sentido muito relativista. Toda tua em relação a uma phase de vida, a um estado de alma, á dynamica de uma força cohesitiva, a uma certa attração physica, material.

Bepo sorria, apenas. Sorria, olhos baixos, mordicando a ponta do cigarro, com um ar de civilizado scepticismo.

Claudio insistiu:

— O amor é simplesmente um euphemismo. E' inutil a symbologia que se crêa para mascaral-o com palavras bonitas. Sonho? Encantamento? Flor dos jardins espirituaes? Amor *che muove il sole e l'altre stelle*? Qual, meu pobre Bepo! O amor é a força de cohesão que approxima os individuos de sexos differentes. E quando Remy de Gourmont advente: "les attractions sont physiques, c'est-á-dire, corporelles", está apenas de accordo com as theorias de Freud. Por traz dos olhares inflammados, das palavras romanticas, lentas, macias e convincentes, a começo; e, por fim, oleosas, guturaes, desorientadoras, o que está é a *libido objectiva*, clamando, desesperada pela sua satisfação integral. E' o instincto que se esconde por traz dos sorrisos angelicos, das attitudes de *madonnas*, dos gestos espirituaes, quasi mysticos...

Bepo fez pilheria:

— Psychanalyse? E' a mania da moda, meu caro.

— Mania é a dos puritanos que se apegam á conceituologia classica. A psychanalyse veiu abrir-nos os olhos para uma nova ordem de coisas, para outra moral. Graças a ella é que se póde hoje explicar o motivo por que o nosso *eu* é irresponsavel pelo que acontece em nossa vida, e, erroneamente, é attribuido ao livre-arbitrio. E para justificar a tua Martha, direi, apenas, que ella não é odiosa. Odiosa? Por que? Porque hontem te amava e hoje já não te ama? E' pueril! Houve nella uma subversão do seu complexo intimo. Sendo o individuo a consequencia da propria mechanica ideo-affectiva, como pondéra N. Manta, é claro que a tua Martha, amando-te, hontem, e deixando, hoje, de amar-te foi victima, apenas da dynamica dos seus processos psychicos, que se modificaram, naturalmente, alterando a essencia da sua affectividade. O amor, olhado sob esse prisma, é, pois, a energia que géra sympathias e antipathias, attracções e repulsas. E tudo isso occorre expontaneamente, dentro do nosso ego, sem que sejamos, por isso, melhores nem peores.

— E por que é que eu a amo e odeio?

— Pela mesma razão que ella não te ama nem te odeia. E' indifferente á tua personalidade, que a saciou.

Um silencio. Bepo olhava, triste, as coisas circumdantes. Claudio proseguiu:

— E' preciso ver o amor com os olhos frios da razão. Nunca, porém, com os olhos afflictos da alma que padece. Martha é hoje tão odiosa para o homem a quem já não ama, como é divina para aquelle a quem ella quer e distingue.

— E' dramatico isso — gemeu Bepo.

— E' a vida! E' apenas a vida, na sua realidade mais pura — frisou Claudio, para finalizar.

— E, na vida e no amor, nada é para surprehender. Todos os absurdos são perfeitamente aceitaveis.

Nesse momento passou uma esguia morena, sorrindo para Bepo.

Bepo confidenciou:

— E' o meu novo *flirt*...

E seguiu-a, esquecido da bella Martha voluvel.

E elle tambem estava com a sua razão — ficou Claudio pensando...

SENTIMENTAL

MINHA vida pertence a dois olhos de mulher. A dois olhos que são a minha inquietação e a minha alegria, que são a minha esperança e a minha saudade. A dois olhos que vieram de manso, como dois pássaros verdes, poisar no meu destino.

Minha vida pertence a um coração que se agita nesses olhos, angustiado e afflicto, dando-lhes a doçura melancolica do soffrimento e do amor. Nesses olhos em que eu vejo, reflectida, a mais linda sensibilidade feminina envolvendo a tortura e o desalento dos homens acostumados á angústia amarga dos desenganos amorosos.

Quando me sinto mais triste, nas horas crepusculares ou nos dias vestidos de bruma, procuro, sempre, si não posso contemplál-os, recordar os olhos que afagam o meu desespero interior e brilham, voluptuosamente, em todos os meus anseios e em todas as minhas desillusões. Elles falam ao meu silencio com a eloquencia impressiva dos olhos que consolam e promettem e, consolando e promettendo, exaltam a piedade da mentira.

A felicidade, ás vezes, está nuns olhos que penetram nas almas dolorosas com a suavidade e a ternura dos perfumes divinos. Está nuns olhos que, um dia, rutilaram na nossa vida e ficaram accendendo, luminosamente, a inquietação dos nossos sonhos e das nossas illusões.

O amor nasce nos olhos e nos olhos realiza o seu destino venturoso ou desgraçado. E vem dos olhos, e não da bôcca, o primeiro beijo de amor, já dizia, lindamente, Bernhardt.

Eu conheci, no meu caminho de sentimental, uns olhos que me fascinaram na doçura verde da sua melancolia. Contemplei-os um momento, enlevadamente, para nunca mais esquecêl-os. Elles ficaram na minha sensibilidade e nos meus anseios, glorificando a saudade com que sempre os recordo como a primeira e ultima esperança do meu amor impossivel. Amor impossivel é amor espiritual. E amor espiritual não morre. E', aliás, o único eterno, como quer Spinoza. Spinoza e a lógica do coração.

Você, meu doce amor, espiritualizou-se no meu desejo, marcando, com os seus olhos fulgurantes, a ventura do nosso romance.

Minha vida lhe pertence, porque você soube conquistál-a. Minha vida pertence aos seus olhos verdes e tristes, que eu vejo sempre, compassivamente, illuminando o meu destino...

Mauro de Alencar

Rendas de espuma

DUVIDA — corrosivo do amor

A desconfiança é o hiato terrivel que separa as almas na vida e no amôr. Nem sempre, é bem verdade. Mas, quasi sempre, convenhamos.

Desconfiança. Incerteza. Duvida de ser ou não ser amado. "*To be or not to be*"... Em torno dessas palavras angustiantes é que gira a desventura dos que amam...

* * *

A these não é nova. Vem de Shakespeare. Vem de Tolstoi — si preferem um philosopho mais novo e menos tragico. Othelo e Desdemona... Laura e Poznicheff, na *Sonata de Kreutzer*.

A duvida. A incerteza... A desconfiança... Oh, as palavras tremendas, que rasgam abysmos entre os corações e as almas... Mais fortes do que o amôr, ellas partem élos que eram considerados indestructiveis...

Desfazem correntes de aço ou de ouro. Mas por que, afinal! Não indaguemos o triste porquê das coisas. Contentemo-nos com os exemplos que a vida nos apresenta.

* * *

E, já que falei em exemplo, peço licença para contar aqui um caso muito interessante.

* * *

Maurice Magre tem, num dos seus livros, creio que "La tendre camarade", uma pagina de psychologia feminina, encantadora.

E' a historia de Aline, "une petite blonde", peccadora e desgraçada no amôr. Ella gosta do pintor Jean Noel.

Um dia, não sei por quê, elles brigam e rompem. Aline é quem está com a razão. Jean Noel, o pintor, tenta uma reconciliação. Ella, caprichosa e inflexivel, firme nos seus propositos, resolve não ceder uma linha. E bate o pé:

— Mais non! Mais non! Jamais!

— Tu ne m'aimes plus?

— C'est fini... C'est tout fini, mon ami..."

E, dando-lhe as costas, deixa o moço pensativo e ferido, no meio da calçada.

Ao entrar no seu apartamento, Aline se atira ao divan, soluçando como uma louca, a alma esfarrapada de saudades...

Ella só pensa no pintor.

Ambos se queriam. Mas, havia a duvida mortal, a separál-os.

* * *

Eu tenho um amigo, escriptor e poeta, que adora uma certa sáia volúvel. (Perdôem o pleonasmo...) Ella se chama — Sára. O meu amigo, que tem o bello nome de Lucio, é de uma paixão doentia pela Sára.

Sára sabe disso. E abusa do sentimento do meu amigo.

Para melhor falar, ella não abusa delle: duvida. Duvida apenas do seu sentimentalismo.

Brigam. Quasi sempre estão desavindos.

Ha dias, elles se arrufaram. Um motivo qualquer os distanciou. Separaram-se irritados. Lucio — sem dúvida porque duvida de Sára — não se quebrou no seu orgulho. Sára conseguiu um meio hábil de fazêl-o comprehender que estava disposta a reconciliar-se com elle. Lucio percebeu tudo. Mas, duvidando sempre, e receioso de um ridiculo, aos olhos della, procurou manter-se irreductivel.

— Você não gosta de mim, Sára...

— Você é que não gosta...

E sempre nessa duvida, roidos pela incerteza, elles se separam...

* * *

Na noite desse mesmo dia, fui encontrar o Lucio, atirado sobre o divan do seu apartamento, soluçando pela Sára cruel.

Tal qual como no livro do escriptor francez.

* * *

A dúvida é o corrosivo do amôr.

Tão bom si a gente pudesse confiar...

Figuras da nossa elegancia...

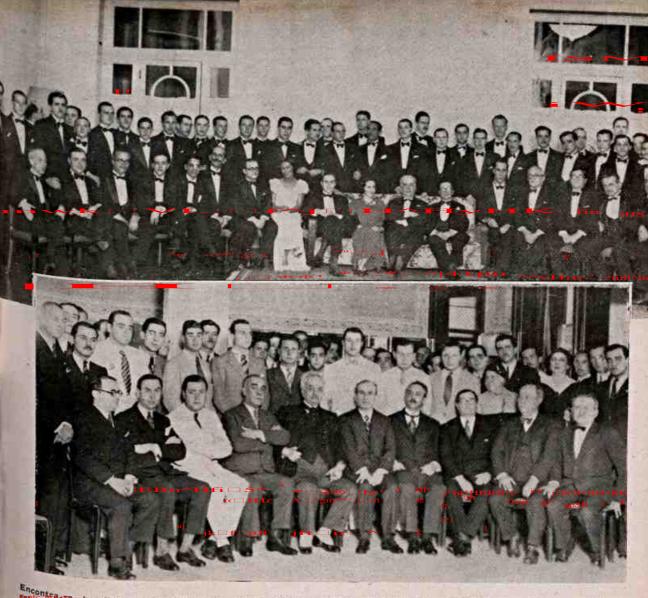
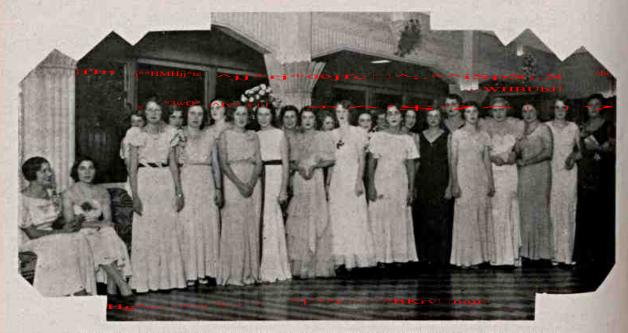
DEVIA chamar-se "Inquietação" o livro de versos de Ida Uchôa. Tinha-o baptizado assim a poetisa, quando appareceram com aquelle nome os últimos poemas de Osorio Dutra. Passou, então, a chamar-se "Expressão". E por estes dias estará nas montras das livrarias, revelando uma das mais altas sensibilidades da poesia feminina no Brasil. "Expressão" é um livro novo, bello, vigoroso. Pelo poema inédito, expressamente escripto para o FON-FON, que damos nesta pagina, antecipamos o julgamento da poetisa e dos seus lindos versos.

Si eu podesse ser o Verão
na tua vida!
Si eu podesse ser o teu Verão!
Teria em mim
o contorno muito feminino das praias,
seria sol, calor, onda,
— quanta coisa eu seria! —
synthese das mulheres que enchem
essas manhãs sadias,
synthese de coloridos bizarros,
de alegrias integraes,
de integração completa,
perfeita,
no scenario do mundo...
Tudo mais é mentira.
Tudo mais é mascarado.
E tu és a minha Verdade.
A verdade expansão.
Amplo desdobramento.
Integração.
A verdade que está dentro
de todas as coisas profundamente grandes,
que está latente
dentro de cada um de nós...

Que vontade de ser o Verão
na tua vida!
Que vontade de, deante desse mar,
estender os braços ao sol,
e clamar pela voz de minha verdade
como si estivesse deante do mundo,
que recebi de ti
a apotheose da felicidade...

A Conferencia Nacional de Protecção á Infancia, que ora se reúne nesta capital, por iniciativa e sob os auspicios do chefe do governo provisorio, teve, no ultimo sabbado, a sua primeira festa, com o almoço offerecido pela respectiva commissão executiva aos delegados estaduaes que vieram tomar parte nos trabalhos do certamen. Esses delegados apparecem no presente grupo, em companhia do ministro da Educação, do dr. Olyntho de Oliveira, presidente, e demais membros da commissão executiva da Conferencia.

O prof. Clementino Fraga recebeu, sexta-feira penultima, alta e expressiva homenagem dos seus amigos da classe médica brasileira, que, reunidos no salão nobre da Academia de Medicina, lhe fizeram, em brilhante solennidade, sob a presidencia do prof. Miguel Couto e com a presença do interventor Juracy Magalhães, entrega de uma medalha de ouro, lembrando a victoria do illustre hygienista patricio contra o surto da febre amarella irrompido nesta capital durante a sua gestão na directoria da Saúde Publica.

O ministro Moniz Aragão, chefe da commissão de recepção do presidente da Republica Argentina, convidou o embaixador Ramon Cárcano e outros diplomatas, jornalistas, altos funccionarios do Itamaraty e os estudantes platinos em nesta capital para uma visita ao palacio Guanabára, onde será hospedado, officialmente, durante sua permanencia no Rio, o general Agustin P. Justo. Os visitantes percorreram demoradamente todas as dependencias do Guanabára.

Encontra-se, ha dias, nesta capital uma embaixada de estudantes argentinos, que, em missão de fraternidade universitaria, veiu ao Brasil estreitar ainda mais os laços de amizade entre a juventude academica das duas grandes nações do Continente. Os jovens e brilhantes hospedes portenhos têm sido alvo de vibrantes e expressivas manifestações de sympathia e apreço por parte, não só de seus collegas brasileiros, mas, tambem, da nossa sociedade. As photographias desta pagina focalizam aspectos de homenagens prestadas nesta capital aos nobres representantes da vigorosa mocidade argentina. Em cima, o banquete que os academicos brasileiros offereceram, no Copacabana Palace Hotel, aos seus collegas argentinos. Ao centro, o jantar de confraternização da juventude do Brasil e da Argentina, realizado na Confeitaria Paschoal, sob a presidencia do embaixador Ramon Cárcano. Em baixo, os universitarios portenhos na séde da Associação Brasileira de Imprensa, em companhia do presidente e de outros directores da A. B. I., por occasião de sua visita á casa dos jornalistas.

O America Football Club commemorou a passagem do 29.º anniversario da sua fundação com o seu tradicional baile de gala, que se revestiu do brilhantismo de sempre. Para isso muito se esforçou a actual directoria do campeão do Centenario, que não poupou esforços no sentido de que a linda «soirée» de sabbado ultimo assignalasse, como assignalou, um acontecimento mundano e sportivo de grande esplendor e repercussão social.

DA PERSEGUIÇÃO

Cooperar, voluntariamente, para o progresso de um soffrimento, — de uma duvida ou de uma illusão; de uma ambição ou de uma quéda moral, — é o que se chama perseguição.

Perseguir é vexar continuamente, equivalendo esse vexame á dôr produzida por aguçado punhal que vae picando o coração.

Não é demais dizer que, para os perseguidores, a perseguição seja um gozo supremo, a ponto de, para alguns, ser a razão de viver. Ha quem deseje vida longa para prosecução desse divertimento...

Em geral os perseguidores trabalham, como os "contra-regras" nos theatros: conhecendo a força dos processos empregados, não se apresentam; permanecem nos bastidores.

Do "contra-regra" depende o bom desempenho dos artistas; do perseguidor mysterioso provem o melhor exito da perseguição.

Tanto mais perseguidor, quanto mais covarde.

ALEXANDRE PASSOS

Esteve encantadora a festa que o Grajahú Tennis Club offereceu, sabbado ultimo, aos seus associados, em commemoração á data da fundação do querido gremio sportivo-mundano do lindo bairro carioca. A pitoresca séde do Grajahú Tennis Club brilhou e se movimentou ao contacto de uma sociedade fina e galante. Afinados «jazzs» animaram a bella noite dançante do Grajahú.

feira de vaidades

UMA VISITA AUSPICIOSA

A proxima visita do presidente Justo ao Brasil offerecerá aos poderes publicos, á alta sociedade e ao povo em geral, uma das melhores opportunidades para testemunhar á grande nação argentina o nosso profundo sentimento de amizade.

Tudo [illegible] cordial do que nos separa, nada nos [illegible] será ainda uma [illegible] consagrada pelas demonstrações de sympathia, que o nobre povo argentino nos merece.

A chronica das elegancias cariocas vae ter, principalmente, o precioso ensejo de um registro excepcional. A visita do presidente Justo dará opportunidade a uma brilhante parada social, com a apresentação das mais figuras representativas do grand monde carioca.

Sabe-se que do programma de festas em homenagem ao eminente hospede constam recepções de cunho eminentemente elegantes presididas pelo gosto requintado e pelo tacto incomprehensivel que caracterizam o espirito de mundanidade brasileira.

Vae ser, pois, uma opportunidade magnifica essa da visita do illustre chefe do Estado argentino para brilharem, nos salões da [illegible] carioca, as tradicionaes virtudes, e o inconfundivel [illegible] esplendor da nossa élite social.

Deixando de parte os effeitos internacionaes do auspicioso acontecimento e a sua repercussão na vida dos dois grandes povos amigos, desejo, apenas, salientar a contribuição magnifica, que está reservada á sociedade brasileira, no [illegible] da integração [illegible] festas em homenagem ao eminente hospede.

Luciano

PRAIA DO FLAMENGO

NÃO é só aos bairros afastados que cabe a gloria das bellas praias, sob o ponto de vista social. Copacabana, Leme, Arpoador, Leblon são innegavelmente praias privilegiadas pelos effeitos da natureza, que os *maillots* e as barracas animam da indefectivel nota humana. Quasi no centro da cidade, a praia do Flamengo é um milagre de refugio social e de elegancia. Aristocratica e sobria, a praia é um quasi nada, um canto de areia, onde ainda a gente parece estar sentindo o calor concentrado do lençol de asphalto da Avenida... E as ondas são mansas e veem beijar a praia tão docemente, que dão a impressão subjectiva de que o mar tem os olhos fechados...

* * *

Visitei domingo a praia. Um amigo perguntou-me se eu não conhecia ainda o Sanatorio.

— Que Sanatorio?

— O nosso, o daqui, do Flamengo...

Confessei-lhe a minha ignorancia. E o meu amigo apontou-me, á beira do cáes, as pedras do quebra-mar.

— Eil-o. E' o nosso Sanatorio.

Comprehendi, só então, a utilidade helioterapica daquellas pedras, onde os banhistas fazem, diariamente, a cura do sol.

* * *

As noites da praia do Flamengo já estão animadissimas. O *footing* da Avenida Beira-Mar, no trecho que vae do Hotel Central á rua Buarque de Macêdo, apresenta um espectaculo attrahente. São lindas garotas, senhoritas formosas e elegantes senhoras, que transmittem á gente o orgulho da raça.

Aqui, um *flirt*; acolá um romance; mais adeante, um arrufo; lá para traz, os indifferentes, no seu grande numero promiscuo e triste...

* * *

Vestindo um *smocking* de gosto inglez pela sobriedade do côrte, o ministro da Fazenda, senhor Oswaldo Aranha, toma democraticamente um *taxi* em frente á sua residencia.

A senhora Lucia Lassance Medeiros despede-se do seu grupo, porque vae ao theatro com a senhora Homero Galvão. O annuncio enche e apaga, no Morro da Viuva, o copo luminoso. Rodam automoveis sem conta. (A greve dos *chauffeurs* viveu o tempo das rosas de Malherbe). Fazem o *footing*: as senhoritas Maria do Carmo Affonso Penna, Flora e Martha Anysio de Sá, Vera Aragão, Mary Chagas Doria, Santinha Castello Branco, Maria Luiza Magalhães da Silveira, etc.

O Casino da Urca, feericamente illuminado, é um espectaculo novo na paizagem nocturna. E a Avenida Beira-Mar lembra, um trecho de *città italiana*, que fôsse bem illuminado.

O. K.

GLORIOUS *day!* A Avenida Atlantica, neste ultimo domingo, parecia festejar a entrada da primavera. Uma interminavel fila de automoveis animava o corso da manhã illuminada e linda, de que Copacabana parece ter o privilegio. A praia estava enfeitada de barracas multicoloridas e o numero de banhistas tinha duplicado. A entrada da primavera era saudada, de vespera, pela marinha mais bonita, que Deus já pintou.

HOMENAGEM A UM AUTOR

TERÇA-FEIRA, 19, Procopio, o nosso primeiro actor, realizou, no Theatro Casino, uma homenagem a Viriato Corrêa. A peça representada foi "Samsão", comedia de sua autoria. Houve ainda numeros de arte, que deram vida e brilho a dois actos variados. Viriato Corrêa foi festejadissimo. Reproduzo, neste canto de pagina, os interessantissimos versos, que elle expressamente escreveu para a noite de terça-feira, e que foram magistralmente musicados por Leticia Figueiredo. Chamam-se Tostãozinho de gente *e dizem assim os versos de Viriato:*

Meu tostãozinho de gen-
[te,
cabecinha de alfinete.
Tu cabes perfeitamente,
no bolso do meu colete.
Mais leve, delgada e fina
do que tu eu nunca vi,
e assim, assim pequenina,
não sei se és pluma, ou
[menina,
borboleta ou colibri,
No entretanto, não ha
[quem te domine;

* * *

A *great attraction* de Copacabana é, sem duvida, este anno, o *O. K.* Cada semana, augmenta o numero de elegantes no modernissimo bar-social da Avenida Atlantica. O *O. K.* já tem os seus *habitués*: senhor e senhora Toscano Spinola; senhor e senhora Pernambuco Filho: senhor e senhora Pinto de Moraes; senhor e senhora Armindo Rangel; senhor e senhora L. M. Jordão; senhor e senhora René Lefevre; senhor e senhora Mario de Castro; senhor e senhora commandante J. Lucena; senhoritas Costa Pereira, Malvina Dolabella Portella, Lourdes Nelson Machado, Elza Pacheco, Elisa Machado. Leite de Echenique, viuva Marques Martins, etc.

* * *

O apperitivo O. K. parece rubi liquido. E' uma homenagem aos bachareis em direito, que vão repousar, á praia, das canseiras forenses da semana.

— Não conhece?

— E' Mauricio Gudin, montando um bonito cavallo.

As *terrasses* estão cheias. Voltam-se algumas senhoras para ver quem entra. E a ronda elegante vae augmentando. Vejo: senhora e senhorita Frederico Burlamaqui; senhora e senhorita Aureliano Amaral; senhora Edwin Hime; senhora Octavio Soares; senhora Diva Nascimento Gaelzer; senhora Armando Level; senhora Paulo Ourivio; senhora Lavina Rocha Fragoso; senhora Bento Barros Pimentel; senhora Gastão Neves; senhora Armando Duval; senhora Augusto Roxo; senhora Murillo Fontainha; senhora Franco de Sá; senhoritas Firmo Dutra, Carmen Nascimento Silva, May Campos Tourinho, etc.

* * *

Alguem me pergunta pela Bella e a Féra. Não appareceram.

E um terrivel celibatario resmunga para o lado:

— Duas féras é que são...

A praia está um deslumbramento. A senhora Chermont de Brito passa no seu carro, ao lado do illustre esposo; o senhor e senhora F. P. Carneiro da Cunha não quizeram deter-se no *O. K.*

Passo uma ultima revista nas *terrasses*. Vejo ainda: senhora José Marques; senhora Julice Quintanilla; dra. Adelaide Quintanilla; senhora Odyssea Carvalhal; senhora Ilsa Possollo; senhoritas Celia Fabricio, Maria Corrêa, Francisco de Sá Brito, Maria Neves, Christina Leão, Virginia Mariante, Alcinha Portella, Colette Sonellein, Regina Carvalhal, Bibi Vieira, Maria Pernambuco.

Meu relogio marca 13 horas e um quarto. O relogio da praia não deve passar ainda das 11...

AS FESTAS DE ANNIVERSARIO DO AUTOMOVEL CLUB

MAIS uma encantadora reunião dançante realizou o Automovel Club do Brasil, no ultimo sabbado. Repete-se ainda hoje a tarde de festa da brilhante sociedade, que commemora este mez o seu anniversario. Não é preciso dizer que as reuniões do Automovel Club são elegantissimas. De 5 ás 7 e meia da noite, a luxuosa séde do aristocratico Club da rua do Passeio encheu-se do *grand monde* carioca.

* * *

Este sabbado, as danças realizaram-se no salão-restaurante, de decoração modernissima. Uma excellente orchestra completava a festa. Tomei nota, dentre outros, dos seguintes nomes: Senhora e senhoritas Augusto Sá Pereira; senhora Lamenha Lins; senhora e senhorita Amaryllio de Noronha; senhora Oswaldo Rosado; viuva Fridolino Cardoso e senhora Humberto Fridolino Cardoso; senhora Armindo Rangel; senhoritas Lia Silva Jardim, Branquinha Vargas, Carmen Nascimento Silva, Carmen Fernandes, Anysio de Sá, Affonso Penna, Celina e Marina Sá, Costa Lima, etc.

CANÇÕES AO VIOLÃO

UMA escolhida sociedade de artistas e homens de letras, enriquecida pela presença de encantadores ornamentos da intelligencia feminina do Rio, ouviu na tarde de domingo, na residencia do escriptor Benjamin Lima, em Botafogo, a senhora Leticia Gomes Figueiredo, nas suas incomparaveis canções ao violão.

A formosa e brilhante artista interpretou poemas de Jorge de Lima, Renato Frota Pessôa e tambem seus, revelando uma sensibilidade fóra do commum. As musicas da senhora Leticia Gomes Figueiredo são marcantes da sua personalidade e têm uma expressão de alma profundamente humana.

Num grupo formado pelas senhoras Alice Flexa Ribeiro, Milton Weinberger, senhoritas Lucia Pirajá e Alice de Araujo Lima antecipou-se o exito da festa, que nos primeiros dias de outubro Leticia Figueiredo realizará no Instituto Nacional de Musica, com o concurso precioso de Benjamin Lima, que dissertará sobre o thema das suas canções e o valor musical dos poemas. Que grande acontecimento não será, portanto, esse, que vae juntar a arte encantadôra da magistral interprete dos "Suburbios", de Luiz Peixoto e da "Negra Fulô", de Jorge de Lima á grande autoridade literaria de Benjamin Lima!

CLUB MUNICIPAL

PARA festejar o "Dia do Conselho Municipal" o Club preparou uma reunião dançante, entremeiada de numeros de arte, que obtiveram um exito completo. O Club Municipal compõe-se de elementos da maior distincção, reinando entre os mesmos um irreprehensivel espirito aggremiativo. A festa da penultima quinta-feira, 14, dedicada ao Conselho Municipal, marcou um acontecimento na vida do Club. Estiveram presentes, entre outras, a senhora Woolf Teixeira; a senhora José Nunes Ramos; a senhora Manoel Rodrigues Alves Junior; a senhora Abilio Perrone; a senhora Segadas Vianna; a senhora Orestes Polverelli; a senhora Baptista dos Santos; a senhora Edgard James; a senhora Cordeiro Lopes; a senhora e senhoritas Miguez de Almeida; a baroneza de Guandú e sobrinhas, senhoritas Julieta, Herminia e Maria Julia Gonçalves; a senhora Noemia de Azevedo, e a senhora Mario Lima; as senhoritas Dinorah Coutinho, Stelinha Gomes, Iracema Goulart, Elvira Lucchi, Antonietta Santos, Guiomar Pinto, Cecilia Tan Capelli, Zelia Dedayti Georgina Lessa, Yolanda Azevedo, Margarita de Almeida, Helza Braune, Olga e Maria de Lourdes Dias, Elvira Lux e senhoritas Falcão.

HORA DE ARTE

PARA a leitura do livro "Rabiscos", da joven escriptora Magdala da Gama Oliveira, realizou-se no curso Nenê Barcukel uma encantadora hora de arte, que teve o comparecimento de figuras representativas da sociedade e das letras.

Apresentou a autora estreante o escriptor Berilo Neves, com uma fina pagina literaria. Seguiu-se a senhorita Magdala da Gama Oliveira, que leu um excellente trabalho, á guisa de prefacio dos "Rabiscos".

* * *

Interpretaram trechos do livro da joven escriptora as "diseuses" Leda Boisson, Maria Elisa Padua Soares, Zoraide Aranha, Regina Carneiro Luz, Helena Payon, Dalida Geraldo, Marilia São Paulo, Lilia Panina e o pequeno Gordy Cellos de Almeida.

Nenê Barcukel encerrou a festa com chave de ouro.

° ° °

Na Republica das Letras é mais um nome, que se incorpora ao patrimonio da intellectualidade feminina. Tomem nota: Magdala da Gama Oliveira.

FESTA DA PRIMAVERA

NO domingo, primeiro de outubro proximo, das 17 ás 21 horas, nos salões do Automovel Club, vae realizar-se a Festa da Primavera, em beneficio do Abrigo Thereza de Jesus.

O programma da brilhante reunião ainda não está organizado, mas já se póde adeantar que constará de um chá dançante e de uma parte artistica.

A realização dessa festa tem despertado grande curiosidade e ansiosa espectativa nos meios sociaes, não só pelos attractivos de que a mesma se revestirá, como pela sua humanitaria finalidade.

Da organização da parte artistica encarregam-se as professoras Odila e Carmen de Macedo Lima.

Tudo indica, pois, que a Festa da Primavera, em beneficio do Abrigo Thereza de Jesus, terá um grande exito social.

tens muito mais poder
que o Mussolini.
Como é que assim pequenina
bibelot de perdição
tens na mão a minha sina
e reduziste á ruina
o meu pobre coração?
Diaba doce e divina
(Pobre de mim, levo a breca)
não sei se és pluma, ou menina,
Se és mulher, ou se és boneca.
Já não sei o que faça
para viver socegado.
Tú és a minha cachaça...
E todo o mundo que passa
me chama de embriagado.
Vivo ao teu beijo fisgado,
que nem um peixe ao anzol;
Vivo a ti escravizado,
casca de nóz do peccado,
meu fiapinho de sol.
Dedo mindinho da graça,
meu bombom de carne em flor,
teu vulto, por onde passa,
transforma a propria desgraça
em alleluia de amor!

O Theatro Casino assistiu a uma bella homenagem, promovido por um actor em honra de um autor. Coisa rara!

"FON-FON" na BAHIA

Ecós do Primeiro Congresso Eucharistico

Revestiram-se da maior esplendor as solennidades do Primeiro Congresso Eucharistico, realizado na capital bahiana. Offerecemos, nesta pagina, alguns aspectos do grande acontecimento religioso. O cardeal D. Sebastião Leme no palacio do governo, entre autoridades civis e representantes do clero. A mesa que presidiu aos trabalhos do Congresso. Instantaneos do Cardeal Legado, do nuncio apostolico e do interventor Juracy Magalhães discursando. O altar da cathedral onde ficou exposto, durante o Congresso, o SS. SS.

D. SEBASTIÃO LEME

De regresso da Bahia, onde tomou parte, como Legado de S. Santidade o Papa Pio XI, nos trabalhos do Primeiro Congresso Eucharistico Nacional, chegou sexta-feira penultima a esta capital S. E. o Cardeal D. Sebastião Leme, que recebeu, ao desembarcar do «Pedro I», grandiosas manifestações por parte do mundo catholico e das altas autoridades da Republica. Compacta massa popular encheu o caes do porto, para homenagear o eminente chefe da Igreja Brasileira, festejando assim o seu retorno á séde do Arcebispado do Rio de Janeiro. Ainda a bordo, cumprimentaram S. E. os representantes do chefe do governo provisorio e dos ministros de Estado. O interventor federal na Bahia, capitão Juracy Magalhães, foi pessoalmente receber D. Sebastião Leme, em cuja companhia desceu as escadas do «Pedro I». D. Sebastião Leme desembarcou entre acclamações do povo que o aguardava e entre acclamações tomou seu automovel, dirigindo-se para o palacio São Joaquim, onde novas homenagens foram prestadas a S. E. Ali falaram, em nome do clero, o conego Benedicto Marinho e, pela população catholica do Rio de Janeiro, o conde de Affonso Celso.

Netinho, filho do sr. Porfirio Martins Filho, e de d. Maria Pires Martins.

O ambiente era o menos adequado para uma pessôa se queixar da falta de dinheiro.

Nos salões a luz jorrava dos candelabros, a musica dos *jazz* pousava no espaço, as fichas rolavam aos montes nas mesas de jogo, casacas e decótes de um lado a outro numa ostentação de luxo. A alegria guizalhante de certos contos orientaes que vivem na nossa memoria com a sua expressão maxima de deslumbramento do oiro, da riqueza! Era essa a impressão de todos os que ali estavam, a impressão de uma sociedade de nababos, perdularia, que atirava sobre o panno verde o vil metal que para nada serve...

Entretanto, a um canto, como que isolados da massa, os dois personagens estranhos trocavam confidencias, numa confissão de miseria constrangedora. *Madame*, apesar da linda *toilette* que vestia, que tanto lhe realçava o collo moreno, narrava ao parceiro as suas grandes difficuldades de vida, a situação de quasi fallencia dos negócios commerciaes do marido. O medico lastimava-se de não poder soccorrel-a, porque o consultorio andava desprovendo, a clinica escassa...

Caso contrario, elle não teria duvida em ser gentil, como em outros tempos, quando concorria para certas *fantasias* de *madame*... Mas, taes coisas lhe disse ella ao ouvido, que o esculapio teve de morrer com umas fichas, das grandes... Elle foi á *caixa*, adquiriu-as, e, muito discretamente, deixou-as cahir nas mãos de *madame*. Depois, separaram-se. Elle, em direcção á escadaria que conduz á rua; *madame*, rumo ao panno verde, onde foi tentar a sorte, ao lado do marido, que, naquella noite, estava de azar.

Decididamente, a comedia humana é muito divertida!...

A senhora Julia Galeno de Sant'Anna é um nome conhecido nos centros intellectuaes nortistas, principalmente no Ceará, sua terra natal, e na Bahia, onde residiu por longos annos. Filha illustre de Juvenal Galeno, a talentosa poetisa, ora residente nesta capital, annuncia para breve seu livro de estréa, mas em bôa e causticante prosa. «Rasgando mascaras» é o titulo escolhido pela senhora Galeno de Sant'Anna para o seu primeiro livro. O titulo diz o que é essa obra de soffrimento e de revolta de que a autora leu para seus intimos, em recente reunião intellectual, os capitulos mais interessantes.

E' certo que mais depressa o mentiroso é identificado, do que o coxo. Pois o sympathico e amavel negociante foi pilhado numa grossa mentira, e deve estar desilludido do seu talento inventivo, depois do que lhe aconteceu. Tratava-se de um negocio urgente, de um chamado de S. Paulo, que devia render polpuda somma. Tão importante e urgente era o negocio, que a viagem tinha de ser realizada de aeroplano! A esposa ficou debulhada em lagrimas, receiosa de um desastre, de perder o maridinho do coração. Elle, entretanto, cercou de cuidados especiaes a viagem, tanto que a mulher, algumas horas depois de haver o marido sahido de casa, recebia um aviso da telephonista que se dizia encarregada da linha interurbana, communicando-lhe a chegada, sem novidades, em Santos. O sympathico negociante, entretanto, ao envez de tomar o aeroplano, havia entrado em confortavel hotel desta capital, aliás muito bem acompanhado. No dia seguinte, foi que tomou, calmamente, o nocturno, e teve a desdita de viajar com um casal amigo da familia. A esposa teve noticias do occorrido, isto é, da viagem de nocturno paulista, e preparou ao patusco do marido uma recepção na altura da maroteira. O resultado foi o peor possivel. O plano *aereo* redundou num fracasso de todos os diabos, cujas consequencias estão durando até hoje, pois *madame* perdeu a confiança que depositava no *anjinho*. Agora, acreditamos que só poderá salval-o uma viagem de Zeppelin, sem direito a passagem de volta...

Alexandre, filho do casal Pimenta da Cunha-d. Nathalia Eulalio da Cunha.

Vários aspectos da visita do dr. Getulio Vargas á cidade de João Pessôa, onde s. ex. recebeu grandes manifestações populares. No primeiro medalhão, o chefe do governo provisorio quando chegava á capital parahybana. As outras photographias focalizam: o povo reunido em frente ao palacio da Redempção, de cuja sacada falou o dr. Getulio Vargas. O chefe do governo provisorio ao lado do ministro José americo. O almoço do dr. Getulio Vargas em Tambaú, onde s. ex. passou o dia de sua chegada a João Pessôa. E um flagrante do banquete offerecido a s. ex. pelo governo do Estado.

"FON-FON" NA PARAHYBA

Inaugurou-se na capital parahybana, com a presença do chefe do governo provisorio e dos ministros José Américo e Juarez Tavora e do general Góes Monteiro, o monumento de João Pessoa, que a Parahyba mandou erigir em praça publica para perpetuar a memória de seu grande filho. Foi um acontecimento de commovedora exaltação civica a solennidade inaugural da estatua do ultimo presidente constitucional da pequena e heróica Parahyba. O ministro José Américo fez o discurso official, produzindo uma oração notavel glorificadora da vida e da obra de João Pessoa. As nossas photographias fixam detalhes da inauguração.

O «Dia dos jornalistas» teve, este anno, como nos anteriores, uma commemoração condigna, por parte da Associação Brasileira de Imprensa. Entre outras solennidades, levadas a effeito, nesta capital, no sentido de exaltar a laboriosa classe dos que labutam no periodismo, figurou a que se referiu á fundação da «Gazeta do Rio de Janeiro». Constou essa tocante cerimonia da inauguração dos retratos dos confrades, mortos, Nestor Victor, Luis Bartolomeu, Ulysses Brandão e Nestor Rangel Pestana, no salão de honra da A. B. I. Houve, além disso, uma cessão magna, onde foram exaltados e relembrados os vultos e actos dos homens de imprensa que tanto contribuiram para o engrandecimento do paiz.

INAUGURAÇÕES

A firma F. Gavalda & Cia. Lda., proprietaria da conceituada Casa Argentina, acaba de mudar sua grande fabrica de moveis de vime para o predio numero 84 da rua Gloria, onde, no ultimo sabbado, 16 do corrente, inaugurou suas novas e mais amplas installações, com salões especiaes para exposições e uma secção destinada exclusivamente á pintura de moveis em lake e duco.

A solennidade inaugural foi festiva, tendo á mesma comparecido jornalistas e varias pessoas gradas.

Sua eminencia o cardeal D. Sebastião Leme procedendo á cerimonia da benção da primeira pedra da capella de Santa Therezinha, na séde da Pequena Cruzada.

A memoria do dr. André Gustavo Paulo de Frontin foi tocantemente reverenciada na data do anniversario natalicio do grande engenheiro patricio. O Club de Engenharia promoveu uma solennidade em sua séde, e o Centro Carioca reuniu, em torno da herma de Paulo de Frontin, na avenida Rio Branco, varios amigos e admiradores do eminente brasileiro para uma cerimonia de saudade que está focalizada no «cliché» ao lado.

Soirs de Copacabana

La mer est un berceau de laque, dans la nuit,
Oú luit,
Sur chaque vague lente, un reflet de la lune.
La mer, sous la caresse, est un champ de reflets
Plus brillant qu'au soleil le sable de la dune.
Le ciel est plus profond qu'un dôme de palais.
Soirs de Copacabane, au bord de l'Atlantique!
Le flux et le reflux leur servent de chanson,
Et le coeur, aussitôt, se met á l'unisson,
Si douce, harmonieuse, et calme est leur musique.
La courbe du rivage ou l'onde vient briser
Est un triple collier de perles de lumiére,
Si bien qu'on ne sait, lá, ce qui vient reposer:
Si c'est le bord du ciel ou la fin de la terre.
L'atmosphére est légére ainsi qu'un parfum bleu.
La tiédeur du tropique emplit le coeur des choses,
Et l'on est entrainé vers des métamorphoses
En cet accord de l'air, de la terre et du feu.
Soirs de Copacabane, ou la nuit n'est point sombre!
On sent autour de soi la présence des dieux,
Et l'on éteint sa voix pour les écouter mieux,
Car c'est tout le Brésil qui palpite dans l'ombre.

Edgard Liger Belair

Caverna de Ali Babá

Othon Costa é um espirito curioso, que se destaca no mundo das nossas letras pelas suas facetas preciosas. Nelle temos o conferencista, o critico, o jornalista, o «conteur» e o poeta. E, em todas essas modalidades, elle é sempre um artista de caracteristiscas definidas. «Alma simples que sofreu...» é o titulo do seu ultimo poema. Nesse livro Othon Costa continúa a reaffirmar as suas bellas qualidades de poeta. Seus versos são de um lyrismo carinhoso e de uma harmonia que encanta e embala, docemente, as almas delicadas.

O dr. Deusdedit Araujo, joven medico cearense, que se formou recentemente pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, acaba de seguir para seu Estado nortista, em viagem de recreio, finda a qual virá installar-se definitivamente nesta capital. Foi interno do professor Henrique Roxo, tendo-se especializado em psychiatria. Ainda ha pouco, o dr. Deusdedit Araujo fez brilhante concurso para assistente do Hospital Nacional de Alienados, conseguindo honrosa classificação.

O dr. Ary Leão Silva, conhecido advogado nos auditorios desta capital, acaba de ser nomeado para importante cargo na Inspectoria de Policia, e recebeu, por esse motivo, expressiva manifestação de apreço dos seus collegas e amigos.

OROMAZO E ARIMANO

Na tradição religiosa dos antigos persas, dois principios disputavam o dominio do mundo: Oromazo, deus do bem, e Arimano, deus do mal. As forças do segundo estão hoje desencadeadas á face da terra e a angustia se apoderou da alma dos povos. Parece que implacavel poder impede toda e qualquer tentativa de solução dos problemas mundiaes. Verifica-se com dôr que a producção da riqueza só engendra miseria. E ha uma oscillação entre o internacionalismo e o nacionalismo, o livre cambio e o protecionismo, o fascismo e o marxismo, a paz e a guerra.

Os que pensam que o espirito deve dominar a materia, que a vida é, essencialmente, uma manifestação divina, tendo em vista realizar a belleza e a felicidade, interrogam anciosamente os philosophos, os ecclesiasticos e os mistagogos hoje tão numerosos. Emquanto a Igreja fica rigida dentro de seus dogmas immutaveis e veneraveis, numerosas capellas pontilham os espiritos ansiosos de penetrar os segredos do futuro.

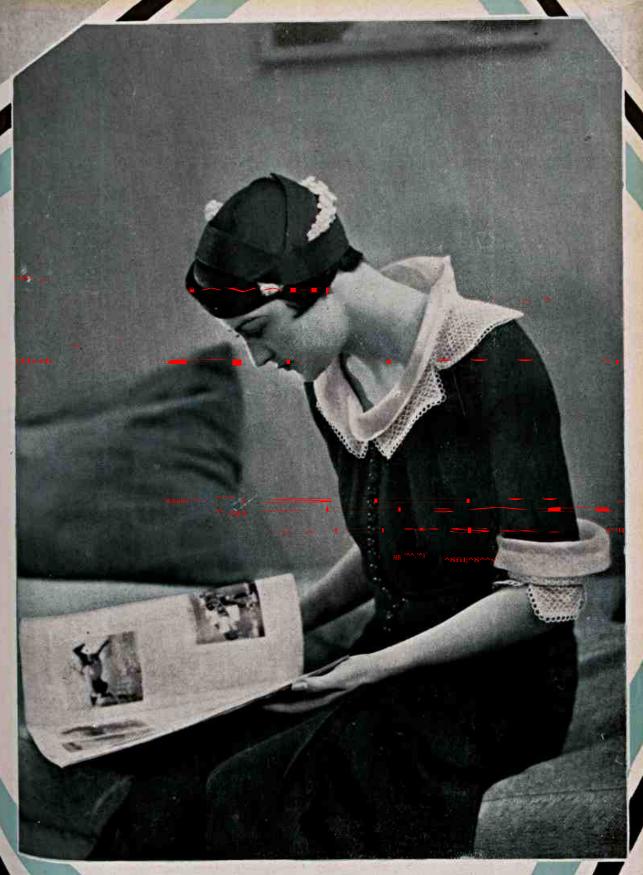
Innumeras formulas lhes são propostas, entre as quaes a mais recente e uma das mais perigosas utiliza as doutrinas de Freud, que faz tudo derivar do appello sexual e especula sobre curiosidades malignas. Sob esse e outros pretextos, procura-se abaixar o homem ao nivel da animalidade. Os sexologos, sob a capa da sciencia, expõem assim todas as torpezas. Tudo isso não é mais do que o espirito das trevas, o mal procurando galgar os cimos para governar a humanidade.

Esta só se salvará appellando para o Bem, para Oromazo, para a tradição da Fé e do Amor, erigindo-os e venerando o grosseiro materialismo semita dissolvedor da christandade.

SÉSAMO

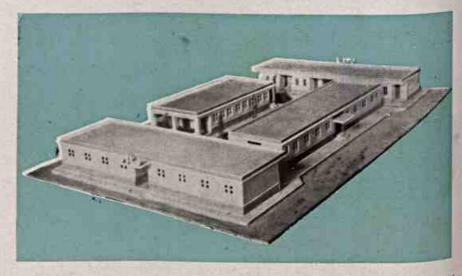
A MULHER CHIC

CREAÇÕES JEAN PATOU

Robe en lainage marine garnie de linon brodé de tubes cristal.

(Photo especial para FON-FON).

A U. T. L. J., sob cuja bandeira se congregam, para defesa de seus interesses, os trabalhadores brasileiros do livro e do jornal, está promovendo uma nobre campanha em pról da construcção do retiro dos jornalistas e graphicos, em Vassouras, Estado do Rio. O actual presidente da U. T. L. J., que é o nosso illustre confrade Jocelyn Santos, tem desenvolvido todos os seus esforços no sentido de tornar realidade a grande e justa aspiração da classe que tanto se dilúe, anonymamente, pela gloria e pelo conforto dos outros. Já existe em Vassouras o terreno destinado á construcção do Retiro da União dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, cujo bello projecto ahi se vê, reproduzido no «clichê» ao lado.

O baptismo do Brasil

A CRUZ REERGUIDA PELO INTEGRALISMO

VERA CRUZ foi o primeiro nome com que Cabral baptizou nossa terra. Durante trezentos e doze annos ignorou-se isso, porque só em 1812 foi divulgada a carta de Pero Vaz Caminha.

Entre os romanos a cruz era um instrumento de supplicio. Variava, porém, o seu formato. Havia a crux decussata, como a de Santo André; a crux commissa, como a de Santo Antão, e a crux immissa, na qual morreu Christo. Esta ultima desapparecera e, durante trezentos annos, foi procurada pelos primeiros christãos.

Helena, imperatriz de Constantinopla, sabendo que os judeus eram conhecedores do paradeiro da cruz santa, fêl-os suppliciar até que confessaram o logar exacto onde fôra enterrada a cruz de Christo. Segundo elles, o santo lenho fôra soterrado, por ordem do imperador Adriano, debaixo do templo de Venus, por escarneo aos christãos. Demolido o templo pagão, tres cruzes foram encontradas, com as formas decussata, commissa e immissa. Por insinuação do bispo de Jerusalém, encostavam um cadaver a cada uma das cruzes. Narra a lenda christã que a resurreição se operou logo que o corpo inerte tocou na cruz que possuia o topo superior e que, immediatamente, foi levada em procissão pelo bispo Macario.

Christãos fervorosos, como eram todos os da expedição cabralina, não ignoravam, por certo, nos seus pormenores, a lenda aqui resumida, e cuja heroina principal foi Santa Helena, mãe do imperador Constantino Magno. O mez de maio, em que se commemora a invenção da cruz ou o achado da verdadeira ou Vera-Cruz, influiu, sem duvida, no espirito do almirante e d'ahi a sugestão do nome.

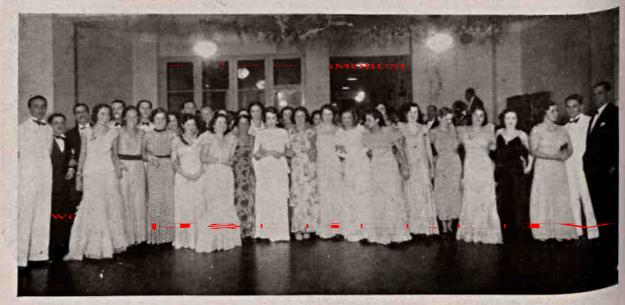
Depois, a cruz vermelha dos estandartes de séda branca; a grande cruz de madeira erguida em terra firme para a segunda missa em primeiro de maio, e, por fim, o Cruzeiro do Sul, immensa cruz de prata destacando-se no velludo escuro da noite, tudo isso influiu para que os colonos chamassem, também, Santa Cruz a terra recem-descoberta.

O Brasil nasceu, pois, sob a protecção da cruz, e a religião dos descobridores e colonizadores infiltrou-se na alma da raça aqui caldeada.

A democracia liberal dos sonhadores positivistas de 89 foi minando lento e lento a idéa de Deus da alma brasileira, que se acha, hoje, fortemente impregnada de materialismo egoista e aniquilador.

"O integralismo acceita a idéa de Deus", brada Plinio Salgado, á pagina 170 do seu ultimo livro, "Psicologia da Revolução".

Este é o maior serviço que o integralismo está prestando ao nosso paiz: despertar-lhe a alma pela fé, pela crença, pela religião, fazendo-a vêr no espirito a força suprema e na intelligencia a manifestação positiva dessa força. Crendo em Deus, admittiremos as virtudes moraes cujas sancções fogem ao direito dos homens.

Jorge Abreu

Decorreu brilhante a festa promovida pelo G. E. S. Athletico Club em homenagem aos seus associados e realizada na ultima semana, nos salões da General Electric.

ESPERA-ME, CORAÇÃO!

Da PARAMOUNT — com CARLOS GARDEL

NUM baile de mascaras que se realiza em sua casa, Rosario Aguilar sente-se poderosamente atrahida pela bella figura e pelas canções embaladoras de um dos seus convidados, Carlos de Acuña. Mas a festa não se prolonga por muito tempo para Carlos, pois pouco antes do momento em que todos os presentes deverão retirar as mascaras, elle recebe um afflictivo chamado: seu pae está expirando.

Orphão, Carlos vem a descobrir que tudo quanto herdou foram dividas. Para ganhar a vida, dedica-se, então, a cantar nos *cabarets* de Buenos Aires. Com seu fiel creado, Sebastian, evoca por vezes dias melhores que bem depressa acabaram, e a recordação da galante mascarada a quem mal chegou a declarar-se. No mesmo *cabaret* em que Carlos se apresenta, Marquez, um malandro de alto coturno, dedica-se a depenar a gente de dinheiro. Uma das suas victimas é Aguilar, o pae de Rosario. A par das manobras do espertalhão, Carlos suspeita que o seu plano, no concernente a Aguilar, seja não só arruinál-o, mas obrigál-o depois a conceder-lhe a mão da filha. Por outro lado, presente que esta talvez não seja outra senão a gentil mascarada que perennemente vive na sua recordação.

No baile de mascaras com que se festejam os esponsaes de Márquez e Rosario, estão presentes Carlos e o seu inseparavel Sebastian, contractados como musicos e cantores. Carlos dá-se a conhecer a Rosario e nesse momento vêm buscar a moça para a cerimonia esponsalicia; mas Rosario, que não quer Marquez por esposo, foge de casa e refugia-se numa venda, á beira da estrada. Um dos criados a reconhece e corre a avisar Aguilar, o qual se dá pressa de ir buscar a filha, acompanhado por Márquez e alguns dos convidados.

Nesse momento, chegam Carlos e Sebastian, bem como Pepe, outro criado que foi testemunha das frequentes batótas que Márquez fazia no jogo, as quaes tiveram como consequencia a ruina de muitos incautos cavalheiros, um delles o pae do Rosario.

Assim desmascarado, o meliante tem que devolver o dinheiro ganho por suas artes criminosas.

Rosario apresenta Carlos de Acuña a seu pae e o proximo enlace dos dois fica aprazado em meio ás felicitações e alegrias de todos os presentes.

ANNIVERSARIOS

Fazem annos em setembro os seguintes artistas da RKO-Radio:

Dia 10, Lily Damita; dia 22, Erich von Stroheim; dia 25, Fay Wray, e dia 30, Ralph Forbes.

DA UNIVERSAL

COM

Luis Trenker

Vilma Banky

Victor Varconi

O REBELDE

(THE REBEL)

O general Drouet chegou a Insbruck, e, num brilhante baile no Hofburg, recebe a officialidade e funccionarios da guarnição, para concertarem o plano de ataque.

Severin comparece a essa recepção, disfarçado em capitão do Exercito bavaro, toma parte na reunião do Quartel General, ficando assim ao par da entrada, e dos projectos do exercito francez.

Nessa hora cheia de ansiedade, que faltava para o começo do ataque, dançando no meio da alegria da festa, Severin promette a Ericka voltar, muito breve, com ella para a Allemanha, onde seriam para sempre felizes.

Instantes depois, Severin Anderlan deixa o Hofburg para chamar os tyrolezes ás armas, afim de enfrentarem os invasores. O paiz todo durante a noite se revolta; fogueiras chammejam em todas as montanhas; sinos tocam em todos os valles annunciando: «Ahi vêm elles! Os regimentos francezes estão avançando!»

O silencio matutino repentinamente se torna cheio de ruidos da batalha. Reservas do exercito francez chegam, regimentos e mais regimentos! Emquanto os pobres camponezes lutam encarniçadamente, a aguia tyroleza tomba... Os valentes camponezes são derrotados pela maioria esmagadora de inimigos, a quem, no emtanto, infligem enormes prejuizos com avalanches de pedras.

Numa pequena praça está o rebelde Severin Anderlan, com os seus camaradas. O capitão Leroy lê a sentença: «Fuzilamento». Ouvem-se os tiros... e Severin fez pela sua Patria o supremo sacrificio!

NO verão de 1809, Severin Anderlan, um estudante da Universidade, volta ao Tyrol. A tyrannia das tropas alliadas, bavaros e francezes, leva-o a regressar para junto dos seus. Sua mãe e sua irmã estavam ansiosas á sua espera, pois não podiam sózinhas defender a fazenda dos Anderlan. Quando está se aproximando das montanhas que lhe são familiares, tão vizinhas ficavam de sua casa, Severin encontra, perto de uma estalagem, uma linda joven chamada Ericka, filha do magistrado bavaro, havia pouco transferido para o Tyrol. Os dois sentem-se immediatamente attrahidos um para o outro.

Ao anoitecer, comtudo, Severin encontra-se deante do seu lar completamente destroçado! Um barbaro acto de violência praticado pelas tropas invasoras destruía a fazenda dos Anderlan, massacrando os seus moradores!

Emquanto Severin, tomado de desespero e terror, percorria as ruinas de sua antiga casa, hoje por terra, ouve o galopar de uma patrulha de cavallaria, e vê aproximar-se alguns dragões de Napoleão; não medindo consequencias, no odio selvagem que o domina, atira sobre elles, e dois cahem mortos. O terceiro foge e relata ao official de dia a aggressão que presenciou.

Severin tem que evadir-se, para se pôr a salvo dos dragões que o perseguem através de valles e precipicios. Alcança a encosta de uma montanha, escala as suas perigosas escarpas, conseguindo, assim, escapar.

Breve, vê-se affixado em todas as ruas do paiz um decreto offerecendo: «500 talers de gratificação pela captura de Anderlan, o rebelde, vivo ou morto».

Severin é dos muitos que buscaram refugio nos solitarios cumes das montanhas. Mais tres tyrolezes, em breve, juntam-se a elle para morarem num miseravel casebre, pois estavam tambem fugindo a uma nova lei que os obrigava ao serviço militar. Ericka, entretanto, comprehendêra a attitude de Severin e, sem ser percebida por seu pae e pelo capitão Leroy, que estavam perto, vae em seu auxilio, fazendo-lhe sempre provisão de mantimentos.

Num «meeting» secreto organizado numa capella sombria, Severin clama contra a amargura de tantos annos de soffrimento e de oppressão, e incita o povo a um movimento de libertação. Faz ver a terrivel injustiça que ha numa luta fratricida de allemães contra allemães, de tyrolezes contra bavaros, alliados a Napoleão. Previne-se contra a guerra entre irmãos, na qual elle só vê o perigo: a vinda de novas tropas francezas!...

Severin, correndo risco de ser preso, vae durante a noite á casa do magistrado Riederer e, mau grado as supplicas de Ericka para que retroceda, penetra no escriptorio do magistrado em busca de papel e de uma prensa, com o fim de fazer cartas circulares aos seus compatriotas, insistindo no appello que lhes dirigira na capella.

O capitão Leroy, tendo notado uma luz nos aposentos do magistrado Rieder, para alli se dirige, encontrando Ericka sózinha no gabinete. Tambem elle está enamorado da joven. Emquanto alli se encontra, dá com os olhos na ultima circular que ficára na prensa, e, a despeito dos rogos de Ericka, chama a guarda. Um traidor denuncia o refugio nas montanhas, e, de madrugada, Severin é preso no seu esconderijo, conseguindo novamente escapar.

A marcha das tropas francezas foi iniciada.

HOTEL ATLANTIC

Producção Erich Pommer - UFA

com JEAN MURAT e KATHE DE NAGY

Kurtner acabava de ganhar 900 marcos pela simples distracção do "bookmaker". Cheio de alegria por aquella "chance" inesperada, elle recebe os bilhetes que lhe entrega o recebedor e sae do estabelecimento trauteando uma canção em voga. Disposto a tentar a sorte, elle se despede dos collegas de repartição por entre exclamações de surpresa. Mette-se depois no "atelier" de um alfaiate e dali sae convertido em elegante — ultimo tom. Eil-o em pleno prado a desafiar a fortuna. No camarote vizinho descobre um programma e uma luva de mulher, cujo dedo indica o n. 7. Será aquillo um signo do destino? Robert duvida um minuto e corre a apostar no numero fatidico. Mas, oh! decepção!, o 7 cabriola sobre um obstaculo e continúa a corrida sem "jockey". Tal accidente significa para Robert a ruina completa. Nem mais um "sou" lhe esquenta os bolsos. Elle, porém, não desanima. Não têm os seus olhos, ao lado, um espectaculo mais encantador? No tal camarote onde estava abandonada a luva azarenta uma linda joven acaba de retomar seu posto. E' Helena, a filha de um grande banqueiro americano, que, em companhia de seu pae e de seu noivo, Mr. Hunter, famoso campeão de hockey — assiste ao desenrolar das corridas. Entre o sympathico Robert e a deliciosa Helena, o gelo protocolar é, bem depressa, rompido. Ella acaba acceitando do seu amavel vizinho a proposta de um encontro para aquella mesma noite num dos mais sumptuosos "restaurantes" da cidade.

(*Conclue na pag. 56*)

NA grande sala dos telegraphistas da Estação Central, o tic-tac das rodas dentadas não cessa de crepitar e as serpentes de papel se amontôam deante dos "morses" infatigaveis. Os empregados trabalham febrilmente. Entre os telegraphistas ha um, Robert Kurtner, rapaz sympathico e vigoroso, que preferia ter outra occupação a supportar aquelle serviço esfalfante e monótono de onde nunca lhe surgiria uma bôa opportunidade de melhorar de vida. Kurt tem lá as suas ambições... Mas como as realizar numa época de crise geral? O trabalho attingira o auge quando o chefe de serviço penetrou na sala. Roberto, que estava devaneando, sobresalta-se e, bom subordinado, offerece ao chefe um dos seus cigarros. O chefe, porém, não aprecia aquella marca. Robert, para lhe ser agradavel, cuida de ir buscar, immediatamente, numa casa proxima, outros de melhor preço. Ao transpôr os humbraes do estabelecimento, a impressão que o domina é a de se encontrar numa casa de doidos. Ninguem ali se interessa pela compra de cigarros. Toda aquella multidão que enche a loja se preoccupa em fazer apostas para a proxima corrida de cavallos. Nem mesmo o pessoal effectivo da casa cuida, no momento, da venda. Kurtner, completamente deslocado naquelle meio grita para alguem 50 a 5, isto é, cincoenta cigarros a 5 pfennings, e dahi resulta que o tomam por um apostador e o inscrevem por 50 marcos sobre o numero 5, entregando-lhe, a seguir, um bilhete qualquer. O rapaz se apercebe do engano e reclama o seu dinheiro. O "bookmaker" lhe mostra, no emtanto, um quadro onde está escripto: "Nenhum dinheiro será devolvido depois de feitas as apostas". Robert protesta, o "bookmaker" se zanga e a coisa promette complicar-se, quando o telephone toca para avisar que o n. 5 ganhára a primeira corrida.

DOS

MYRNA LOY E OS PAPEIS DE SUA PREFERENCIA — Interrogada, ha pouco, sobre os papeis de sua preferencia, Myrna Loy, que veremos breve no film *Um pouco de amor não é amor* (Animal Kingdom) da RKO, teve as seguintes expressões:

"Que me adeantam os papeis de ternura e pureza, quando ganho mais, muito mais nos typos de volupia e fatalidade? Além disso, não são poucos os que vêm no meu temperamento uma tendencia accentuada para as figuras sombrias da paixão. Eu não gostaria, francamente, de interpretar os papeis de candura e suavidade, que se não ajustam ao meu typo. Deixo esses papeis para outras que, physica e moralmente, equivalem a

LILIAN HEWEY

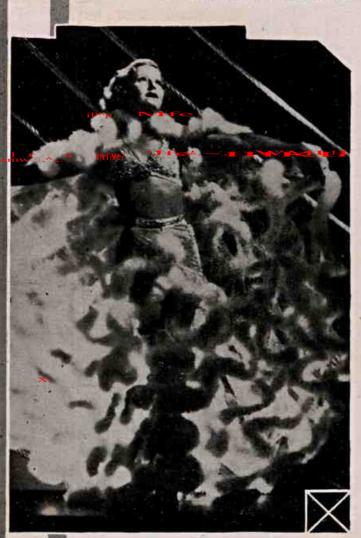
tores de bondade. Sendo eu um typo de sereia fatal, cujas caricias distillam veneno e cujos beijos são frios como os corpos das serpentes, estabeleci, para mim mesmo, uma qualidade de trabalho que me é propria e em que, além disso, as competidoras são raras. Posso, dest'arte, exigir, com possibilidades de exito, o preço que entender".

Nesse film, Myrna Loy tem um papel que, por fatalidade, é o de uma imagem de volupia e de peccado.

O ROMANCE DE LUPE E TARZAN WEISSMULLER — Por occasião de se iniciarem os trabalhos do seu proximo film, Lupe Velez foi obrigada a seguir, da Broadway para Hollywood, de aeroplano. Tendo uma acção de relevo no film, a sua presença era urgentissima e dahi o uso que fez do mais rapido meio de transporte. Partindo da Broadway, onde actuára na revista "Strike Me Pink", chegava, pouco depois, a seu destino. Entre as pessôas que a esperavam, viu, desde logo, a figura larga e risonha de Johnny Weissmuller. Mal desceu Lupe do apparelho o interprete de Tarzan aproximou-se de braços abertos, numa saudação escandalosa de bôas vindas. Instinctivamente, ella procurou fixar as pessôas presentes e reparou, então, que todos os olhares estavam fixos na scena, com expressão maliciosa. Ficou coradissima e acolheu Johnny friamente. Mas entrou em scena outra figura que tudo sanou. Foi a filhinha adoptiva de Lupe, e que Johnny trouxéra. Ella ficou contentissima com a lembrança carinhosa do amigo e passou a tratá-lo com mais ternura, quasi com amor. Quando os photographos reclamaram uma "pose", a "estrella", da *Verdade semi-núa* fez questão de que Johnny ficasse ao seu lado. Na sahida, houve quem assistisse a este espectaculo edificante: Lupe, recriminando o amigo por ter vivido, na phase em que ella estivéra ausente, uma vida nocturna e alegre; e Johnny, protestando innocencia e fazendo juramentos de fidelidade perenne e perenne amor.

DIANA WYNYARD FARÁ UM FILM PARA A RKO — Cedida pela Metro, a linda *estrella* ingleza que já vimos em "Cavalcade" fará "Declassé" para a RKO-Radio.

NILS ASTHER CONTRACTADO PELA RKO-Radio — Nils Asther foi contractado para apparecer em tres films da RKO-Radio.

O NOVO AMOR DE JOEL MC CREA — A mais recente fraqueza sentimental de Joel Mc Crea é a

STUDIOS

encantadora Frances Dee. O heróe athletico de "Aves do paraiso" parece que está, desta vez, sinceramente apaixonado. A impressão geral é a de que, longe de constituir uma aventura ephemera, o seu romance com Frances Dee acabará no matrimonio. Os dois artistas da RKO compõem um par ideal, que inspira interjeições maravilhadas aos menos insensiveis. Ha quem se embeveça vendo-os juntos, na praia de Santa Monica, devorando "cachorros quentes"...

A HISTORIA DE UM REI DE PUBLICIDADE — Jamais, em toda sua vida artistica, Lupe Velez passou por uma metamorphose tão rapida de nomes, sobrenomes e situações como no film *A verdade semi-nua*, da RKO-Radio. Cumpre accentuar, no emtanto, que ha muito tempo a irrequieta "estrella" não encontrava um papel que se ajustasse tão bem ao seu typo e temperamento. A ardente Lupe está melhor do que nunca! Lee Tracy vive intensamente na vida dynamica de Harry Reichenbach, o famoso "rei da publicidade". Foi elle, e não outro, quem impoz á opinião publica vultos como Valentino, Gloria Swanson, Charles Ray, Wallace Reid, Barbara La Marr. Figura de tanta projecção, a morte de Reichenbach causou consternação unanime. Lee Tracy, no seu papel de Bates, impressionou muito bem. Frank Morgan encarna o typo de empresario Farrell com uma felicidade prodigiosa e contribue, de maneira completa e efficiente, para o exito das situações comicas que o celluloide apresenta. Gregory La Cava actua na direcção com extraordinario brilho.

SERA UMA NOVA GARBO? — Katharine Hepburn está na posição invejavel e brilhante de unica successora de Greta Garbo. Miss Hepburn, que é joven, aureolada de espiritualidade irradiante e dotada de uma belleza esquisita e perturbadora, ingressou no palco immediatamente depois de ter deixado o Collegio Bryn Mawr. Durante muito tempo, as suas funcções artisticas se limitaram ás de substituta de "estrella". Mas essas "estrellas" nunca faltavam ás representações. E Katharine soffria na espera longa e ansiosa de uma opportunidade que não vinha. Afinal, começou a obter pequenas partes em peças theatraes. Mas a sua infelicidade era tanta, que não completava nunca os ensaios. Despediam-na antes da "première". Um bello dia, afinal, teve a sua "chance": a sorte que, até então se lhe mostráva esquiva e ingrata sorriu-lhe. E ella logrou, por um desses golpes de destino que fazem o triumpho de uma vocação, o papel principal do drama "The Warrior's Husband". Conseguiu um éxito integral. E, como premio desse éxito, recebeu o offerecimento de um contracto para trabalhar na RKO-Radio. O seu primeiro celluloide — "A Bill of Divorcement" (Victimas do Divorcio), ao lado de John Barrymore, importou em verdadeira consagração, por isso que ella demonstrou, no decorrer da acção, uma efficiencia artistica estupenda. Tornou-se uma "estrella" fulgida e deram-lhe um contracto de cinco annos. "Victimas do Divorcio" será apresentado no Rio, em outubro, e, a seguir, "The Morning Glory" ao lado de Douglas Fairbanks Jr., Adolphe Menjou e Mary Duncan.

ELISSA LANDI

HOTEL ATLANTIC

(Conclusão)

Que fazer em tal situação? Assim pensa Robert, mal se apanha só. Para fazer companhia a uma joven tão linda é necessario dinheiro e o rapaz não o possúe no momento. Mais uma vez Robert encara o problema, friamente. Sua velha mãe o livrará daquelle embaraço. E' ella a encarregada do vestiario do Hotel Atlantic. Mas a bôa senhora nada quer comprehender daquelles amores subitos do filho. Que elle permaneça no seu verdadeiro logar e confesse á rica americana a sua humilde condição. Isso é muito mais honesto — aconselha a velha, disposta a não tomar parte nos seus planos. Robert promette obedecêl-a, mas acaba esquecendo tudo isso quando de novo se encontra deante da joven que o fascinára. Eil-o, instantes depois, ordenando, no grande "restaurant", um "menu" que elle trata de pagar de um modo singular, emquanto isso se passa. Robert, após ter se despedido de Helena, trata de procurar o director do Hotel no firme proposito de que elle lhe arranje um emprego ali dentro que lhe permittia mostrar á linda americana a sua verdadeira situação. Após perseguil-o de andar em andar, consegue que este o nomeie dançarino profissional a 500 marcos por mez. Cumpre-lhe divertir, suando a mais não poder, as volumosas damas que enchem o "dancing" e com as quaes elle tem a obrigação de dançar. Emfim, desse penoso mistér sempre resultam gorgetas principescas. Tudo continuaria muito bem para Robert si, de repente, Helena não fizesse a sua entrada no "hall" em companhia de seu pae e de seu noivo. Emquanto estes preferem uma partida de "bridge", ella passa para o "dancing", onde se deixa prender, amorosamente, pelos braços de Robert, no enlevo de uma contradança, ignorando-lhe por completo a nova profissão. Ella se não apercebe de tal até o momento em que os dois vão se sentar a uma mesa — o que é prohibido aos dançarinos profissionaes, — e o director corre a reprehendêl-o asperamente. Helena, envergonhada e furiosa, abandona a sala não sem atirar, primeiro, com desprezo, uma gorgeta ao sympathico Robert. Mas o rapaz não acceita o dinheiro e o devolve, em flôres, á despeitada joven. O incidente da mesa modifica a situação de Robert no Hotel. Demittido do quadro de dançarinos, o director, em attenção á velha mãe daquelle desmiolado, o transforma em segundo telephonista do estabelecimento. Mais trabalho e menos lucro parece ser o lemma daquelle movimentado Hotel. Robert, o receptor ao ouvido, perde-se na-quella barafunda de communicações. Communica-se com os dois hemispherios. Transmitte recados e telegrammas, numa actividade prodigiosa. Helena, porém, não o póde esquecer. Arrepende-se do seu gesto e o procura, supplicante. Pede-lhe que a transporte dali, para bem longe, para onde os dois pudessem viver eternamente felizes... Quem resistiria a semelhante convite partido assim de uma joven bonita, seductora? Robert não hesita um minuto. Abandona o hotel em companhia da joven e esquecendo-se de transmittir um importante telegramma de negocios do pae de sua deusa. Longe dali, o joven verifica que está sem dinheiro. Helena offerece-lhe, para que o empenhasse, o rico collar presente do pae pelas suas nupcias proximas com Hunter. Mas o rapaz recusa altivamente tão opportuno auxilio. Da mulher que ama não acceitaria a menor somma de dinheiro... Foge desesperado, antes que a joven tenha tempo de o reter ao seu lado.

Emquanto isso, os acontecimentos se precipitam. Não enviando o tal telegramma, Robert concorre, sem o querer, para que o pae de Helena não viesse a soffrer, na bolsa de Nova-York, um prejuizo formidavel. Quando o velho se acreditava arruinado, eis que o descuido do rapaz o tornára mais millionario do que antes. Surprehendido por esse inesperado golpe da fortuna, Mr. Ponta acaba descobrindo de onde elle partira. Quer dividir os lucros com o rapaz que o salvára da ruina, mas não o encontra. Resolve, então, prometter, em cartazes affixados em logares publicos, 5.000 marcos a quem lhe desse conta do paradeiro de Robert. E se inicia a caça infatigavel a este ultimo, que afinal é descoberto. Vale a pena accrescentar que toda esta movimentada historia teve por epilogo o casamento do irrequieto Robert e da deslumbrante Helena? O leitor é bastante intelligente para perceber que, na vida, os bellos romances têm de ter, por força, um final condigno.

Escriptores e livros

Heitor Moniz — VULTOS DA LITERATURA BRASILEIRA — Ed. Marisa — Rio — 5$

E' perfeita a observação de Heitor Moniz: "Geralmente se suppõe que a biographia é um dos generos de literatura mais faceis de cultivar. Bastam algumas datas; os episodios principaes da vida que se descreve, expostos a traços largos; duas ou tres notas de caracter pessoal para imprimir á narração um aspecto mais pittoresco. E dito assim parece, com effeito, de uma simplicidade encantadora. Uma coisa, porém, é o que se diz, e outra bem diversa o que acontece. Na verdade a biographia é um dos generos mais difficeis de explorar-se, feita como se a deve fazer, com rigor historico, com elegancia de estylo, com precisão de factos e em condições de attrair o leitor desde que a acção começa até que termina. E' indispensavel, quando se acaba de ler uma biographia, que se tenha uma noção perfeita e humana da pessôa que ali se reviveu com todas as suas fraquezas e todos os seus defeitos, ao lado de suas qualidades e de suas virtudes, uma noção que nos seja, não como a reproducção de uma photographia, ainda que muito parecida, em todo caso parada; mas como a focalização de um *film*, em que se sinta, nas menores passagens e nos menores actos, a vida que animou a tudo aquillo e, ao lado dessa vida, um profundo espirito de realidade. Houve uma maneira antiga de escrever-se biographia. Essa maneira caiu totalmente e com difficuldade se a supportaria nos nossos dias. Ha hoje, assim, uma moderna technica biographica, que, por signal, tem sido o successo e a gloria de muitos escriptores, como para citar tres mestres notaveis nesse genero, o francez André Maurois, o allemão Emil Ludwig, e o inglez Litton Strachey. As *vidas* que esses escriptores nos têm dado são de molde — tal o apuro de sua forma — a despertar o interesse e o encanto que os melhores romances podem provocar aos seus leitores. Até ha pouco tempo a biographia na Inglaterra era isto, que dizia Strachey: uma massa de documentos mal digeridos; o estylo descuidado, o tom de enfastioso panegyrico, a lamentavel falta de escolha. E o que era na Inglaterra era na França, era na Allemanha, era na Italia, era em toda parte. A situação nestes ultimos 12 annos mudou por completo."

E' facto. Bem comprehendendo essa mudança total de figurino, Heitor Moniz, que é um espirito brilhante, autor de uma série de livros de fundo historico, dos melhores na nossa literatura, vem de imprimir tambem nova feição aos estudos que apresenta neste volume, marcando mais uma victoria no terreno das letras. Nem outra coisa era de esperar, em se tratando de um talento forte, que tem firmada a sua reputação de crítico abalizado. No volume apparecem as biographias de Gregorio de Mattos, Mons. Pizarro, frei Sampaio, Martins Penna, Manoel Antonio de Almeida, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella, Valentim Magalhães, Raymundo Corrêia, Raul Pompeia, Muniz Barreto, Francisco Mangabeira, Castro Alves, Luiz Delphino Laurindo Rabello, encerrando com duas bellas paginas sobre o centenario do Romantismo e o Romantismo brasileiro. Em qualquer das biographias, sente-se o trabalho de pesquiza, de expurgo, de concatenação, a probidade e a arte do autor, o que torna o livro leve e encantador. Sendo o livro marcado com a nota de 1.ª serie, essa indicação de que os estudos serão continuados em futuro proximo dá ao leitor a certeza de que a nossa literatura vae receber em breve o influxo brilhante da penna de Heitor Moniz, moço que já adquiriu o direito de ser tambem biographado.

A. Kuprin — O DUELLO — Liv. Globo — Porto Alegre — 3$5

A *Collecção Globo*, tem mais um interessante volume do mestre da literatura russa.

Trata-se de um romance de aventuras, complexo, movimentado, cheio de vida.

Ribeiro Couto — BAHIANINHA E OUTRAS MULHERES — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 5$

RIBEIRO COUTO conquistou, com este livro de contos, o premio da Academia Brasileira. O publico exigiu uma segunda edição da obra. Torna-se desnecessario, depois disso, o nosso juizo critico.

São onze contos brasileirissimos, que a gente lê de uma assentada, tal o encanto dos mesmos.

Contos de mestre.

Val Lewton — RASPUTIN E A IMPERATRIZ — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 5$

TODOS os livros até hoje publicados tratam de Rasputin como de um homem mysterioso, de um estadista, da sua influencia sobre os destinos da Russia; são, emfim, estudos. O presente é um romance, é a vida aventureira de monge que de monge tanto tinha como o diabo de anjo. Deste romance a Metro-Goldwyn-Mayer serviu-se para fazer a fita *Rasputin*. O volume pertence á collecção do *Livro-Film*.

Perfeição

(A. Beiró Uchôa)

Eu gemo e, ás vezes, choro, em lagrimas sombrias,
dentro de torturante e tremula emoção,
crucificado á cruz dos sonhos e agonias
a perseguir debalde e ansioso a Perfeição...

Garça Branca, a fugir, assim, todos os dias,
inexoravelmente, esquiva, á minha mão
ei-la; abre ao longe, adeante, as azas erradias
ao contácto febril da humana aspiração...

Que tortura me punge e lacéra e atordôa
ter que sempre seguir, assim como extasiado,
essa miragem de poder alto e fecundo...

Quando eu sei que não ha siquer uma pessôa,
que, não tendo soffrido e nunca tendo amado,
comsiga a Perfeição das cousas neste mundo...

Steni de Sá

ESTAVAM as duas sentadas junto ao fogão, no pequeno salão do castello, á hora do crepúsculo.

Colete, loura e fragil, Irene morena e ardente. Pela primeira vez o sr. e a sra. de la Mure recebiam em seu castello mme. d'Hauteville. E, pela primeira vez, as duas amigas abordavam o thema difficil, das confidencias:

— Não — suspirava Colette — não sou feliz... comprehendes...

— Não é feliz porque a felicidade é por demais uniforme — diz Irene, sorrindo — Que pódes desejar? Teu marido é rico, e elegante, quasi fiel... E não estás contente?

— Ah! Irene, tu não sabes o que se occulta sob esta felicidade banal. Escuta: juras que serás discreta si eu te disser uma coisa?

— De certo. Não te contei eu toda a minha vida?

Irene d'Hauteville conhecêra o horror de ver seu marido deshonrar-se no mais feio dos escandalos. No Club, roubára. Após isto, abandonára Paris, a França, restituindo á mulher a liberdade: pertenciam ambos a um mundo catholico onde não se pratica o divorcio.

— E' um segredo — murmura Colette — que põe em jogo tres pessôas.

— Tres pessôas, Colette! Tu, teu marido e... o outro? Não posso imaginar que tenhas um amante!

— Não tenho precisamente um amante. Ouve: só conheces Claudio sob a sua apparencia mundana...

Na hora da

De BINET

— Conheço-o bem, agora que estou aqui.

— Não notaste coisa alguma?

— Não. Apenas noto que de manhã tens grandes olheiras...

— Irene, desprezo-o e adoro-o.

— Por que o desprezas?

— Espera. Sabes quem é meu marido? E' um homem que só conhece do amôr o lado material.

— Isto acontece...

— Sim. Mas elle me engana muito mais do que pensas e nem procura disfarçar: sou para elle uma mulher... como as outras. E, por isto, tenho vergonha de mim mesma!

— E então?

— Então, já teria fugido, si não fôra o consolo de uma grande amizade que sinto por alguem...

— Por M. Lombard?

— Como adivinhaste?

— E' simples. Elle é justamente o contrario de teu marido. Não tem nem uma especie de cortezia: déve possuir uma bella alma.

— Possúe uma bella alma. Si visses as suas cartas! Ama-me com um amôr que não espéra. E o melhor de mim mesmo pertence-lhe, Irene.

— Só o melhor?

— Juro-te!

— Quem te imaginaria tão complicada?

— Mas não será um pouco por tua culpa que teu marido te engana?

Talvez o comprehendas mal. Não aprofundas bem as coisas, Colette... Vejo agora teu marido sob um aspecto mais interessante.

E longamente, Irene pôz-se a interrogar a amiga. Afim de exaltar Gorges Lombard, Colette exagerava o desprezo que nutria por Claudio.

A conversa foi interrompida pela chegada de mme. de la Mure. Voltava dos campos e trazia um cheiro bom de flôres e de matto. A' luz das lampadas, Irene achou nelle qualquer coisa de novo e essa impressão foi augmentando sempre.

Velhice

VALMU

Voltaram a Paris. Retomaram juntos a vida habitual de jantares e ceias. E, de repente, Colette sentiu que o marido se afastava della. Principiou um daquelles terriveis periodos em que ella se sentia como uma amante desprezada que era obrigada a ficar junto ao amante infiel. E a correspondencia com Georges Lombard tornou-se mais activa.

Uma noite, em que Colette escrevia, Claudio pôz-lhe a mão sobre o hombro:

— Que fazes? Queixas-te?

— Não. Escrevo a Lombard.

— Bem.

E sahiu para encontrar Irene, que naturalmente tinha tido a curiosidade disso que as mulheres desprezam mas que ha de attrahil-as eternamente.

Sim; aquillo que fôra primeiro uma tentação perversa tornou-se depois para Irene um verdadeiro sentimento. Passemos o remorso que ella teve. Para abafál-o, ella dizia que o Destino tinha reunido mal aquellas cinco creaturas: ella, seu fraco esposo, Claudio, que era o homem feito para ella, Colette e seu *flirt* ideal e platonico. Pensava muito nas confidencias da amiga, afim de se absolver, e tambem porque temia que Claudio voltasse áquelle corpo ao qual se habituára.

E aconteceu o que devia acontecer: trahiu a confidencia e disse um dia:

— Colette nunca te comprehendeu. Ama-te apenas com os sentidos. Aliás, tem ella outra coisa? O pouco de alma que possúe já a deu, sabes a quem?

E narrou tudo, accrescentando:

— Nada tens a receiar. Apenas não é agradavel que ella escreva a outro seu desprezo por ti.

— Seu desprezo?

E Irene terminou a historia, não sem recommendar:

— Prohibo-te que lhe fales nisto.

Claudio obedeceu.

Por sua vez, desprezou Colette. Ella commettêra uma traição mais grave que o adulterio e ficou inteiramente abandonada pelo marido, embora vivendo ambos sob o mesmo tecto.

A ligação de Claudio e Irene durou muitos annos, sem que ninguem a descobrisse. Foi ella quem a rompeu por cansaço.

Mas quando, na hora da velhice, no salão do castello, que de novo os reunira a sós, Colette, grisalha, e Claudio, de cabeça branca, uma noite em que nevava, Colette deixou escapar algumas queixas.

Claudio, então, exclamou:

— Cala-te! Nem uma das minhas traições foi comparavel á tua. Lembras-te do que outróra, nesta mesma sala, contaste a Irene?

Ante a verdade, ella gritou de dôr.

Jurou que ao menos ella fôra fiel. Elle, a contemplava com um tão profundo desdem, que ella se pôz a chorar.

Então, tomando-a nos braços, Claudio murmurou:

— Perdôo-te.

E Colette acceitou o perdão, soluçando:

— Eu não devia ter feito!

Tinha agora consciencia de haver arruinado a sua velhice, perdendo a possibilidade de ser ella, na hora do crepúsculo da vida, quem pudesse dizer, de cabeça alta:

— Perdôo-te!

— E ter nisto um ultimo orgulho e uma ultima felicidade!

Olvido

Numa tarde de Outubro. Em musical feeria,
O Jardim do Silencio e da melancolia,

Eu segui deslumbrado. Ante mim, quem pisava?
Talvez o piso da Ventura que passava...

E num deslumbramento, um vulto leve assoma:
— Salomé vem dansar entre a gaze do aroma!

E foi assim, e foi assim — sereno e suave,
Deante da Salomé do Sonho, em vôos de ave,

Que pude adormentar o meu desejo rubro.
Entre sombras e sons, numa tarde de Outubro.

...Que pude adormecer minh'alma dolorida—
Entre o temor da Morte e o impossivel da Vida...

Evagrio Rodrigues

A caixa de

D

ROLAND

—SANTO DEUS! — exclamei, vendo entrar Sheik com duas caixas de bombons — Tens outra namorada?

— Como de costume, meu caro Simps, enganas-te.

Sheik deixou a bengala, tirou as luvas, adeantou-se até o espelho, arranjando o nó da gravata.

— Então, permitte-me que manifeste o meu espanto. Acho que já não estás na idade de comer bombons... e trouxeste duas caixas.

— Os bombons não são destinados ao meu paladar! — declarou Sheik, com um tom de superioridade.

— Penso que não os trouxeste para mim.

— Naturalmente...

— Para quem, então?

Sheik accendeu um cigarro e começou:

— Sabes, meu caro Simps, que a vida moderna impõe aos profissionaes de todas as categorias o sacrificio das antigas normas de propaganda, por outras mais effectivas. Tudo muda... Tambem nossa profissão de ladrão deve se transformar fundamentalmente, para estar de accordo com a época. Explicar-te-ei o porque destes bombons.

— Cada vez entendo menos. Que tem essa caixa com a propaganda moderna?

— Ah! Simps!... Não vês dois dedos deante do nariz! E o peor é que o tens muito chato. Escuta... Não ha muito tempo, os alfaiates cosiam ao Deus dará, no emtanto, agora se preoccupam em realçar a silhueta de seus clientes. Pouco a pouco, introduziram modificações no côrte, augmentando sua freguezia, adoptando o methodo da escolha a domicilio e facultando o pagamento a prazo. Então, porque nós os ladrões não devemos proceder para com nossas victimas com delicadeza e amabilidade?... Por isso, é que tive a genial idéa de comprar estas caixas de bombons, para deixar uma em cada casa que visitar. Graças a isso, ganharemos a estima de nossos clientes, procedendo differentemente desses ladrões vulgares, que ignoram a mais elementar regra de cortezia. Bonbons, flores encantam as mulheres... Por que não presentear a uma dama de cujas joias nos apoderamos? Percebes, Simps que, com esse novo methodo, muitas victimas nossas nada farão para nos denunciar... Seria uma deslealdade da parte dellas.

— Olha, Sheik, sempre pensei que não regulavas bem, mas agora estou convencido de que és completamente louco... Alguma coisa mais... um imbecil.

— Obrigado! Esta noite darei meu primeiro golpe, de accordo com o methodo que acabo de te explicar. Acompanhar-me ás?

— Não!

— Perfeitamente! Irei só. Permitte-me que te diga que és um retrogado. Estou um tanto pallido, não achas? Não me sinto bem. Já Carolina m'o disse... Prometti-lhe levar um presente de valor... Creio que esta noite encontrarei alguma joia que valha a pena.

Como não lhe respondesse, apanhou a bengala e sahiu.

Fiquei só, pensando no pobre Sheik.

Decididamente, meu amigo começava a manifestar signaes de loucura... Dar bombons ás suas victimas!...

———

Estava submerso em amargos pensamentos quando, horas mais tar-

HISTORIA DE TODO O DIA

Resumem a mesma historia
Essas historias de amôr...
Uma triumphante, outra ingloria,
São todas irmãs da dôr...

Procura ouvil-as, procura,
E verás que é sempre assim:
Um sorriso de ventura
E uma lagrima sem fim...

Por mais feliz e mais pura,
Por mais ingrata e mais triste,
Resume sempre essa historia,
A mesma historia que ouviste...

Sei que a vida é toda assim
Quer triumphante, quer ingloria:
Um sorriso de ventura,
E uma lagrima sem fim!...

ALCIDES C. MAIA

bonbons E KIEBS

—

de, ouvi Sheik que chegava. Um minuto depois entrava na sala.

Trazia a bengala na mão, não vinha pallido e sim vermelho segurando um dos hombros com a mão.

— Olá!... Que ha?... — perguntei presentindo qualquer coisa de grave.

Sheik atirou a bengala e deixou-se cahir em uma cadeira, dando um socco na mesa e exclamou:

— Quasi nada!... Estropearam-me o braço.

— Conta, conta... Deve ter sido muito divertido... Quem foi?...

— Quem foi?... Eu sei!

Depois de um momento, Sheik começou.

— Falhou-me o methodo. Procurarei outro... Nada de bonbons... Uma vez deante da casa que me propunha assaltar. Pensei que convinha ter a certeza de não haver ninguem nella.

Resolvi tocar a campainha... Si viesse alguem, perguntaria por um nome supposto. Si não respondessem á chamada, entraria tranquillamente pela janella.

— Tens cada idéa!... Mas quem veiu abril-a?

— Ninguém.

— Como?... Quem te estropeou o braço?

— Espera... Dispunha-me a tocar a campainha, quando um sujeito corpulento, que naturalmente estava escondido entre as arvores, se apresentou dizendo: "Permitta-me, senhor: quero lhe dizer duas palavras".

"— A mim? — perguntei.

"— Sim, ao senhor.

"Como deves suppôr, não soube o que responder. Então, o individuo gesticulava ameaçador.

"— Olha... Há muito tempo que já suspeitava disso. Porem varias vezes disse a Lucia que, se quizesse me enganar, o fizesse francamente. Porque, perdôo tudo, menos á hypocrisia. No emtanto, nunca suppuz que Lucia fosse capaz de me trahir com um typo como o senhor..."

— Antes de tudo — disse: — Quem é Lucia?

— Foi isso, Simps, justamente o que perguntei. Não me occorreu perguntar quem era elle, porque o adivinhei logo... Tinha uns braços!... Ah!, Simps, se o visses!... Mas, continuemos... Quando lhe perguntei quem era Lucia, levantou os braços, segurou a cabeça e gritou:

"— Hein?... Como?... Pretende se divertir á minha custa?... Não conhece Lucia?... Para quem são estes bonbons?... Por que não diz que se enganou de porta?... Deixe-me vêr esta caixa... Bonbons para minha Lucia!...

"Arrebatou-me a caixa, atirou-a no meio da rua e, cerrando os punhos, gritou:

"— Vou lhe dar uns bonbons!...

"Deu-me um formidavel socco no hombro, um socco, como nunca recebi na minha vida."

Emquanto Sheik falava, eu fazia esforços para não rir. Quando terminou sua narrativa, disse-lhe:

— Como compraste duas caixas, penso que amanhã poderás experimentar o teu novo methodo... na mesma casa.

Sheik lançou-me um olhar furioso, olhou a caixa de bonbons, estregou o braço e suspirou.

— Pobre Carolina!... Eu que lhe prometti um presente... O mais grave é que amanhã não poderei vêl-a... Tenho o braço em misero estado!...

— Não te affliijas, homem! Amanhã escrever-lhe-ás desculpando-te e... poderás lhe mandar tambem a outra caixa de bombons.

POETA

Tú, ó Poeta, que vives sempre immerso,
A procurar, nas tuas orações,
Exaltar as bellezas do Universo
E a delicia das doces emoções;

Tú que burilas o átomo, disperso,
Das tempestades da alma, e nelle pões
A caricia da rima do teu verso,
Acalmando a tragedia das paixões;

Tú, ó Poeta, que á vida triste e fria
Sabes dar sempre uma physionomia
De ventura, de amor e de belleza

— Has de perder a musa, no entretanto,
Se pretenderes externar, sem pranto,
Teu coração repleto de tristeza...

ROBERTO LOBO

Do livro, em preparo, "Cerebro e Coração".

ADÃO E EVA NA

NÃO se sabe porque a suggestão odiosa desse casal antipathico (causador de todos os nossos males!) ainda persegue, através dos seculos a imaginação dos escriptores e dos dramaturgos. Nem Sacha Guitry escapou á fatal tradição e surge agora, o espirituoso e illustre comediographo, após longos mezes de silencio amuado, com uma nova interpretação da psychologia paradisiaca que não encantou a ninguem. Creio, sem reserva, que Sacha Guitry se enganou quando escreveu a sua ultima comedia.

Enganou-se antes de tudo porque emprestou ao primeiro homem uma linguagem semelhante á nossa, sem saber exactamente qual era o seu modo de exprimir-se!

Acredito que em vez de citar axiomas e sentenças do *Larousse*, no mais apurado idioma francez, Adão falava uma especie de Esperanto, cuja chave se perdeu, provavelmente, quando desmoronou a Torre de Babel.

Imagino tambem que Adão devia ser muito differente do individuo que o senhor Sacha Guitry apresentou aos assignantes resignados da Comedia Franceza.

Eva, então, surprehendeu e desapontou ainda mais o bom publico de Paris!

Quanto ao Paraiso, que todos nós idealizamos coberto de lindas flôres desconhecidas, cheio de arvores gigantescas, ou anãs, de fontes doiradas, de torrentes magestosas formando os largos rios a recortar a planicie verde e rosa, foi um fiasco solenne! Os scenarios da Comédia Franceza só conseguiram despertar uma intensa saudade do jardim das Tuilherias ou do Campo de Sant'Anna. O Paraiso do primeiro theatro francêz de prosa desilludiu todos os bemaventurados do céu e da terra. Si ao menos Adão tivesse trocado suas idéas com Eva, em alexandrinos... Por que não?... Tudo é accessivel aos poetas, justamente porque a poesia dispensa o incontestado previlegio de aproximar-nos do céu.

Mas, por que razão apresentaram um Adão tão velho e uma Eva tão alquebrada?

Sacha Guitry nos teria dado, seguramente, paginas muito mais bellas, si tivesse podido dispôr de um Adão de vinte annos e de uma Eva pequenina, no frescor dos dezoito annos! Ah, quanta saudade da *Yvonne Print*...

COMEDIA FRANCEZA

tempo, a eterna primavera! Mas não senhores; o actor escolhido era um Adão de barbas brancas (e que barbas!) e tambem Eva era branca, embora estivesse muito bem penteada... Estavam quasi nús, porém, nem assim, evocavam o ambiente do inicio do mundo. Lembravam apenas as praias de banho em dias de verão. Como Eva teria sido adoravel num pyjama côr de nuvem, andando de mão dada ao companheiro, envolto em raios de aurora! O Adão da peça de Sacha Guitry lembra um honesto empregado publico, aposentado, que se retirasse na roça com a sua velha mulher e lá vivesse praticando timidamente um semi-nudismo para economizar as roupas, os generos de primeira necessidade e a conducção...

Esperava-se que Adão fosse alegre e despreoccupado e que não praticasse infidelidades, como convém a um homem que não dispõe de variedades de tentações. Eva não tinha amigas; por conseguinte, deveriam ser perfeitamente felizes!

Ouvindo a peça de Guitry atraz das grades discretas de uma *baignoire*, o espectador se perguntava com ansiedade o que Adão saberia inventar para entreter palestras com Eva, durante os longos dias paradisiacos em que não havia esforço a fazer para se viver... Sacha Guitry não o soube dizer... e por esse peccado mortal, não mais receberá perdão dos contemporaneos, nem dos posteros!

O Paraiso então é somente isto? Esperamos, francamente, que Adão e Eva pudessem ao menos jogar *cricket* com petalas de rosas ou com os grãos de areia...

Imaginamos que seriam como duas crianças loucas, ignorando a sua idade e fazendo toda a sorte de travessuras sob os olhares divertidos de Jehovah! Ao pé delles, estariam acocorados os mais ferozes animaes da criação, assim como os mais doceis. Leões e gazellas, tigres e carneiros viveriam na mais perfeita harmonia.

Esperava-se até poder ver as flôres abrirem-se para acolher o beijo fecundo das borboletas, emquanto Adão pronunciaria, com voz de ouro, as palavras definitivas e immortaes que nos fariam lastimar profundamente o chato viver da hora presente.

Todos, emfim, almejaram conhecer o Paraiso terrestre, mas o Paraiso verdadeiro, aquelle que se destina somente aos que não peccaram e que mereceram todas as recompensas...

Ai de nós! Em vez de satisfazer ao nosso legitimo anseio, Sacha Guitry mostrou-nos dois pobres centenarios tristes e sombrios, desoladamente attingidos pela crise mundial!... Si o Paraiso é isso, francamente, ainda é preferivel ficarmos por cá!...

ITAVAZ

ENTRE algumas tribus nativas da America Central, os homens são escravos das mulheres. Após o casamento, o noivo leva, de casa, os objectos de sua propriedade e os entrega em casa dos sogros, onde passa a viver com a esposa.

•

NO Estado de Texas, uma pessôa que chama a outra de mentirosa, e não consegue proval-o, paga uma multa, pois essa palavra é considerada uma offensa grave.

•

E' celebre, no antigo Testamento, o banquete que o rei Asuero offereceu aos grandes do imperio, e que durou 180 dias.

•

OS chinezes só usam cinco botões nas suas jaquetas, afim de terem sempre, á vista, alguma coisa que os faça lembrar as cinco virtudes moraes mais importantes, recommendadas por Confucio, e que são: bondade, justiça, ordem, prudencia e rectidão.

CONHECE-SE, apenas, uma estatua de marmore, de figura humana, que tenha pestanas: é a estatua de "Adriana adormecida", uma das joias do Museu do Vaticano, e que foi descoberta em 1503.

•

HA, na Australia, uma classe de pedras que se movimentam sem que se lhes toque. Pondo-se varias dellas juntas, numa superficie lisa, começam a se movimentar até se juntarem. Dá-se esse phenomeno devido ao facto de conterem ellas, em sua composição, um mineral magnetico. Essa propriedade já foi muito explorada por adivinhos e magicos, que attribuiam a taes pedras virtudes sobrenaturaes para presagiar a sorte.

•

A harpa mais antiga que se conhece foi achada em uma tumba egypcia. Tem, pelo menos, quatro mil annos de antiguidade, e está guardada no Museu do Louvre.

•

DURANTE muito tempo os photographos russos usaram um expediente contra os "caloteiros": quando alguem deixava de pagar sua conta, collocavam elles, em logar bem visivel, de cabeça para baixo, o retrato do máu pagador. Os velhacos, para se livrar de tal vergonha, e, muitas vezes, por superstição, se apressavam em saldar suas dividas.

pelo PROF. ARONACK

A MOEDA NA GARRAFA

Fazer passar invisivelmente, para dentro de uma garrafa d'agua, uma moeda confiada por um espectador.

TOMAMOS uma garrafa de mesa, sobre o gargalo da qual disporemos uma argola de papel formada de uma tira da largura de um centimetro, cujas extremidades devem ficar bem emparelhadas.

Collocamos sobre essa argola uma pequena moeda. Introduzimos rapidamente o dedo dentro do annel, e, puxando-o bruscamente para a direita, a moeda desapparecerá; em vez de acompanhar o annel de papel, ella sahirá simplesmente na garrafa.

Para tornar a experiencia mais extraordinaria, enche-se a garrafa d'agua, e desta sorte a quéda da moeda será imperceptivel e realizar-se-á sem o menor ruido.

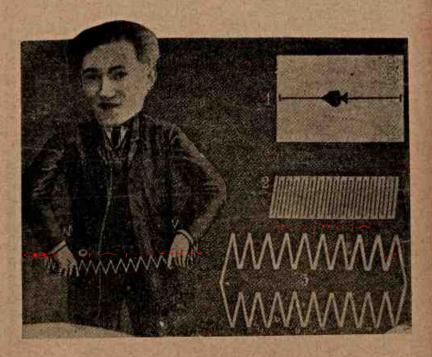
(Os meus leitores precisam adquirir o livro "Segredos da magia").

Como não virá á idéa de ninguem que, depois do movimento brusco que acabamos de fazer, a moeda tenha cahido perpendicularmente na garrafa, os espectadores estarão na persuasão de que a temos na mão.

Então, ordenamos á moeda que passe para dentro da garrafa, e, abrindo a mão, que está vazia, convenceremos os espectadores de que a nossa ordem foi fielmente cumprida.

PASSAR ATRAVÉS DE UMA CARTA DE JOGAR

SI querem pregar uma bôa peça a seus amigos, apostem com elles que são capazes de passar atravês duma carta de jogar. A principio, elles nem siquer comprehenderão, talvez, que se lhes vae apresentar uma carta especial, de tamanho enorme, fabricada para a circumstancia. Digam-lhes, porém, que a carta em questão é uma carta de tamanho ordinario; tomem uma carta qualquer de um baralho e abram nella uma fenda longitudinal, que chegue quasi a tocar nas bordas, como indica a figura n.º 1 da gravura. Dobrem, depois, a carta ao meio no sentido dessa fenda e, com uma thesoura, executem os golpes indicados na figura n.º 2. Tornando a abrir, depois, a carta e puxando as duas extremidades, vel-a-ão transformar-se numa comprida tira elastica composta de laminasinhas formando entre si um angulo, cada vez menos agudo, á medida que se opera a tracção acima indicada.

E ahi está como se torna possivel, sem recorrer a nenhum subterfugio, passar através d'uma carta de jogar. Basta fazer o que faz o Prof. Aronack, na gravura.

No domino das legendas e tradições

(CAPITULO I)

QUANDO, mais tarde, alguem procurar no torvelinho dos factos, na legenda dos acontecimentos, desentranhar da tradição, no amago dos nossos sertões immensos e despovoados a origem, as causas, os fins e intuitos do "cangaceiro", typo verdadeiramente proteiforme e anormal producto de lares mal formados, ha-de concluir que, da permixtão de varios elementos, resultou o fruto malefico que se tem apoderado nos rincões da patria de parco haver dos nossos incolas, levando as familias dantes impolutas e laboriosas a deshonra, a devastação e a morte.

O que se lê no decurso destas paginas desataviadas é um apanhado flagrante, por sentimento de piedosa comiseração, de typos e factos, episodios e narrativas, réaes, uns, filhos da tradição, outros, colhidos, uns, á luz de documentos que se estribam em provécta senéctude sertaneja, outros, emanados ao léo de varias outras occupações de ordem moral.

Ha de ser, ao menos, em complacente analyse, um respigar de farta em seára abundante, digna de estudos, fundamentando origens, gravando fáctos, reedificando tradições que o tempo, celére em sua missão destruidôra, ha de varrer da memoria dos homens.

E para que se não desfolhem, uma a uma, estas reminiscencias e pesquisas documentadas e conservadas serodiamente, ahi vão algo obnubiladas pela distancia, no recúo da visão do proscenio, habitos da vida dos nossos incolas, nativos deste immenso Brasil, desconhecido de muitos, malsinado de outros, depreciado de alguns que, voltados somente para os litoraes, não se apercebem da gente displicente e bôa que se atufa pelas caatingas e campos, vivendo da simplicidade bucolica que tem belleza natural e fala dos nossos aborigenes...

Procurando estudar as causas determinantes de um tal estado de relativa barbarie, não ha aqui o conceito ou criterio de innovação ou originalidade: apenas concluimos com testemunhas abordadas no labôr dos campos, na fála simples e inócua dos habitantes daquelles rincões da terra brasileira.

O fetichismo grosseiro dos indios resaibos de natural lei de hereditariedade, influindo poderosamente na genese da raça, o ambiente inculto e povoado de superstições, a formação deficiente de caracteres, o analphabetismo dominante fazendo crêr que, "lá nas extremas do "cercado", nos confins da "roça", finda o mundo exterior, ha de influir preponderantemente na escála chromatica dos sentimentos, como affirmam, sem discrepancia, os psychologos.

Resalta primariamente, além da ausencia de cultura, os preconceitos do "meio" tão funesto que sóe, bastas vezes, mover a intelligencia, actuando sobre os movimentos desordenados da paixão que, empanando a verdade, se atira fragorosamente contra o direito de propriedade e a propria vida humana.

Desviado de um idéal digno, obsecado pela tára ou preconceitos de occasião, o "cangaceiro" de todos os tempos, e em todas as latitudes, ha de ser um impulsivo, quasi sempre; um illetrado, porejando ignorancia, nem sempre.

Entre elles até homens intelligentes, dignos de commiseração voltaram nas sombras da velhice ao campo de sadias reflexões e a um arrependimento de ordem superior sob o dictame da Fé chegaram, por ella arrimados, á altura dos postulados do Direito.

Cumpre tambem não olvidar uma causa de importancia na conformação technica e na formação moral deste elemento digno de repudio: a politicagem antiga do "quero", "posso" e "mando", os tres postulados da prepotencia dos abencerragens sertanejos, nefasto dominio de villarôjos reconditos, creando o espirito de vindictas pessoaes, dando, muita vez, causa proxima ou remota á formação de nucleos de "cangaceiros".

Passe commigo o leitor uma pequena série destes factores de miserias: Marcelinos, Pereiras, Marcolinos, Silvinos, Valentins, Zéca-Néto, Bomdevéras, Rompe-fógo, Calangros, Mariannos, Zé-Jesuinos, Ignácio, Lulú-Padre, Sinhô, Lampeão, Corisco, Casa-Braba, Virgolinos, com a malta de seus comparsas, sob alcunhas e appellidos diversos, nomenclam-se os homens do sertão que sob tutela de pretendidas reviudicações, despenderam e ainda hoje malbaratam energias ao serviço do odio e da vingança.

Accresce que, além da politicagem de aldéia, ter sido um dos factores do nefando "cangaceirismo", não deve ser olvidado no computo das causas deste mal o "fanatismo", o desvio moral de muitos que, imbuidos de crendices e ficções, chegaram a resvalar no barátro dos maiores crimes em requintes de rebaixamento moral, patrocinados por ficticia deidade, creada em cerebros doentios, objectivo antes dos cuidados dos sanatorios de psychopatas do que das grades infectas de presidios isoladores...

No admiravel livro de Fernando Nicolay, onde se descrevem, magistalmente, usos, superstições e crenças da humanidade, (*) está registado o episodio dantesco de um brasileiro que na côrte do rei Dahomey foi observado alimentando-se dum "guisado" condimentado com sangue humano, especiaria supersticiosa usada naquella côrte como preservativo de maleficios...

Não se diga, porém, que seja esta affirmação uma fantasia do escriptor: M. Cordioux, que escreveu variadas obras a este respeito, referenda o mesmo facto.

Que tremenda tára ancestral dos nossos antropophagos !... Ha na psychose sentimental do tarado a sêde de sangue, chegando estes desvairados a saciar o instincto no cadaver ainda arquejante da victima...

O espirito sanguinario do "cangaceiro" tem, no seu amago, algo de crendice imaginaria, tanto que dá preferencia a este ou áquelle orgão do corpo do seviciado para, sobre elle tripudiar na faina de satisfazer á perversão psychologica do seu instincto depravado.

A estes actos canibalescos ligam directamente um sentido de mystica significação, ao seu entender: usam figas, medalhas, berloques, fitas, espelhos de pequena dimensão no chapéo de forma bizarra, bugigangas varias, tidas e havidas como talismans no intellecto.

ABELARDO PARREIRA

(*) — «Histoire des Croyances et coutumes», p. 16.

A mulher do jornalista

De Edison Lins

A redacção do "Diario do Povo" achava-se tumultuosa, naquelle dia. Era gente que entrava, gente que sahia, gente estacionada, grupinhos palradores pelos cantos, recadactores que escreviam apressados as suas notas, ruido de vozes, ruido de teclas, alarido, e um movimento enervante, que dava idéa de se estar em uma casa de malucos.

Num dos cantos da sala, afastado de todo aquelle borborinho, de todo aquelle tumulto, um individuo feio e obeso,, fleugmaticamente, escreve as suas notas. De vez em quando, é intrrompido, quando o telephone, que está ao seu lado, tilinta ruidosamente ou algum typinho extravagante vinha fallar-lhe da vida alheia, da Greta Garbo, do Max Schmeling ou das regatas de domingo. Agora mesmo lá estava um sujeito magro, como um cabo de vassouras, o "Fuinha", a encher a cabeça do pobre homem de *foot-ball* e outras besteiras, e elle, longe de se aborrecer, vae continuando a escrever as suas notas, muito calmamente, inteiramente alheio ao que o homemzinho discutia com um calor desassombrado.

— Gordura! Gordura é o que você tem, homem. Dizer que os "vermelhos" vão bater os "azues"... Ora, essa tem graça! E' o cumulo! A sua secção ficará desmoralizada, e você passará por ser o homem mais mentiroso do mundo; os garotos lhe darão uma vaia tremenda, na rua, si continuar a dar esses palpites tão desbaratados. Olhe, homem, raciocine um pouco. Qual é a organização dos "vermelhos"? Fraca, fraquinha, francalhona. Não têm jogadores. Mandam bébés para o campo, quando o que deviam mandar eram homens, homens de facto, fortes, traquejados, forçudos mesmo. Pois é o que os "azues" têm e os "vermelhos" nunca hão de ter. Escreva: "os "azues" vencerão!".

Mas, nesse momento, o telephone tilintou. O homem gordo attendeu. Depois, voltando-se para uma outra mesa, gritou:

— Tristão!

Um homenzinho magro, de olhar vivo, surgiu por traz de uma secretaria. Parecia até que passava mal do estomago, porque tinha os olhos encaveirados e o seu aspecto não era o de um homem que se vestisse com elegancia.

O homem levantou-se, lesto, e segurou o phone. Dahi a momentos, voltou á sua mesa, terminou ligeiramente umas notas urgentes, apanhou o bloco, fechou a secretaria, e disse para um rapaz que se achava ao seu lado:

— Vamos sahir.

O joven olhou admirado:

— Outra vez? Mas, Tristão, não faz cinco minutos...

Nem bem terminára a phrase e o homem magrinho já estava na porta da rua. Não teve outro remedio: o melhor, mesmo, era seguil-o e resignar-se, apesar de estar estafado de tantas correrias e tudo por causa daquelle sujeito. Já batêra umas mil chapas, naquelle dia. Mas, que queria? Eram os ossos da profissão... Aliás, Tristão sempre fôra assim: meio rispido, meio brutal, mesmo, quando andava preoccupado. Entretanto, e isso todos bem que o sabiam, como reporter, não havia alli, naquella cidade, quem se lhe comparasse. Tristão era o "homem das novidades", o homem das reportagens sensacionaes, o narrador de phenomenos alarmantes, que faziam o deleite e a curiosidade do publico, sempre sequioso de escandalos, de aberrações, de novidades. Era, além disso, desses jornalistas de sangue, que tudo arriscam e sacrificam para manter o nome do jornal sempre num nivel superior, disputando, para o seu vespertino a primasia de factos empolgantes. E era modesto, simples, sem a pretenção que lhe poderiam dar esses predicados. Não tinha grandes luxos; não porque fosse pobretão ou lhe pagassem mal; pelo contrario, os directores davam-lhe um salario invejavel, sem incluir as "cavações", que arranjava por fóra; mas tinha essa coisa terrivel que se chama "alma de artista", e mesmo, digamos, um pouquinho de vaidade espiritual, que o fazia exaltar-se e julgar-se um "super-homem". Elle dizia que — um homem não vale pela roupa que traz, como pelo physico ou pela belleza, mas pela intelligencia, pela cultura, e pela moral.

Pae e mãe, elle não os tinha, desde pequeno. Vivêra assim, sempre, aos trambolhões pelo mundo, rindo ou chorando, triste ou alegre. Tinha uma esposa, sim, que o amava talvez e talvez o detestasse. Não o sabia. Mesmo porque elle proprio lhe creava esse ambiente, com a sua intoleravel vida jornalistica, chegando em casa pela madrugada, quando não passava semanas sem ir lá... Mas Tristão dedicará-se de corpo e alma áquella insipida profissão; era escravo della, era o seu mais terno apaixonado: a imprensa era a sua grande namorada. Por isso, não menosprezava a esposa; gostava, mesmo, muito della e, ás vezes, quedava-se a pensar que não andava procedendo acertadamente, porque ella poderia julgal-o um homem sêcco e indifferente ao seu amor.

O joven conformou-se. Pensando melhor, Tristão não era tão mal assim. Apanhou a machina photographica e foi-se pela porta em fóra, assobiando uma "tune", em busca do amigo.

Tristão já o esperava na rua, com o automovel. Assim que o viu, saltou para dentro do vehiculo precedido pelo outro, que tinha um nome irrisorio: Tertuliano.

— Rua das Marrécas — disse Tristão ao *chauffeur*.

— Que ha?

— Nada. Um "criminho", apenas, e mais nada.

E accendeu um cigarro.

— Mas, vamos ao que serve: quem é a victima?

— Ora essa. Uma mulher. Não sei bem o nome, mas parece-me que se chama Lucia...

Neste interim, o carro chegára á rua das Marrécas, e o *chauffeur* perguntava em que ponto deveria parar.

— Numero 15, — respondeu Tristão.

Quando elles chegaram alli, havia uma grande multidão de curiosos agglomerada na porta. Murmurava-se, como de costume, sobre o caso.

A casa tinha uma regular apparencia, e mostrava o gosto do individuo que a habitava.

Tristão saltou lepido do carro e foi furando o povo com os cotovellos. Ao chegar na porta da casa, um guarda o deteve:

— Eh! amigo! Aonde vae com tanta pressa assim?

O joven tirou uma carteira do bolso, mostrou-lh'a e segredou-lhe qualquer coisa aos ouvidos. O guarda teve um gesto de espanto, e ia justamente fazer-lhe uma pergunta, quando o reporter, impaciente, correu para as escadas e subiu aos apartamentos da victima.

(*Continúa na pag. seguinte*)

Realmente, era um crime. Crime vulgar, barato, que acontece quasi todos os dias, e que, nos jornaes, já não occupam mais a pagina da frente. Tristão depressa se inteirou do occorrido: era um adulterio. A mulher trahira o marido, e este, ultrajado, ferido no seu amor proprio, no seu orgulho, despeitado, pespegou umas *chumbadas* nos dois farçantes. Tristão sorriu: era tão commum e banal aquillo... O mundo ainda não deixou de commetter estulticES. Tomou umas notas ligeiras e tirou uma photographia do cadaver. Prompto! Estava feita a "reportagem sensacional".

Na rua, elle foi explicando ao Tertuliano a asneira do marido enganado.

— Elle poderia ter agido de outra maneira — dizia. O pobre do homem é que não tem culpa de ter a mulher acceito a sua côrte. A ella é que cabia evitar esse mal. E olhe, Tertuliano, eu sou casado, mas, juro-te que jamais se daria uma coisa destas commigo. A minha mulher me tem sido fiel, mas, si um dia... oh, não quero, mesmo, pensar; só digo que seria horrivel.

— Que farias? Matál-a-ias?

— Não; peor, muito peor.

Tertuliano calou-se. Primeiro, porque não tinha esposa, e segundo porque ellas ou elles lhe eram indifferentes, desde que vivesse em paz e, ao fim dos penosos trinta dias, lhe dessem o necessario para tudo isso.

Tristão reflectiu um momento. Que tolice estar a pensar nessas coisas, quando, quem sabe?, talvez a pobrezinha áquella hora estivesse pensando nelle...

Era tarde, já. O movimento da cidade tornára-se intenso. O commercio cerrava as suas portas de aço e havia gente por toda a parte, em constante movimento. Havia, naquelle torvelinho humano, qualquer coisa de inquietação e do movimento dos oceanos. A cidade maravilhosa abria-se toda numa grande apotheose luminosa.

O Rio de Janeiro é majestoso á noite, quando a cidade verde faz correr os seus ferrolhos e deixa passar as multidões de operarios, apressados, e suados, numa ansia enorme de liberdade, de fuga. Estabelece-se, então, por uns largos momentos, uma balburdia atordoadora e vê-se gente correndo apressada para tomar o bonde, o omnibus, o trem, que chegam repletos, transbordantes, cortando velozmente a cidade em direcções diversas. Vê-se alli, então, nesses freneticos momentos, ainda que não tão nitidamente como em Paris, Nova-York, Londres, mas já bem accentuada, a vertigem de uma

A MULHER DO JORNALISTA

(Continuação)

civilização. A turba marcha, impassivel como uma cavalhada semi-selvagem, sem rumo certo, jogando, ora para aqui, ora para acolá, atropelando-se uns aos outros, grosseiramente, num anhelo crescente de avançar, de correr, de voar.

Foi justamente num desses momentos que Tristão entrou como um furacão pela redacção do "Diario do Povo", dirigindo-se immediatamente á sua mesa, aos fundos. Ia sahir a terceira edição. Havia alli uma agitação intensa. Era incrivel o movimento que reinava dentro daquella colmeia de gente. O borborinho, o falatorio e o barulho dos teclados ensurdeciam.

Silenciosamente, Tristão corrigiu a sua reportagem e sahiu desabaladamente. Aquelle movimento dos operarios e dos empregados do commercio produzira uma forte impressão no seu espirito. Começou a pensar na esposa. Pobrezinha! Era horrivel a vida que ella levava. Principiou a reconhecer que era seu esposo, e que precisava manter-se como tal. Elle queria experimentar a mesma alegria que os outros sentiam, ao regressarem ao lar, cansados, extenuados, com o suor a gottejar das frontes, mas sorridentes e felizes. Aquella felicidade, aquella alegria, elle não as conhecia. E mesmo, como não ficaria ella ao ver os outros maridos regressando, aos beijos e abraços com as esposas, e no emtanto... ella. Aquella vida devia ser terrivel. Quanta amargura, quanto desgosto, e, mesmo, quantas lagrimas a coitadinha não derramára, por sua culpa. Reconhecia-se plenamente culpado. Elle precisava deixar aquelle emprego nocturno. Aquelle diabo de emprego é que transtornava toda a sua existencia.

* * *

Entretanto, Tristão se enganára. Elle não sahira tão tarde como pensava. O aspecto sombrio do dia e a agitação das ruas, fizéra-o pensar assim, e só quando chegou na porta da casa é que notou isso, tendo visto as horas no relogio grande na torre de uma velha cathedral. Era, cêdo, na realidade. E, agora, lembrava-se que naquelle dia, elle disséra á esposa que, provavelmente, chegaria muito tarde; de madrugada, evidentemente. Tinha um negocio importante a tratar com o Atalibа. E' verdade, esquecêra tudo isso...

— Pouco importa! — dizia, de si para si. — Um dia a mais, um dia a menos. Que esperasse! Precisava descançar. Irra! Depois, teve uma idéa. Já que chegára cêdo, queria surprehender a esposa. Que estaria ella fazendo? Bordando? Cozinhando? Nunca lhe tivéra uma opportunidade dessas. E que idéa! Uma idéa ingenua que não tardaria a se transformar em uma idéa sinistra.

Tirou a chave do bolso e, vagarosamente, abriu a porta. Depois, foi entrando nas pontinhas dos pés, com o maior sigillo. Percorreu as salas: ella não estava em nenhuma. Foi á cozinha, á copa, ao quintal. Não havia ninguem. Então, elle subiu as escadas e foi ao seu quarto. Abriu a porta.

Si tivessem posto deante de Tristão o diabo, em pessôa, em carne e osso, mesmo, elle não teria ficado tão apalermado como naquelle momento. Que espanto! Parecia que lhe mostravam algum espectaculo tremendo, alguma aberração incrivel, um drama inedito. O fauno diabolico que o arrastára até alli devia andar áquella hora, rindo ou atiçando o fogo que crepitou no amago do reporter. De certo do quarto sahiram, ao mesmo tempo, um especie de grunhido e um grito, que poderiam se assemelhar a exclamações de assombro. Tristão escancarou a porta. Estava descerrada a cortina vermelha daquelle palco sinistro,

AS DESORDENS DO SYSTEMA DIGESTIVO

Basta pouco para causar uma desordem estomacal. Uma irregularidade involuntaria da meza pode provocar seja azedias, pesadumes, ardencias, dilatações, oppressão estomacal ou outros incommodos digestivos. São precisamente estes primeiros mal-estar que se não devem descuidar. São provavelmente todas as consequencias d'um excesso de acidez que leva á fermentação dos alimentos, á irritação das membranas mucosas delicadas do estomago e ás consequencias graves que podem sobrevir. Logo que se sinta a primeira indisposição digestiva, tome V.S. meia colher de café de Magnesia Bisurada n'um copo de agua. Este anti-acido tão bem conhecido neutralisa a acidez, facilita a assimilação dos alimentos durante a digestão e evita a inflammação das paredes do estomago. A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as pharmacias.

onde se representava, agora, a eterna tragedia do amor. A tragedia do amor... Como era engraçado isto! Alli, bem na sua frente, estavam os dois "sem-vergonhas": a sua ingenua esposa, a sua esposa angelical, aos beijos e abraços com... ah! o Holecase! O "dr." Holecase, o mesmo que se offerecêra para fazer o tratamento da mulher. Ah! o patife! o "descarado"! Que vontade de torcer-lhe o pescoço!...

Tristão pensou na sua situação. Não podia fazer um desatino. Seria ridiculo. Que não diriam depois os jornaes? "Tristão assassino!"... "Tristão, conhecido jornalista, assassinou hontem Fulano e Sicrano!". Não, não podia fazer isso. Passou-lhe pela mente o que dissera ao Tertuliano, naquella tarde. "Que farias? Matal-a-ias?". "Não! Peor; muito peor"...

Os dois culpados esperavam com uma ansiedade que bem se pode imaginar. A desgraçada mulher estava como que semi-pathetica: a sua profunda estupefação fizéra-a uma estatua. Que diabo teria soprado no ouvido do marido para elle voltar áquella hora? O instante era critico. Elles dois julgaram, mesmo que havia soado a ultima hora. Que iria o Tristão fazer? Matál-os-ia? Uma nuvem de sangue turvava os olhos do homem, e elle cada vez se julgava mais mesquinho, mais via a sua pequenez deante daquelle outro homem. Seria o seu fim? Não o sabia.

Tristão quebrou aquelle angustioso silencio, dirigindo-se ao homem:

— Suma-se! — disse elle, em tom peremptorio, — antes que eu lhe faça estourar os miolos!

O pobre homem parecia que tinha sido salvo de despencar em algum abysmo. Vestiu-se atabalhoadamente e raspou-se, sem esperar que repetissem a ordem.

Depois, dirigindo-se á mulher, elle rangeu:

— Boneca de lama... Serpente damnosa. Adultera! Eu poderia fazer agora o que os outros costumam fazer. Uma descarga de chumbo, só e nada mais. Liquidava o assumpto. Mas elles são os "pobres loucos", são as intelligencias podres, os tristes animaes sem alma, os cerebros moucos. Eu, não; eu sou o "super-homem"; sou superior á todas essas baixezas e ignorancias humanas, e devo mostrar-lhe, agora, toda a extensão do seu crime, toda a sua humilhante e mesquinha figura. Eu seria comparado a um irracional, a uma besta humana", porque sómente os irreflectidos e os loucos praticam acções taes. O seu corpo, a sua alma agora estão manchados,

A MULHER DO JORNALISTA

(Conclusão)

são impuros, e você não é mais "mulher", para mim. Mulher de lama... ah! os farçantes!

Ella não dizia nada. Estava muda. Estava morta. Tinha alli, presente, apenas o corpo; a alma lhe fugira completamente.

Depois, com voz sumida, elle ainda murmurou:

— E a pensar que eu sou o unico culpado...

Logo, porém, num gesto resoluto, sacou do revolver e apontou-o á cabeça, disposto a disparar.

A mulher segurou-lhe a mão.

— Não, não atire. Quem o merece sou eu. Eu é que sou a culpada e mereço este castigo. Eu te trahi, eu sou uma trahidora, eu sou uma "adultera".

E ia apertando o gatilho.

Tristão tirou-lhe o revolver de mão.

— Nem eu, nem você. O Destino é quem decide.

E ella continuou a viver. Viver? Talvez não seja bem o termo; digamos: morrer. Mas, daquelle dia em deante, a sua existencia se comparou á de uma vela. Dia para dia ia sumindo-se, atrophiando-se, morrendo aos poucos.

Uma noite, quando ella já estava estertorando, Tristão achava-se á sua cabeceira. Os seus olhos eram como dois pharóes apagados, taes como estavam, sem brilho, baços. Tinha, no corpo, osso, apenas; mais nada.

Num certo momento, Tristão via-a esforçando-se por dizer alguma coisa. Aproximou-se, attento. Ella estava despendindo-se da vida. Era uma moribunda já; mais um minuto e ella estaria do outro lado.

Num ultimo e penoso esforço, num rasgo de sentimento sobrehumano, achegou-se a elle e balbuciou umas palavras que fizeram com que Tristão se julgasse o mais mesquinho de todos os homens:

— Tristão, ouve, eu te amo...

E cahiu para um lado.

O pobre homem ficou como um louco. Beijava, abraçava, acariciava a esposa, e já agora dizia, a choramingar:

— Bêta, minha Bêta, tú és divina, tu és de crystal agora. Vive, para que eu possa viver, vive para que eu possa sorrir... Oh! "eu te amo"... Que tom maravilhosamente harmonioso, que melodia sublime, que, musica mais bella que a de Orpheu havia naquellas palavras, que se extasiára ao ouvil-as. Como se sentia pequeno, agora, deante da majestade daquelle cadaver!

— Oh, Destino ingrato! Agora que ella se tornára uma santa, tu m'a arrebatas! Infame, miseravel, tyranno, assassino! Chamem-me do que quizerem; sou eu mesmo o seu algoz, o seu criminoso.

Tristão olhou para o cadaver: elle tinha agora uma visão arrebatadora. Uma boquinha, já agora descarnada, abria-se toda num sorriso tão angelical, que fazia o homem ficar doido de dôr. Tomou, entre as suas, aquellas mãozinhas brancas como a neve, e sentiu-as frias. Seus olhos estavam cheios d'agua. Resmungava coisas desconexas, passeava de um lado para outro, inquieto; parecia ter enlouquecido.

Depois, teve uma idéa sinistra. Correu ao armario, apanhou um facão, e voltou para junto do corpo. Então, ajoelhou-se, e começou a rir e a rasgar as veias do pulso. E como elle ria! Que alegria feroz dominava aquella pobre alma!...

No dia seguinte, pela manhã, as pessôas que arrombaram a porta do apartamento tiveram um grito de horror. Dois cadaveres, sorridentes, abraçavam-se. Um delles era o Tristão, com os pulsos todos ensanguentados, arrebentados; o outro era uma mulher, a "boneca de lama", a serpente damnosa, a adultera, a mulher do Tristão...

A HONRA DOS MALCOLM

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

CAPITULO I

ACUDA-ME, SHERLOCK HOLMES!

Harry, meu caro, disse Sherlock ao seu ajudante e amigo Taxon, vamos fumar ainda uma cachimbada, aqui, ao pé do fogão, onde se está admiravelmente, num fauteuil. Depois ir nos-emos deitar. Estes ultimos dias tem sido de incrivel trabalheira, e uma noite de descanço, não será demais.

Harry Taxon foi buscar os cachimbos, que poz ao alcance do mestre, quando este fez signal de escutar:

— Ia jurar que estão chamando ao telephone!

— Parecia-me que o senhor tinha dependurado os receptores...

— Effectivamente. Precaução necessaria contra os curiosos e indiscretos. Mas, em caso de grande necessidade, a pequena sabe que pode servir-se do outro despertador, que preparei especialmente para o fim. Nã me engano não: tocam a campainha!

Shrlock Holmes levantou-se logo, e dirigiu-se ao quarto contiguo, onde um timbre envolvido em algodão deixava ouvir uns sons abafados.

Pegou no receptor:

— Quem está? Aqui, Sherlock Holmes.

— Pelo amor de Deus, senhor Holmes, venha immediatamente, respondeu uma voz de mulher, a tremer de susto. Sou Mary Malcolm.

— Ah! lady Mary! Vou já. Que aconteceu?

— Não posso dizer-lhe ao apparelho... Venha o mais depressa possivel. Corro perigo de vida! Cada minuto pode...

E a voz cessou de repente.

Sherlock Holmes percebeu o ruido d'uma queda e o gargarejar de uma respiração difficil. Correu para o compartimento de onde tinha sahido.

— Dá-me o pardessus, Harry! Os meus dois revolvers! Estarão carregados? Abre a porta. Leva luz á escada.

Estas ordens, deu-as elle de modo imperativo. Nunca Taxon tinha visto o mestre tão excitado. E, emquanto o acompanhava, levando na mão uma lampada electrica, perguntou-lhe:

— Que ha de novo, sr. Holmes? Qué é que vae?

— A casa de lady Malcolm, respondeu Sherlock, descendo a escada a quatro e quatro. Sabes? Russel-road. Não sei o que terá acontecido. Segue-me immediatamente. Leva tudo que é preciso, e espera debaixo da janella que eu apite.

As ultimas palavras perderam-se já ao longe: galgava a rua á toda a força das suas pernas, para entrar na proxima encruzilhada onde julgava encontrar um carro.

— Ah! ah! murmurava Harry Taxon, subindo ao seu quarto para se preparar. Lembro-me agora que o mestre consagra especial affeição a esta lady Malcolm. Isto data do tempo em que ella ainda era simples cantora, e de excellente reputação. Essa mulher era formosa como um anjo. Deus queira que lhe não tenha succedido alguma desgraça!

Sherlock Holmes tratava, entretanto, de procurar uma carruagem, que não encontrava. Desde meio dia que Londres estava envolvido num espesso nevoeiro.

Ninguem pode fazer idéa do que seja o nevoeiro de Londres; mesmo quem tiver conhecido o dos Alpes e do mar alto, não viu coisa parecida a esta muralha escura, invencivel, em que não é possivel distinguir a mão no extremo do braço estendido.

Sherlock Holmes proseguia o seu caminho sem perder tempo em pesquizas inuteis. Meia hora depois, chgava elle a Russel-road.

O espaçoso largo, plantado de arvores, parecia dormir no silencio da noite.

Não se ouvia rodar de carros, nem outro qualquer ruido. Ninguem se aventura a andar pelas ruas com uma noite daquellas.

Seria arriscar a vida.

Sherlock Holmes só conseguiu orientar-se com o auxilio de uma bussola, e pelo seu instincto prodigioso. Soltou um suspiro de allivio, quando o fuzeiro mais vivo dos reverberos lhe fez suppôr que havia conseguido o fim.

A casa dos Malcolm era construida mesmo ao centro da praça, tendo nos flancos direito e esquerdo um vasto jardim. Apesar das trevas, distinguia-se das outras casas inglezas pelo seu estylo particular.

Parecia-se com um castello á franceza, e uma entrada, com dois leões de pedra aos lados, conduzia á porta principal do edificio.

Quando Sherlock Holmes chegou, a deitar os bofes pela bocca, notou que essa porta não estava completamente fechada e deixava passar pela fisga entreaberta uns raios de viva luz.

Em dois pulos, chegou ao atrio, e empurrou a porta. No pateo não havia ninguem. Era um profundo silencio.

O policia sentiu-se angustiado. Respirando com difficuldade, entrou no primeiro compartimento contiguo ao vestibulo. Ali, tambem, nem um signal de vida.

Corria-lhe pelo corpo todo um suor frio. Não havia que duvidar... Mary desapparecera. Teria sido victima de algum crime?

O compartimento estava muito illuminado, como a salinha proxima, com lampadas electricas.

Sherlock entrou, a tremer.

— Lady Mary! disse elle em voz baixa, está aqui?

Ninguem respondeu.

Não se ouvia o minimo rumor.

Mas, ali... naquella marqueza... estará alguem deitado?

O policia aproximou-se.

Sobre os almofadões havia uma coberta de seda, sob a qual parecia avultarem os contornos de uma forma humana.

Com o coração aos pulos, Sherlock Holmes curvou-se para a chaise-longue e tirou a coberta.

Um surdo gemido lhe subiu aos labios. Deparara-se-lhe o corpo de lady Mary Malcolm!...

Estava morta! Sem duvida nenhuma.

Muitissimas vezes havia assistido a semelhantes espectaculos, para ter a certeza de se não enganar.

Mas, quando viu que os soccorros chegavam tarde, que se commettera um crime, os seus instinctos de policia despertaram.

Recuperou a paz de espirito e serenou.

Rapidos, como o relampago, um sem numero de pensamentos lhe atravessaram o cerebro.

Sabia que lord Malcolm, o marido da desventurada victima tinha partido em viagem de recreio para a França, que o acompanhara um antigo companheiro de collegio, e que lady Mary, devendo seguil-os, não poude fazel-o por momentanea indisposição.

Alem disso, as relações entre os dois esposos, sem terem conservado a ternura dos primeiros tempo, eram, ainda assim das mais amistosas.

O lord não tivera ainda motivo de arrapender-se da sua união com a linda cantora, se bem que o casamento fosse contra vontade de seus paes.

Elle havia de sentir profundamente a morte da esposa. Mas, era conveniente que se lhe enviasse, immediatamente, a triste nova.

Sherlock Holmes demorou-se um pouco junto ao cadaver. Os seus olhos de aguia averiguaram que não havia nelle contusão, nem signal de instrumento perfurante, e que, somente, a pobre senhora fôra horrivelmente estrangulada.

Tornou a cobrir dlicadamente o corpo sem vida, e tratou de explorar os outros compartimento da casa.

Em todos elles havia luz electrica, tudo illuminado. Na sala de jantar, ainda estava a mesa posta, com dois talheres: um servido, outro intacto.

— E' estranho, isto! murmurou Sherlock Holmes, proseguindo febrilmente nas suas pesquizas. Pelo que observo, lady Mary esperava um conviva que não veio. Pôz-se á mesa só e telephonou-me muitissimo tarde, quando viu o perigo. Mas onde diabo estarão os seus creados?

Foi á cozinha; estava vazia, assim como o quarto da cozinheira e da creada de fóra.

Passando uma rapida vista de olhos por este quarto, percebeu que as duas mulheres teriam ido a um baile ou a qualquer divertimento, pelas fitas, plumas e outros enfeites, que por alli havia desordenadamente espalhados.

— Fitas! pobre lady! que senhora tão boa, e, tambem, tão imprevidente! provavelmente deu-lhes licença para sahirem, e, ella, teria ficado só, ao desamparo!

— E o tratante do Pedro? Sei que o lord, quando sahia deixava esse creado de guarda á casa.

— A sua ausencia é inexplicavel!

Sem perder um instante, voltou á sala de jantar, onde estava o telephone.

Procurou na lista o posto de policia mais proximo. Quando lhe deram a communicação:

— Está? sou Sherlock Holmes, 13-15! Mande-me immediatamente homens e um medico a casa do lord Malcolm Russel-road.

— Que aconteceu? perguntaram.

— Um crime. Despache-se!

Mas o agente de serviço era prudente.

— Não é a primeira vez que nos chamam em nome de Sherlock Holmes, por coisas insignificantes, quando não é brincadeira. Dê-me a prova da urgencia do seu pedido, ou não mando ninguem.

A resposta foi tão categorica, que o empregado, com medo, obedeceu immediatamente.

— Quem é o asno chapado que está no apparelho? Não comprehendeu? 13 15! Não sabe que é o numero de hoje.

— Ah! desculpe, senhor Holmes; os homens vão já. E um medico tambem?

— Já disse. Que bello serviço! Um medico e depressa: assassinaram lady Mary Malcolm.

— Assassinada!

Ai! Não havia nada mais verdadeiro! Sherlock voltou á casa mortuaria; desatacou os vestidos e procurou o sitio do coração para ver se o sentia palpitar. Inutil tentativa! A vida desamparara para sempre esse corpo joven e encantador.

No pescoço, branco de neve, nem um signal de violencia. Só na larynge é que descobriu duas ecchymoses azues e profundas.

Deteve-se um instante e murmurou:

— O selvagem assassino commetteu o crime com as mãos. Mas, não foi aqui, nesta marqueza. Não; a victima está deitada numa posição naturalissima e graciosa. Vamos ver se descobrimos onde o caso se deu.

Foi á janella, abriu e apitou. Segundos depois, responderam com o mesmo signal.

Harry Taxon estava no seu posto.

— Sobe, Taxon, disse-lhe Sherlock com voz rouca.

Ao som desta voz percebeu o rapaz que alguma coisa grave se tinha passado.

Correu e penetrou no pateo ao mesmo tempo que o mestre ahi chegava.

— Está morta, disse-lhe este.

— Céos! assassinada?

— Assassinada, estrangulada! Está deitada de ilharga, no seu boudoir. Ali, nada se vê fóra dos seus logares; perfeita ordem. O assassinato deu-se por força em outro sitio. Vamos ver se descobrimos na casa alguns vestigios de luta e violencia.

Taxon seguiu Sherlock por todos os compartimentos, esforçando-se por imitar o socego e sangue-frio do mestre.

— Ella telephonou-me pouco anets de morrer, disse-lhe este com modos indifferentes na apparencia, e foi interrompida no meio da communicação. O hospede que a assassinou, estava já sem duvida em casa, quando a desgraçada correu ao telephone para chamar-me em seu auxilio.

O policia foi de novo ao apparelho.

Ainda desta vez não descobriu nada. Nem o tapete que cobria o soalho, nem as cadeiras, pouco desviadas dos seus logares, accusavam qualquer signal de luta.

(Continúa na pag. seguinte)

— Mas cá na casa ha outros apparelhos, pensou alto o policia. Vae ver se os encontras, Taxon, e examina-me tudo isso muito bem.

Quando o moço sahiu, Sherlock Holmes pegou, com sentimento de profunda emoção, no copo meio de vinho que ainda estava na mesa.

— Não ha uma hora que os seus labios tocaram as bordas deste copo, murmurou elle. Com este liquido beberei o que restou do seu pensamento!

Levou o copo á bocca, mas logo o desviou com um vivo movimento de repulsão.

Cheirava multissimo a tabaco, e só um emerito fumante teria sido o bebedor.

— Lady Mary não bebeu por elle: foi um homem com toda a certeza! Não foi ella que esteve alli sentada; foi o seu hospede. Nem provou a comida. Mas sentou-se defronte delle, porque a cadeira está um pouco desviada da mesa. Ah! Apenas partiu uma migalha de pão.

Sherlock poz-se então de joelhos e foi de gatinhas á roda da mesa. Só descobriu uma coisa insignificante, no sitio do tapete, no sitio onde o conviva teria posto os pés: um bocado de palha.

Pegou-lhe com muito cuidado e examinou-o minuciosamente.

— E' palha de aveia, pensou elle. Palha de aveia... nem todos os cocheiros a usam... Mas, alguns... Afinal o homem podia muito bem trazel-a da rua. Mais natural é suppor que veiu de carruagem. Pensaremos nisto...

— Mestre, chamou Taxon, do pateo, quer chegar aqui, se faz favor?

— Descobriste alguma coisa, meu filho?

— Não sei que importancia isto possa ter.

— Não sei que importancia isto possa ter. E' um bocado de papel entre o apparelho e a parede.

Sherlock pegou no papel. Só poude ler estas palavras: "Hotel do Globo".

— Louvado seja Deus! disse elle, pulando de contente: eis provavelmente a chave do enigma!

Taxon não disse nada. De tal modo se habituara a ver o mestre tirar de nada consequencias extraordinarias, que fez proposito de não procurar comprehender coisa nenhuma.

Na rua ouviram-se passos de uma patrulha que se aproximava.

— E' a policia, disse Sherlock. Naturalmente, não vem cá fazer nada. E' necessario que eu fique para lhe dar instrucções. Tu, vaes daqui ao Hotel do Globo, o novo Hotel. Pede ao porteiro a lista de todos os viajantes que lá estão, e dos que já sahiram. Trazes comtigo o meu cartão de identidade?

— O meu será bastante, respondeu Taxon, um pouco despeitado.

— Bom, vae. Voltarás aqui, que eu só fico até amanhã.

Ouviu-se a campainha electrica da porta da rua. Sherlock foi abrir a porta á policia, que chegou.

CAPITULO II

VESTIGIOS CONFUSOS

O medico, que a patrulha trazia, viu logo que era inutil qualquer soccorro. Fez, entretanto, com que levassem a morta para o seu quarto, e entregou-se a energicas tentativas de a chamar á vida.

As manchas azues do pescoço eram profundas, mas pouco longas.

— São signaes de pollegar, disse Sherlock, que, com o semblante sombrio e impenetravel, assistia ao doutor, disposto a ajudal-o nos seus esforços. O assassino, quem quer que fosse, não é homem vulgar. Tem os dedos muito compridos e ponteagudos.

— Mas uma mulher, replicou o doutor, não teria força para matar outra, desta maneira.

— Eu não disse que fosse mulher, respondeu Sherlock, em tom aspero.

Tres homens ficaram de guarda ao palacio. Os outros, de reforço, ás ordens.

O proprio policia subiu ao aposento de Pedro, o criado desapparecido. Era um quarto limpo e bem arranjado, onde nada havia que pudesse explicar a ausencia desse homem a quem lord Malcolm havia confiado a guarda da sua mulher e de sua casa.

Era já noite. As criadas não tinham regressado do divertimento aonde tinham ido na vespera.

— Se eu tivesse o endereço do lord! disse Holmes para o commandante da força policial, que, pallido e sem dizer palavra, passeava pela casa toda. Se elle recebesse um telegramma agora, podia cá estar ainda hoje; sei que está em Paris.

— E' preciso interrogar os criados. Elles devem saber onde o patrão costuma se hospedar. Mas não ha outro remedio senão esperar que cheguem.

Ao dizer isto, aproximou-se da janella e olhou para fóra. E esperava anciosamente o discipulo. Os primeiros raios do sol pareciam querer desfazer o espesso nevoeiro.

Aproximavam-se duas silhuetas de mulher, embuçadas em amplos mantos.

Eram Betsy, a criada de quarto, e Polly, a cozinheira. Pararam, espantadas por verem ainda luz em casa.

— Que quererá isto dizer? diziam ellas, uma para a outra, muito longe de desconfiar que Sherlock as espiava. Porque haverá ainda luz em casa?

— Provavelmente, a senhora não se deitou outra vez. Ella soffre, coitada, disse Betsy.

As duas raparigas abriram a cancella que dava para a entrada lateral da casa.

Mas, apenas tinham entrado no quarto, um grito de medo se lhes soltou dos labios. Acabavam de avistar, um policia, que lhes perguntava:

— Donde é que vêm? Porque abandonaram a casa esta noite?

Aniquillavam-as o terror da policia.

— Tinhamos licença de sahir. Nós não fizemos mal a ninguem!

A porta tornou a abrir-se e appareceu Sherlock.

— Dê-me licença que eu fale a estas raparigas, disse elle, fazendo signal ao policia para sahir.

Depois, voltou-se para ellas.

— Aconteceu uma grande desgraça. A senhora está... ferida!

As mulheres soltaram outro grito. Sherlock adquiriu a certeza de que ellas não eram conniventes no crime.

— Vocês vão contar-me exactamente o que se passou aqui hontem: quem era que Mylady esperava, que visita recebeu, antes de sahirem. Digam-me lá isso depressa, e tudo que sabem a esse respeito.

— Eu cá não sei nada, lamentava-se a cozinheira, que se deixou cahir numa cadeira, a morrer de susto.

— E a menina Betsy, sabe qualquer coisa? Antes de mais nada, diga-me o endereço de lord Malcolm, para que eu possa enviar-lhe um telegramma!

(Continúa na pag. seguinte)

— Paris, Elysée-Paris-Hotel, respondeu ella quasi automaticamente. Mas, pelo amor de Deus, que foi que aconteceu á minha querida senhora?!...

— Foi assassinada, respondeu o agente de policia secreta, destacando as syllabas.

As duas mulheres deram um sentido e forte grito, e refugiaram-se a um canto do quarto, como se as ameaçasse um grande perigo.

Sherlock franziu o sobr'olho:

— Não se façam de creanças pequenas, disse elle. Se não querem soffrer incommodos, respondam claro e só a verdade.

Dizia isto ás mulheres, e tirava da algibeira um impresso de telegramma, em que escreveu:

"Lord Malcolm. Paris. Elisée Palace. Venha immediatamente. Esposa ferida. Sherlock Holmes".

— Leve isto, já, ao telegrapho, disse elle, dando o despacho ao policia, que esperava atraz da porta. Depois voltou-se para Betsy:

— Vamos, conte lá isso. Que se passou hontem cá em casa?

— Milady tinha-nos dado licença de passar a noite no baile da Sociedade das Corôas. Disse-me que puzesse dois talheres á mesa: esperava uma amiga.

— Quem era essa amiga?

— A senhora não disse. Provavelmente, era uma que vinha cá, sempre que Mylord estava ausente.

— Quer dizer com isso que sua ama tinha segredos para o marido?

— Não, ora essa! Vae ver: Lord Malcolm não fazia caso nenhum dos parentes e dos antigos conhecimentos e amigos da senhora, e ella recebia-os na sua ausencia, sem que elle ignorasse isso; porque a minha senhora não tinha segredos para o marido.

Veja lá bem, Betsy; a menina sabe mais alguma coisa: Mylady empenhava-se em guardar segredo dessa visita; a não ser assim, não daria licença para sahirem as duas.

— E' que Pedro ficava!

— Pedro tambem cá não estava, quando se deu o caso. Quando eu cá cheguei, era meia noite, estava a porta aberta, e o Pedro não deu signal de si!

Betsy empallideceu ainda mais.

— Meu Deus! tambem elle seria victima de alguma desgraça?

— Porque julga isso? O seu quarto está em ordem. De certo sahiu sem licença, julgando que não haveria novidade.

— Oh! Sr. Sherlock, que idéa faz do Pedro! Ao fogo era elle capaz de lançar-se pela senhora!

— Diga-me, Betsy — a verdade, hein? — Beberia elle em demasia, uma vez por outra?

— Não mais que outro qualquer. Desde que o conheço, nunca o vi bebedo!

— E amantes, teria alguma?

— Oh! senhor, com aquelles cabellos brancos!...

— Pois, sim; mas, como explica a sua ausencia? Betsy impertigou-se.

— Já o senhor o procurou bem? Foi ao sub-solo?

— Ainda não fui, porque estava fechada a porta. Podemos agora lá ir; mas, não está.

— Vejamos sempre, senhor Sherlock. Na adega ha a machina de aquecer agua para a sala do banho e o gabinete de toilette. Pedro é que tratava disso.

Betsy caminhou para a porta. Mas Sherlock segurou-a pela manga.

— Já lhe disse que a cava está fechada.

— Nunca esteve! Quem a fecharia?

Pensando que alli encontraria outro cadaver, o policia decidiu-se.

— Venha commigo, Betsy, e a menina tambem, Polly. E dir-me-ão se encontram alguma coisa fóra dos seus logares.

Nada se encontrou deslocado na adega. Sómente a porta que dava para o calorifero, sempre aberta, estava fechada.

Muito sereno, Sherlock tirou da algibeira um instrumentosinho de aço, delicadamente trabalhado e metteu-o na fechadura. A porta cedeu logo.

O quarto estava vazio.

Tambem alli não havia signaes de luta. A ausencia de Pedro tornava-se inexplicavel, e cada vez se avivava mais no espirito de Sherlock a idéa delle ter participado do crime.

As duas creadas que se desfaziam em lagrimas pediram licença para ver a sua senhora morta. Tambem quizeram ir á sala de jantar para se certificarem de que nada havia sido mudado.

Betsy fez reparo em que o logar em que a ama costumava sentar-se, não tinha sido occupado.

— Então a senhora só quiz servir-se de uma refeição fria? perguntou Sherlock.

— Mylady jantou ás sete horas; para dizer a verdade, quasi que não comeu nada, o que muitas vezes acontecia. Deu-me ordem para preparar-lhe qualquer coisa, caso tivesse appetite. Trouxe-lhe um pastel, um frango frio, e outras insignificancias, com o competente vinho. Mylady costumava estar levantada até muito tarde, e, quando lhe parecia, comia alguma coisa.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)..... 48$000
Semestre (26 »)..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)..... 70$000
Semestre (26 »)..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)..... 78$000
Semestre (26 »)..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)..... 115$000
Semestre (26 »)..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Levindrey Rue Trenchet, 3 — France — Paris VIII Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

Um Verdadeiro Supplicio

Rheumatismo

O rheumatismo, edemas articulares, a rigidez dos musculos, as dôres nas costas de que se queixam tantas pessoas, têm frequentemente sua origem no proprio sangue. Toxinas se accumulam e são arrastadas pela circulação a todas as partes do corpo, excitando os nervos, que fazem repercutir no cerebro as dôres. Emquanto estas toxinas e venenos permanecem no sangue, os soffrimentos persistem.

E' necessario que os rins eliminem do organismo essas impurezas. Basta activar e conserval-os em bom estado de funccionamento. Com este fim, aconselhamos um curto tratamento com as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Estamos certos de que seu medico dará a V. S. sua opinião sincera sobre o valor destas pilulas. Consulte-o, pois, sobre a efficacia da nossa formula.

Afim de que V. S. possa conhecer as Pilulas De Witt antes de compral-as, convidamol-o experimentar este medicamento livre de despezas. Para isto, V. S. não terá mais do que encher e enviar-nos o coupon abaixo.

PILULAS

DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS *e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.*

O seu medico sabe o quanto são bôas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd.
(Dept. R165), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço...

....

..... em envelope aberto, sello 20 Reis .....

CASA DE SAUDE
DR. FRANCISCO GUIMARÃES

Rua Aristides Lobo 115

Tel. 21266

Diarias desde 15$000

Quarto particular desde 30$000

ORF-LÉNE
TINJE
CABELLOS BRANCOS
nas seguintes côres:
Louro
Bronzeado claro
escuro
Castanho claro
natural
bronzeado
pouco escuro
escuro
Prêto